

TRIGUEIRINHO

# A Energia dos Raios em Nossa Vida

Pensamento

16ª edição  
revisada  
pelo autor

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# A Energia dos Raios em Nossa Vida



TRIGUEIRINHO

A Energia dos Raios  
em Nossa Vida



Editora  
Pensamento  
SÃO PAULO

Copyright © 1987 José Trigueirinho Netto  
Copyright © 1987 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto revisto segundo o novo acordo  
ortográfico da língua portuguesa

16ª edição 2016

Capa: Ana Regina Nogueira

*Os recursos gerados pelos direitos autorais de todos os livros de  
Trigueirinho são revertidos na manutenção de centros espirituais.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trigueirinho Netto, José  
A energia dos raios em nossa vida /  
Trigueirinho. – 16. ed. – São Paulo: Pensamento, 2016.

ISBN 978-85-315-1955-0

1. Energia. 2. Esoterismo. 3. Parapsicologia.  
4. Radiestesia. I. Título.

16-08526

CDD-133.323

Índices para catálogo sistemático:

1. Radiestesia : Parapsicologia 133.323

---

Direitos reservados  
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.  
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP  
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008  
E-mail: atendimento@grupopensamento.com.br  
<http://www.editorapensamento.com.br>  
Foi feito o depósito legal.

---

*Aos que buscam  
o conhecimento intuitivo*





# SUMÁRIO

A QUEM LER ESTE LIVRO 9

## APRESENTAÇÃO

*Os raios* 13

## O QUE ABRE A PORTA

PRIMEIRO RAIOS: VONTADE-PODER

*Parar de pedir* 23

*Quando a vontade atua* 33

*O temperamento de vontade-poder* 45

## O ÍMÃ CÓSMICO

SEGUNDO RAIOS: AMOR-SABEDORIA

*Histórias de amor-sabedoria* 57

*O que a sabedoria traz* 69

## O SENHOR DO EQUILÍBRIO

TERCEIRO RAIOS: INTELIGÊNCIA ATIVA

*Transformação da atividade* 83

*Qualidades e ilusões da pessoa ativa* 99

## O GRANDE INTERMEDIÁRIO

QUARTO RAIOS: HARMONIA DE OPOSTOS

*Realidade intuitiva em um grupo* 113

*O homem no quarto escuro: um símbolo* 123

### **O CUSTÓDIO DO SEGREDO**

QUINTO RAIOS: CONHECIMENTO CONCRETO

*Nossa mente superior e a outra mente* 135  
*Contatos com a alma e a cura da incerteza* 149

### **O GUERREIRO QUE MARCHA**

SEXTO RAIOS: DEVOÇÃO-IDEALISMO

*Estágios da devoção* 161  
*A energia persistente* 171

### **A CHAVE DO MISTÉRIO**

SÉTIMO RAIOS: ORDEM E ORGANIZAÇÃO

*Uma gota no oceano* 183  
*A consciência em liberdade* 191

### **RAIOS, INTUIÇÃO E VIDA INTERIOR**

*A descoberta dos raios: o fator fé* 203  
*Os raios e a vida interior* 217

## A QUEM LER ESTE LIVRO

DISSE UM moderno pensador que, no futuro, se dará ainda maior ênfase ao estudo das energias, das vibrações, dos centros do corpo humano e dos raios, e que os esoteristas autênticos irão enfocar mais intensamente sua atenção no guia oculto em cada ser. Este livro reúne essas tendências e abre caminho para outras descobertas no campo espiritual.

O estudo dos raios é instrumento para a busca interior. Somos manifestações de energias, ou raios, e esse será um ponto central da psicologia futura. Procuramos aqui tratar o assunto o menos teoricamente possível, a fim de torná-lo mais acessível, dada a premente necessidade de conhecimento interno que existe hoje.

Durante um ano, palestras sobre os sete raios foram realizadas e gravadas ao vivo. Desse material foi retirado este livro e também coleções em áudio, que percorreram o Brasil e alguns outros países.

Portanto, este livro é fruto da vivência e do contato com as energias dos raios, inclusive em sonhos, embora, como referência, tenha-me valido de obras clássicas sobre o assunto e utilizado alguns exemplos retirados dos arquivos universais disponíveis aos clarividentes.

Fatos da vida cotidiana e do processo interno de várias pessoas foram citados como exemplos, porém, mantendo-as no anonimato. Alguns deles foram velados ou moldados às necessidades trazidas pelo tema em si, fazendo com que seus protagonistas permanecessem irreconhecíveis para o leitor.

Diante do crescente interesse pelo assunto, e após sucessivas edições deste livro, fomos convidados a revisá-lo, o que procuramos fazer sem alterar a sua energia original. Esclarecemos ainda que este texto aborda os raios percebidos pelo homem nas últimas décadas, mas que agora estamos nos coligando com outros desdobramentos deste tema. Portanto, esta obra representa uma introdução adequada a esse assunto, ao qual retornaremos em um próximo livro. Não fossem as bases aqui lançadas, não poderíamos mergulhar em reflexões mais profundas sobre a energia dos raios, que se fazem gradualmente próximas e acessíveis, revelando aspectos sempre mais amplos do seu trabalho sobre os indivíduos, sobre o Sistema Solar e sobre o próprio Cosmos.

**TRIGUEIRINHO**

## **APRESENTAÇÃO**

*Nosso estado de consciência  
determina nossa experiência.*

JOEL GOLDSMITH



## OS RAIOS

OS RAIOS SERÃO a base da psicologia no futuro e neles se fundará o conhecimento do homem. Aquilo que designamos como raios são expressões de energia. Dizer que somos expressões de raios significa que existimos como manifestação dessas energias. Cada um de nós, cada planeta, cada Sistema Solar é expressão de raios. Entretanto, em um nível ainda mais profundo, existe algo de um mistério insondável.

Os raios são chamados na Bíblia de "os Espíritos diante do Trono de Deus" e são assunto ainda misterioso para a mente atual. Com o início da Era de Aquário, começou certa compreensão a respeito da natureza e da experiência desses raios. Durante esta leitura, vamos relaxar nossa mente e abandonar, por uns momentos, o trivial, com o qual lidamos todos os dias, e procurar entrar em um campo mais amplo de vida.

Este Sistema Solar não é o único nem o mais evoluído do Cosmos; é apenas um, dentre os infi-

nitos manifestados. Imaginemos, então, um grupo de apenas sete sistemas solares, cada qual canalizando um raio, que é a sua "alma", a sua vida ou a sua qualidade essencial.

O Sistema Solar onde vivemos é expressão do segundo raio cósmico, também chamado a energia de amor-sabedoria. Para nós, que somos parte deste sistema, o segundo raio cósmico é fundamental e básico, sendo a sua energia de amor-sabedoria a regedora de tudo nos limites do sistema. Essa energia nos tem sido apresentada por seres avançados, que trouxeram consigo características bem evidentes desse amor cósmico em proporções cada vez maiores nas várias etapas pelas quais o mundo tem passado. Evidentemente, essa energia fundamental não é uma pessoa ou um indivíduo, nem precisa estar ligada a religiões conhecidas ou à idolatria. Hoje, ela é claramente perceptível até o nível etérico do planeta e já tem reflexos no plano físico.

O amor-sabedoria, de nível cósmico, ao expressar-se neste Sistema Solar, subdivide-se em sete energias, as quais, neste estudo, chamamos de os sete raios neste estudo. Por enquanto, pouco sabemos dos vários raios cósmicos que se manifestam em outros sistemas solares. O que conhecemos mais especificamente é o do amor-sabedoria, que está presente em tudo e em todos neste nosso sistema.



Para efeito de estudo introdutório, essa energia cósmica está subdividida em sete raios:

VONTADE-PODER

AMOR-SABEDORIA

INTELIGÊNCIA ATIVA

HARMONIA DE OPOSTOS

CONHECIMENTO CONCRETO

DEVOÇÃO-IDEALISMO

ORDEM E ORGANIZAÇÃO

Os estudos que faremos a seguir referem-se a essas sete subdivisões do segundo raio cósmico, configuradas no esquema da página 17.

Até o final do seu ciclo de manifestação, este Sistema Solar está destinado a exprimir de forma plena a energia que constitui sua própria essência. Gradativamente, o amor-sabedoria vai se irradiando através de tudo que existe, até tornar-se, finalmente, uma revelação completa em todos os níveis de consciência.

Quando pensamos que estamos amando, na verdade estamos vivenciando apenas um reflexo desse amor-sabedoria cósmico. Isso explica por que não ficamos satisfeitos com a nossa própria capacidade de amar (ainda limitada), pois o amor deve ir se revelando aos poucos, como energia, em todo o Sistema Solar em evolução. Sentir-se incompleto faz parte do processo de realização de todo o sistema.

Tudo o que nos leva para o egoísmo e para a separatividade é contrário a essa grande corrente evolutiva. Nesta época, precisamos já ir tomando consciência da nossa própria unidade com o Todo.

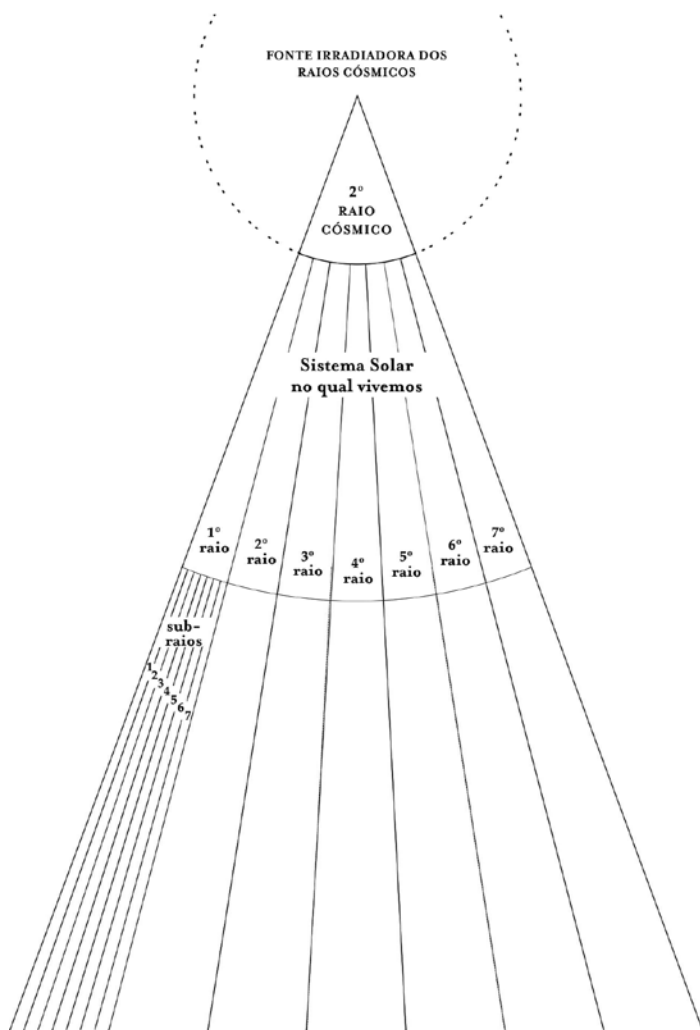
Com a revelação dos raios, a psicologia terá um rico florescimento, passando do atual estágio de conhecimento do homem para o estudo de aspectos mais profundos e internos. A ciência dos raios abrange não só a forma, o funcionamento e a aparência, mas, principalmente, a essência de nossa vida, no nível mais profundo que se possa atingir.

\* \* \*

Os sete raios, subdivisões do amor-sabedoria cósmico, manifestam-se ciclicamente, apesar de estarem sempre presentes em níveis profundos e atuantes em diferentes setores do Sistema Solar. Os ciclos de manifestação desses raios têm fases de maior e de menor intensidade, o que não significa uma total ausência, uma vez que eles são a base energética do sistema. Dizemos, então, para maior clareza, que há períodos em que alguns raios estão plenamente ativos e outros não. Isto, entretanto, não quer dizer que os não ativos estejam ausentes, mas sim que cumprem outros ciclos, ou seja, estão tratando de uma manifestação mais distante da nossa atual percepção.

\* \* \*

**DIAGRAMA REPRESENTATIVO DAS  
SUBDIVISÕES DO SEGUNDO RAIÓ CÓSMICO**



Uma pessoa pode manifestar todos os raios, embora nem todos se expressem nitidamente. Há em nós muito mais energia em circulação do que podemos imaginar – somos entidades complexas, seres riquíssimos, como podemos constatar por meio de nossa própria experiência e observação.

Manifestamos diferentes raios nos diferentes níveis do nosso ser: nos corpos físico, emocional e mental, na síntese da personalidade, na alma e na Mônada (ou espírito, como é chamado esse nosso núcleo consciente no plano cósmico). Os nossos centros etéricos, os órgãos do corpo físico, o país onde encarnamos e a humanidade como um todo são também regidos por raios. Para descobrirmos esses raios, é necessária certa autodisciplina, que podemos desenvolver principalmente nos tempos modernos, em que a energia da ordem e organização – o sétimo raio – está muito ativa no planeta.

\* \* \*

Nos capítulos que se seguem procuraremos refletir a respeito da energia específica de cada um dos sete raios, o que facilitará o seu reconhecimento. Para isso, convidamos o leitor a observar os tipos de energia que se manifestam nos corpos da sua personalidade: o físico, o emocional e o mental. Neles, os raios são mais evidentes do que nos níveis mais profundos do ser. Procure pesquisar, você mesmo,

suas próprias características, percebendo-as, intuindo-as. Após descobrir a energia de um desses corpos, procure manifestar, por intermédio dele, com suas ações, sentimentos e pensamentos, outras energias, que são sempre sub-raios do raio principal atuante. Isso possibilitará que o corpo trabalhado se vá tornando maleável, adaptável e cada vez mais útil ao serviço da energia criativa que está na sua essência.

Quando os corpos físico, emocional e mental manifestam livremente seus respectivos raios, começa a emergir o raio da personalidade. Depois, à medida que a personalidade faz o alinhamento com a alma, emerge o raio da alma. Após uma evolução mais profunda, será possível, também, perceber o raio da Mônada – o eterno indivíduo que somos, imerso na consciência cósmica.

\* \* \*

O trabalho de descoberta dos raios é feito com a ajuda da intuição e da atividade observadora. A psicologia esotérica procura desenvolver esse trabalho a fim de que os raios possam estar harmonizados entre si nos corpos do homem.

Assim, se um indivíduo descobrir que seu corpo físico é de sétimo raio, e seu corpo emocional de sexto, estará certamente diante de um conflito, – uma vez que um expressa organização e ordem e

o outro, devoção. Nesse caso, o sétimo raio ocupa-se da organização no plano físico, ao passo que o sexto está voltado para o alto, para o profundo do ser. Consubstanciar, pois, essa harmonia na personalidade significa um esforço considerável, que pode ser facilitado se o corpo mental estiver em um raio afim com um desses dois. Uma das tarefas da nova etapa da psicologia é, pois, ajudar o indivíduo a descobrir as suas próprias energias de raio, procurando harmonizá-las e expressá-las o mais plenamente possível no serviço ao Plano Evolutivo.

Para se realizar o trabalho de alinhamento dos corpos entre si e da personalidade com a alma, ou seja, para a harmonização de todas essas energias de raio, é necessário haver uma meta espiritual clara para a própria vida. Quanto maior a concentração nessa meta, e um mínimo de dispersão, mais a energia responderá com os seus ilimitados recursos criativos.

Assumir inteiramente tudo o que conduz a esse propósito e rejeitar o que dele nos desvia — eis o caminho.

## **O QUE ABRE A PORTA**

PRIMEIRO RAIOS: VONTADE-PODER

*Que coisa é esta que me está tocando?*

JOEL GOLDSMITH





## PARAR DE PEDIR

IMAGINE KRISHNA\* guiando uma carruagem puxada por três cavalos fortes e potentes. Ele está segurando as rédeas e assim chega ao seu destino.

Essa imagem oferece a chave para começarmos a perceber o que é a energia da vontade-poder, ou energia do primeiro raio, aí representada por Krishna que, com as rédeas nas mãos, faz com que os cavalos conduzam a carruagem para onde ela deve ir. Essa energia sabe tudo o que se passa com os cavalos, aonde eles devem chegar e conhece, também, as medidas exatas de seu potencial. Está ciente do caminho a ser percorrido, da velocidade para se atingir a meta e, por meio das rédeas, tem o controle dos cavalos. Krishna é símbolo do eu superior, da alma do homem, que expressa a energia da vontade-poder em seu aspecto espiritual, transcendente.

\* Krishna é um protagonista do Bhagavad-Gita, antigo livro indiano.

Os três cavalos que puxam a carruagem simbolizam os corpos físico, emocional e mental do homem. Nesta imagem, eles aparecem fortes e harmoniosos entre si. Representam corpos sadios e alinhados, que desejam chegar à meta. A força que os impulsiona é o desejo.

Esclareça-se, a propósito, que este símbolo expressa uma diferença entre desejo e vontade, que é preciso salientar: se os cavalos não tivessem a rédea (a vontade) que os conduz e equilibra seus movimentos, controlando a velocidade e dirigindo-os para um lado ou para o outro, provavelmente não chegariam juntos, porque cada um seguiria o próprio ritmo, segundo o desejo individual e, conseqüentemente, não levariam a carruagem para a meta. A carruagem, por sua vez, equivale ao ser: contém o eu superior, ligado por rédeas a três corpos – o físico, o emocional e o mental. São eles que puxam a carruagem, levando-a para onde deve ir.

Se conseguirmos visualizar essa cena, poderemos descobrir muitas coisas a respeito da vontade. Colocando-nos em atitude amorosa e observadora, vamos perceber até que ponto somos cada um dos cavalos, ou os três trabalhando em conjunto; até que ponto estamos conscientes de que a carruagem que deve chegar a uma meta. Vamos ver, também, se nos sintonizamos com Krishna, que está guiando e segurando as rédeas, ou se preferimos conduzir a

carruagem por nossa própria conta. Podemos, assim, fazer um estudo da nossa situação atual.

Se refletirmos bem sobre os três cavalos alinhados e subordinados a uma rédea, vamos contar melhor esse símbolo universal, recebendo dele energia para o nosso equilíbrio. Se nos concentrarmos em Krishna e o visualizarmos conduzindo os cavalos com as rédeas seguras e sabendo aonde quer chegar, estabeleceremos contato com outro aspecto e realizaremos um alinhamento superior. Esse trabalho de imaginação criativa ajuda a descobrir as características da energia da vontade-poder, desconhecida dos cavalos, ou seja, do eu consciente. O físico, o emocional e o mental têm desejos, não vontade. Os cavalos querem chegar à meta, mas sozinhos não saberiam como fazê-lo, pois não conhecem o caminho nem têm consciência da dimensão das próprias forças. Dificilmente chegariam juntos sem se perder uns dos outros; no entanto, a carruagem, para seguir viagem, necessita dos três, unidos e alinhados.

\* \* \*

Vimos, então, que o desejo, normalmente confundido com a vontade, é um movimento dos cavalos, em especial daquele que se acha no meio, ou seja, daquele que, nessa imagem simbólica, representa o corpo emocional. É o desejo que os estimu-

la a fazer o que devem, desejo este que, por si só, não tem o conhecimento completo do caminho. O impulso que move os cavalos não advém apenas de sua força individual, mas é um reflexo do que move Krishna, aquele que segura as rédeas.

A vontade chega até os cavalos, dinamizando-os, mas, à medida que vai sendo conduzida através das rédeas, já não é mais a mesma de sua origem: vai se tornando menos inteligente, com menos capacidade para identificar o caminho, já que se vai misturando com o próprio material que compõe a rédea. Ela deixa, então, de ter as mesmas características puras que tinha lá em cima, em Krishna, e chega aos cavalos reduzida ao "bom" desejo que se apresenta como um querer não-sábio, não-claro e não-inteligente. Quando alcançamos o verdadeiro significado desse quadro (alguém conduzindo uma carruagem, segurando as rédeas de três cavalos), já estamos abertos para compreender o que é a vontade-poder e o que é o primeiro raio.

No princípio da criação do Cosmos, o raio da vontade-poder foi a primeira energia manifestada e, então, os sistemas solares puderam surgir.

As duas energias que nos são mais conhecidas são a atividade inteligente (terceiro raio), já incorporada nos seres por ter sido desenvolvida em um Sistema Solar anterior ao nosso, e a energia do

amor-sabedoria (segundo raio) que, conforme vimos, está se desenvolvendo atualmente. A vontade-poder só será totalmente conhecida no futuro, em outra manifestação do Sistema Solar que sucederá a atual. O conhecimento dessas energias nos faz perceber claramente que a atividade deve vir acompanhada de inteligência e o amor, de sabedoria, pois a atividade e o amor sem energias que os complementem podem não nos levar à meta, mas, ao contrário, gerar uma dispersão de forças.

A energia da vontade-poder difere, pois, dessas duas acima citadas, uma vez que se manifesta apenas parcialmente neste Sistema Solar. Para conhecer a vontade-poder e experimentar (na medida do possível) a sua potência de primeiro raio, precisamos alinhar nosso desejo com Aquele que está guiando a carruagem, segurando as rédeas, e que sabe o que faz e aonde ir. Devemos não só entrar em contato, como começar a nos harmonizar com Aquilo que deu origem a tudo o que existe, inclusive nós mesmos, e que, por conseguinte, é nossa essência mais íntima, nosso impulso mais profundo.

\* \* \*

A sabedoria antiga nos dá indícios de como alinhar o desejo dos três cavalos com a vontade-poder. Uma sugestão, muitas vezes pouco valorizada pela sua simplicidade, mas que pode ser valiosa se devi-

damente compreendida, diz o seguinte: "Quando quiseres orar, entra em teu quarto, fecha a porta e fala a teu Pai em segredo." Tudo se resume nisso. "Entra em teu quarto" significa ficar recolhido dentro do próprio ser, e "fecha a porta" implica fechar os sentidos às influências externas que os distraem. Neste momento de busca do alinhamento, procura-se não escutar o que os ouvidos estão captando, não enxergar o que os olhos físicos estão vendo, não sentir o que o olfato está percebendo, e assim por diante. Ao se "entrar no quarto", fecha-se a porta dos sentidos a toda influência externa.

E o que quer dizer "fala a teu Pai em segredo"? Recolhendo-se e fechando-se a porta dos sentidos por uns momentos, procura-se sintonizar com aquilo que em nosso centro é completamente desconhecido, ou seja, que constitui um segredo total que nenhum de nós sabe desvendar e que ninguém nos pode revelar, a não ser quando "entrarmos no quarto" e ficarmos em silêncio.

O Pai é o símbolo do que temos na essência do nosso ser. Assim, quando entro em mim mesmo, fechando-me para o que está fora e para o que é supérfluo, alinhando-me com o mais profundo do ser, não preciso falar ou pedir nada, e nada de externo pode alcançar-me, porque busco o Pai, Aquilo que está na origem primordial de todas as coisas e de mim.

Quando se quer, realmente, contatar a energia da vontade-poder, ou seja, identificar-se com o impulso que "segura as rédeas e conduz a carruagem", sabendo aonde deve chegar, o ensinamento básico é "entrar no quarto, fechar a porta e orar ao Pai em segredo". Isso faz com que se desenvolva ao máximo no ser a própria capacidade de ter vontade, porque nada foi pedido, apenas o indivíduo decidiu-se a abrir-se ao mistério. Fazer isso é um ato de decisão. Pedindo alguma coisa, ao se voltar para o Pai, o indivíduo estará se desviando daquela proposta original da energia, que era decidir fazer, simplesmente. Ao ficar em silêncio e sem nada pedir, conectado com o próprio íntimo, ocorre o melhor, o inédito, desvendando-se o misterioso e desconhecido segredo que está vivo e atuante dentro de cada ser. É necessário, porém, que se tome a decisão de abrir-se ao mistério.

\* \* \*

A possibilidade de se lidar com a energia da vontade se dá, então, em dois graus diferentes: o primeiro refere-se aos que desejam chegar à meta e, não sabendo como fazê-lo, pedem ajuda a quem os guia e os mantém pelas rédeas; o segundo refere-se à situação por inteiro — a carruagem, o guia, as rédeas e os cavalos, bem como a obediência à recomendação "aquietate e volta-te para dentro de ti".

Se optamos pelo primeiro tipo, a verdadeira energia da vontade-poder não é desenvolvida, principalmente se adotarmos a posição de vítimas ou de necessitados, contando com uma ajuda externa. Podemos até alcançar certa ajuda, que pode ser útil no início do processo, mas isso é outra energia, não a do primeiro raio. Para captar a energia do primeiro raio, devemos nos colocar, decididamente, no segundo grau, onde os cavalos não precisam pedir nada, apenas puxam disciplinadamente a carga sabendo que devem obedecer aos sinais das rédeas – o que os levará à meta, muitas vezes, desconhecida deles.

Quando nossos "cavalos" se conscientizarem de que são guiados e de que nada precisam temer, pedir ou desejar que não seja participar desse processo como um todo, estaremos francamente abertos ao primeiro raio. Nesse caso, sintonizados com o poder e a força dessa energia, perceberemos perfeitamente o processo de transformação que ela opera por onde passa. Não mais perceberemos com sofrimento ou temor a ação de tal raio, que é, em princípio, destruidora. Não mais lhe oporemos resistência pedindo coisas mas, simplesmente, nos identificaremos com ela e nos uniremos a ela no silêncio do nosso ser.

\* \* \*



Podemos ilustrar melhor tudo isso, imaginando os efeitos de uma carruagem correndo a toda velocidade: ela destrói aquilo que pisa e provoca deslocamentos no espaço que atravessa causando, desse modo, a morte de muitos seres e de micro-organismos desconhecidos que vai encontrando pelo caminho. Assim, em seu percurso, tal energia vai destruindo o supérfluo e o superado. Se permanecêssemos identificados com o aspecto externo do que está ocorrendo, sentiríamos apenas a dor e a morte enquanto a carruagem prossegue rumo ao seu destino. Os cavalos ficariam impressionados com o que veriam ocorrer sob seus pés, deixando de perceber o processo como um todo e de se identificar com a meta, com aquele que está por trás guiando; eles esqueceriam as rédeas e o alinhamento.

Querer essa força e, ao mesmo tempo, pedir algo é, em certo sentido, anulá-la, pois um pedido implica dirigir-se a alguém exterior ao ser, e não ao próprio interior. Krishna faz parte da carruagem, isto é, de todo o ser. Não é ele a essência?

É mister, então, em dado momento, pararmos de pedir e, decididamente, sermos aquele que é: o que dá e o que recebe. Antes disso, dificilmente a ação do primeiro raio será vivida nas reais proporções em que pode ser manifestada em nós.

A energia da vontade-poder é percebida de maneira pura, conforme dissemos, quando estamos recolhidos, em absoluto silêncio. A chave, pois, é o silêncio – o esquecimento do conhecido e a capacidade de abertura, sem receios, para aquele centro desconhecido dentro de nós.

Esse é o processo mais simples e direto, a partir do qual tudo acontece. Não é preciso pensar nas próprias resistências ou em qualquer outra coisa, pois tudo será dissolvido como consequência dessa pura concentração silenciosa. Cuidar, pensar e trabalhar as próprias resistências é o caminho mais longo; abrir-se ao desconhecido, ciente das resistências, mas fechando-lhes a porta, é o caminho breve e direto, indicado pelo primeiro raio. Cada indivíduo poderá perceber seu próprio ponto e partir dele, ir em direção ao próximo passo, mas, seja qual for sua situação, saiba que deverá dizer ao final: "Seja feita a Tua vontade." A vontade superior é, pois, este primeiro raio, o da vontade-poder.

## QUANDO A VONTADE ATUA

OUTRO SÍMBOLO que também expressa a energia da vontade-poder do primeiro raio é o de um homem ao leme de um navio. Podemos visualizar esse homem ao leme e, portanto, no controle da personalidade, guiado pela energia da vontade.

Vontade espiritual é algo misterioso. O homem ao leme não se esforça para fazer o navio prosseguir; ele apenas mantém suas mãos firmes, deixando que a energia da vontade provoque os acontecimentos.

Muitas vezes, vontade é confundida com esforço, que é característico da personalidade. Nesse símbolo, fica patente que os corpos já estão perfeitamente integrados entre si, uma vez que são representados por um único objeto: o navio. É o navio que vai ao encontro das águas, que é forçado pela correnteza, que encontra os escolhos pelos caminhos do mar. A vontade faz tudo deslizar, por intermédio daquele homem que está simplesmente com as mãos ao leme. O mar, as ondas e tudo o que ocorre fora são as forças cármicas, os acontecimentos da vida ex-

terna, fatos e circunstâncias pelas quais temos de passar e que nada têm a ver com a verdadeira energia que está ali naquele conjunto tão forte. Aquele homem sabe aonde vai chegar e tudo que a vontade está impulsionando; conhece bem o navio e o mar, mas não está envolvido com eles – mantém a mão ao leme e deixa que tudo se realize. Esse homem é o símbolo de uma personalidade integrada, isto é, perfeitamente alinhada com o propósito da alma.

Se o homem abandonasse o leme, porque está acontecendo alguma coisa dentro do navio, ou porque o mar está agitado, ou pela chuva ou algum marremoto, não chegaria ao seu destino. Se, ao estar atento ao que se passa à sua volta e dentro de si, ele se deixasse envolver pelos fatos e soltasse o leme, a vontade não poderia mais agir abertamente. Ao contrário, daria lugar ao desejo, que talvez se manifestasse como tendência a chegar a outro porto, sujeito às forças presentes no mar e no próprio navio.

\* \* \*

Visualizando essa imagem, podemos fazer profundas reflexões e tirar ensinamentos para a própria vida. A partir dela, teremos uma ideia real do que é a vontade e veremos que, em muitas circunstâncias, seria melhor ficarmos quietos e atentos, com a mão ao leme, alinhados com a própria alma e deixando essa grande força agir, mantendo-nos

na mesma postura, bem despertos, sem abandonar o lugar em que devemos estar. Evidentemente, se o leme for solto, o navio ficará desgovernado.

O navio pode também representar um único e mesmo desejo ou uma ideia dominante. Se temos um só e grande interesse, um só navio, e permanecemos na posição correta diante dele, a energia da vontade advém; se a ideia dominante é espiritual, isto é, evolutiva, do ponto de vista do primeiro raio essa atitude é um princípio de interiorização.

\* \* \*

A propósito disso, costuma-se dizer que quando um indivíduo está centrado no próprio "navio", está em uma escola de concentração — que é um preparo para contatos com o próprio mundo interior. A concentração é válida pelo fato de se estar ali totalmente investido em uma meta evolutiva. Uma atividade assumida com regularidade, amor, estabilidade e inteireza não é em si a vivência desses contatos, mas desta atitude poderá surgir algo que prepara o ser para experienciá-los. Nesse navio simbólico, embora chova e faça sol enquanto se está ao leme, embora haja nele pessoas entrando e saindo dos camarins, outras pescando ou cozinhando, pode-se estar consciente da finalidade dessa viagem e, a partir daí, procurar não se distrair ou desviar a atenção da meta percebida. Não se pode evitar que

haja outras pessoas no navio, que chova ou que advenha um maremoto, mas pode-se manter a concentração no propósito da viagem.

Uma pessoa de primeiro raio, quando integrada a ponto de fazer apenas o que se propõe e nada mais, consegue atingir mais rápida e perfeitamente este estado de concentração, necessário aos contatos internos, do que quando se esforça para alcançá-los.

Conheci um industrial que fazia espontaneamente essa prática de primeiro raio, sem que nada soubesse conscientemente sobre o eu superior ou sobre a interiorização. Sua mulher me disse que era como "se não tivesse marido". Quando ele chegava da indústria, continuava trabalhando em casa, concentrado em sua meta principal: um trabalho que mantinha milhares de pessoas em atividade em vários países. Quando ocorria de fazermos os três, juntos, as refeições, frequentemente ele se desligava do que estava acontecendo à sua volta e fazia anotações sobre assuntos da indústria que lhe vinham à mente naquele momento. Comportava-se como se a mulher e eu não estivéssemos presentes. Da nossa parte, compreendíamos o que estava acontecendo e percebíamos a energia de primeiro raio que fluía livremente.

Quando os dois viajavam, ela guiava o carro e ele se sentava ao lado. Às vezes, faziam viagens

de inspeção de um país para outro, passando por bonitos lugares nos Alpes, e ele sempre com o livrinho de notas no automóvel, escrevendo o que lhe vinha à mente sobre detalhes do trabalho. Que casamento frustrado seria se ela o interpelasse naqueles momentos!

\* \* \*

No primeiro raio é típico esse amor pela concentração. Quando a isso se acrescenta uma reflexão profunda, constante, sobre a própria meta espiritual, a energia da vontade-poder flui de maneira mais fácil e simples. Evidentemente, a persistência e a tenacidade fazem parte ativa desse processo.

\* \* \*

Retomando aquele navio simbólico para um exame mais profundo, vemos que o leme representa a mente, que devemos aprender a conduzir e colocar na correta sintonia. Ao se girar o leme, o navio muda de rumo. A mente precisa, pois, ser colocada na exata posição, a fim de que o navio chegue ao porto; ela é um instrumento de que nos valemos para nos concentrar naquilo que estamos fazendo. Diversamente, a vontade não é a mente nem o homem que está ao leme. A vontade vem de outro nível, mais profundo.

Conseqüentemente, não são os fatos externos da vida que determinam a qualidade da vontade

nem o que ela irá fazer. O que importa é a atitude diante do leme, desidentificada do navio, do mar, da chuva e de todas as demais circunstâncias. Também o desejo deve ser educado e canalizado para que tudo possa ocorrer segundo o Plano Evolutivo. Nesse processo, o desejo não é mais deixado em função de si mesmo, pois ele não leva à meta. Quando satisfeito em termos humanos, volta sempre mais forte, pedindo algo mais, exigindo maior esforço para ser contentado. Há apenas a ilusão momentânea da satisfação.

O desejo se manifesta por meio do querer e do esforço humanos e pode emergir no navio inteiro. Já a vontade vem de outra fonte, refletindo-se na mente. Por conseguinte, enquanto o homem não estiver mentalmente polarizado, a energia da vontade-poder não flui livremente por seu intermédio, havendo apenas reflexos dela no plano mental. A vontade perpassa aquele que está com a mão ao leme, entregue, sem qualquer esforço e aparentemente sem fazer nada. Todavia, é necessária uma mente educada para se conhecer e se penetrar na realidade dessa energia.

Quando estamos sob a ação de outros raios, frequentemente não somos nós que pensamos, mas é a mente que pensa por nós, "que nos pensa". Ela fica pensando como se o leme começasse a se mexer sozinho e continuássemos com a mão nele, muitas



vezes sem percebermos o que está ocorrendo. Somos, assim, usados pela mente: ela vai aonde quer, faz o que quer e produz pensamentos que seguimos a esmo. Essa situação teria de ser controlada e mudada, principalmente dentro desse impulso da energia do primeiro raio.

Percebemos, então, que em geral a mente tem uma ação autônoma. Ela tende a se desorganizar, a ter vários movimentos simultâneos e a saltar de um lado para outro. Além disso, ela é influenciável, alterando-se por qualquer acontecimento externo. Esse é o material, que, em princípio, temos em mãos, quando estamos em "alto-mar"; algo que tende a se mover por conta própria, de modo automático e desorganizado, e que é profundamente sensível àquilo que vem de fora. É pela concentração da mente que a vontade se torna consciente e atuante em nós. Todavia, como lidar com a mente, esse instrumento que apresenta tantas dificuldades para se concentrar?

Se o indivíduo for uma alma de primeiro raio, ou se tiver essa energia na mente, ao decidir praticar algum exercício de disciplina que o leve ao silêncio interior, cada pensamento que lhe vem no momento de concentração é jogado longe, expulso com tal força que não retorna mais. Quem é de primeiro raio pode usar esse processo com facilidade.

Independentemente da qualidade de energia que expressam, as mentes são sempre inquietas. É preciso, então, que se varie o método a ser utilizado para acalmá-las de acordo com a própria natureza do raio envolvido.

Na Índia, costuma-se comparar as mentes a macaquinhos. Um Instrutor dizia que a mente é um macaquinho às vezes bêbado, às vezes picado por um mosquito e às vezes inquieto. Expulsar com violência os pensamentos indesejáveis não é repressão ou fuga, dependendo da energia empregada. Se usarmos, por exemplo, uma energia de menor potência ou decisão que a do primeiro raio, o efeito poderá ser reverso, pois todo o material expulso retornará mais forte do que antes. Vemos, então, que, com a vontade-poder, o indivíduo chega ao aquietamento por meio da expulsão decidida dos obstáculos.

Há, no entanto, uma segunda forma, também de primeiro raio, para lidar com os pensamentos intrusos. Cada vez que o "macaquinho" começa a saltar, olha-se para ele imparcialmente e, em seguida, retorna-se ao objeto da concentração, ou seja, para dentro de si. Essa técnica, além de mais lenta do que a primeira, deve ser repetida durante alguns minutos de trabalho. Trata-se, contudo, de um método simples, sem maiores dificuldades. Quando o pensamento intruso surge, é retirada

dele a atenção, voltando-se para o centro do ser. Vindo outro, repete-se a técnica, pacientemente e sem violência.

A terceira forma, um pouco mais exigente, consiste em esperar que a mente se exprima, que o "macaquinho" diga o que tem a dizer. Fica-se, então, indiferente a tudo o que está ocorrendo, simplesmente olhando para dentro. Quando se treina essa disciplina e se adere à energia da vontade-poder, o "macaquinho" pula, salta, protesta e apresenta os seus argumentos que, em geral, são persuasivos. Participa-se, então, desse jogo sem se irritar com ele, aquietando-se e observando os movimentos da própria mente. Qualquer reação seria como bater com o navio em um escolho durante a viagem.

Se não percebemos o que está ocorrendo com a mente, não podemos controlá-la. Somente quando nos dispomos a parar, fazer esse trabalho e observar os movimentos da mente, podemos então ver e conhecer diretamente o que está se passando nela. Antes disso, nada sabemos; ao contrário, somos "pensados" por ela. Se aplicamos esse processo, aprendemos a pensar, a refletir e a lidar com a mente. A vontade pode, então, emergir.

\* \* \*

Já que estamos tratando do preparo para os contatos internos, vem-nos aqui a seguinte questão:

como se relaciona a intuição com a energia da vontade? Ora, o que chamamos de intuição não tem origem na mente, mas nela penetra vindo de outro nível da consciência, mais elevado ou mais profundo. Na realidade, a mensagem intuitiva introduz-se na mente pelo espaço existente entre um pensamento e outro: ela não atravessa um pensamento. Enquanto os pensamentos estão ocorrendo, não há possibilidade de ela se manifestar.

À primeira vista, parece que não há nenhuma pausa entre os pensamentos que passam. A verdade, porém, é que, entre um e outro, há um intervalo quase imperceptível, por onde penetra a intuição. Como os pensamentos continuam a se processar, a mente não se conscientiza de que a intuição está tão perto, tentando fluir.

Todos somos, pois, intuitivos; apenas não temos consciência disso pelo fato de a mente não estar disciplinada e de a vontade não ter ainda sido aplicada sobre os mecanismos da personalidade. Quando esse intervalo entre os pensamentos é maior, a intuição chega a entrar e a se fazer sentir mais nitidamente. Durante o processo intuitivo, ficamos sem nada fazer, quietos, vazios, como o homem ao leme. A intuição, então, vem pronta, completa, sem elaborações prévias e sem acarretar dúvida alguma.

\* \* \*

A primeira coisa a ser feita é trabalhar com a mente para melhor conhecer o que é o "macaquinho". Este é o caminho para deixarmos de ser "pensados" e passarmos finalmente a pensar e alcançar o silêncio e a paz interiores.

Se persistirmos nesse trabalho, as mudanças vão se tornando cada vez mais nítidas, como consequência da atuação da energia da vontade. Geralmente, esse processo se inicia pela força do desejo, que vem sempre acompanhada de sentimentos de incapacidade, confusão e fraqueza. Todavia, quando a vontade começa a revelar-se, surge a possibilidade de se dominar a mente. Inicia-se, a partir daí, a prática da concentração e, por outro lado, amplia-se a clareza de que não se deve adiar aquilo que precisa ser feito.

\* \* \*

Queremos ressaltar, ainda, que a vontade pura, por não ser uma energia desenvolvida neste Sistema Solar, não pode manifestar-se de modo completo, com todas as suas possibilidades e sutilezas. Tanto é que suas manifestações na Terra são sempre violentas, já que vêm por meio de cataclismos, erupções vulcânicas, terremotos e outras. Quando desencarnamos, o que nos retira do corpo físico é o primeiro raio, a vontade-poder; se não o tivéssemos a nos conduzir decididamente para o lado interno da vida, talvez demorássemos muito mais

para vencer todas as resistências e todos os vínculos que nos atam à Terra.

Nas manifestações sísmicas temos a energia da vontade-poder em sua expressão quase pura (dentro dos seus limites atuais), mas nos seres humanos ela já não é tão nítida e tão forte. O próprio Napoleão Bonaparte, que dizem ter sido um ser de primeiro raio, manifestou vontade-poder; mas, ao mesmo tempo, sua vida era influenciada por muitas dispersões. Pelo que se sabe, não existe ainda uma expressão pura de primeiro raio em seres humanos.

Assim, aquele que percebe em si afinidade com essa energia tem pela frente um campo vasto de trabalho e observação.

## **O TEMPERAMENTO DE VONTADE-PODER**

O ESTUDO DA ENERGIA e a integração das partes do nosso ser requerem paciência. Às vezes nos enganamos, achando que "já sabemos" algo, pelo simples fato de termos acumulado conhecimentos teóricos que ficam gravados em nossa memória superficial sem a devida incorporação e aprofundamento deles. Esse aprofundamento só se dá após repetidas experiências em diferentes encarnações — realidade de que nem todos se dão conta. Quando percebemos em nós um eco favorável ao que escutamos, como se aquilo já fosse conhecido, já devemos tê-lo ouvido antes centenas de vezes.

Enquanto uma atitude não é posta em prática nos três níveis densos: o físico, o emocional e o mental, ela não está ainda assimilada. Nesse caso, é necessário continuarmos trabalhando em torno dela. Quando algo se repete na nossa vida, é sinal de que ainda precisamos disto para daí tirar algum aprendizado. O carma nos coloca diante do que mais necessitamos.

A energia do primeiro raio, que é também persistência inabalável, trabalha neste Sistema Solar sem, entretanto, ter-se ainda incorporado nele realmente — é a própria energia da paciência, de que precisamos para agir e evoluir no mundo das formas.

\* \* \*

Lembro aqui uma antiga história, bastante simbólica, que nos ajuda a visualizar melhor como é o intenso trabalho dessa energia. Um jovem queria aprender a concentrar-se e buscava a união com o eu superior; foi, então, procurar alguém que lhe ensinasse como proceder. Encontrado o Instrutor, este o convidou para passar uns tempos com ele, quando trabalhariam juntos nesse processo.

O jovem aceitou o convite e o Instrutor começou a observá-lo. Percebeu sua desatenção ao realizar as atividades mais simples, como, por exemplo, levantar-se de manhã, vestir-se, calçar-se. Então, o Instrutor mostrou-lhe uma ave embalsamada e pediu-lhe que ficasse diante dela a manhã toda, anotando o que observasse.

O jovem ficou diante da ave, escreveu tudo o que percebera e, à tarde, levou o relatório ao Instrutor. Este, sem chegar a ler o escrito, sugeriu-lhe que repetisse a mesma tarefa no dia seguinte. O rapaz achou estranho que, não tendo lido o primeiro



relato, o Instrutor já o mandasse fazer um segundo. Mas ficou combinado assim, e assim foi feito.

No dia seguinte, ele voltou com um relatório mais completo que o primeiro; sem ler, o Instrutor pediu-lhe que ficasse mais três dias trabalhando nisso. Os dias foram se passando e o Instrutor continuava a lhe pedir que observasse a ave e descrevesse o que via. Enquanto isso, o jovem era observado em todos os seus movimentos, que ainda não tinham ritmo nem harmonia; ora ele agia com pressa, ora devagar, às vezes atento, às vezes distraído.

Em uma das vezes, o jovem protestou, dizendo que havia contado até as penas da ave, uma por uma, e que nada mais tinha que fazer. "Já sei tudo o que a ave tem, escrevi o que pude, contei várias vezes as suas penas!" O Instrutor calmamente respondeu: "Na verdade, você precisa ir mudando sua atitude diante da ave. Você fez realmente um ótimo trabalho, contando até as penas do pássaro, mas estive sempre impaciente e esperando que o trabalho terminasse, ou que fosse substituído por outro. Porventura já prestou atenção no modo como você se levanta de manhã?"

O jovem, então, reconheceu que um dia o fazia depressa, outro dia mais devagar, dependendo do que iria fazer em seguida; percebeu, também, que

às vezes deixava os sapatos desamarrados, às vezes não se olhava no espelho...

Ao longo do treinamento de fazer algo com paciência, de tal modo que poderia durar eternamente sem que viesse a se constituir um problema, o jovem foi mudando. Passou a observar mais detidamente as coisas e começou a manter serenidade diante do trabalho que era sempre o mesmo. Agora ele o compreendia melhor. Os movimentos de impaciência começaram a ser controlados e as ações a ser feitas no ritmo adequado.

A partir daí, começou a perceber transformações na sua maneira de ser e de se conduzir; já não sentia mais conflito diante dos traços da personalidade do Instrutor que lhe desagradavam; mesmo que discordasse das tarefas que lhe eram propostas, aceitava-as sem aborrecimento; notou um novo ritmo no modo de se alimentar; as pessoas não mais o seduziam ou alteravam o seu ânimo; uma fisionomia agradável ou desagradável não o atingia mais. Ele compreendeu, então, o efeito do trabalho que realizara com a ave durante o tempo que foi necessário, e o que mais lhe chamou a atenção, além da necessidade de repetição, foi a importância do ritmo para a transformação das atitudes.

É oportuno mencionar aqui que, antigamente, havia regras disciplinares, próprias do primeiro

raio, que levavam a este mesmo resultado. Em uma delas, por exemplo, o Instrutor pedia ao estudante que pegasse uma pá e um carrinho e tirasse todo um monte de areia de um local e o pusesse em outro. Terminada a operação, solicitava-lhe que voltasse com o mesmo monte de areia para o lugar de origem.

Atualmente existem métodos mais modernos de se trabalhar com esta energia e, se quisermos, podemos fazer este trabalho sozinhos. Uma possibilidade é a de se escolher qualquer atividade da vida cotidiana que não seja muito significativa e atraente para nós e trabalhar nela todos os dias no mesmo horário durante um período. Por exemplo, se optamos por molhar uma planta, devemos fazer esta tarefa regularmente, no tempo estipulado, tempo este que deve ser estendido à medida que os dias se forem passando. Na execução da tarefa, propomos-nos observar a nossa atitude e o que está acontecendo, como ocorreu na história da ave embalsamada. No caso da planta, devemos atentar para o modo como nos colocamos diante dela, se percebermos as suas necessidades e se a molhamos usando a dose certa de água. Ao descobrir sempre mais e ao agir da forma mais perfeita possível, vamos nos transformando, mudando nosso temperamento e desenvolvendo qualidades, dentre as quais a paciência.

\* \* \*

Outra proposta para se desenvolver a energia da vontade-poder (que, afinal, significa para nós o exercício do poder sobre nós mesmos) consiste em que, durante um tempo relativamente longo, procuremos gastar dinheiro só com o que for necessário e vital para a nossa existência, ou para a de outros. Isso nos permitirá aprender muito e nos trabalhará em profundidade, principalmente se observarmos, simultaneamente, o método antes descrito: fazer com regularidade o que não preferimos, até atingir a forma mais perfeita nessa ação. Não se sabe, a priori, quanto tempo devemos empregar nesse trabalho, mas, fazendo-o, poderemos constatar que a energia monetária começa a circular corretamente na nossa vida, de modo a não faltar nem sobrar — o que implica um reequilíbrio que vai se refletir em todo o trabalho feito em nós com as energias.

\* \* \*

Outro aspecto a ser treinado para que atinjamos tal equilíbrio é o da execução das tarefas cotidianas, por mais simples que sejam, com a máxima perfeição, esmero e afeto. Se tivermos disposição para executar com esse espírito nossas atividades diárias, ficaremos surpresos com a potência da energia da vontade e com o que somos capazes de fazer. Todavia, enquanto nos considerarmos cansados daquilo que já fizemos durante a vida inteira, estaremos re-

primindo essa energia, permanecendo e mantendo-nos sempre no nível do desejo, no nível do "eu gosto" e do "eu não gosto", do "eu quero" e "eu não quero", do "isso me agrada" e "aquilo me aborrece". Enquanto for assim, aquela potência que nos faz assumir a vida para que ela possa ser transformada realmente não emergirá em nós. Observe-se que mesmo aqueles que se rebelam contra a rotina têm de acordar todos os dias, calçar sapatos, vestir-se e fazer os mesmos gestos até o final da encarnação: queiram ou não, também agem segundo ritmos. Às vezes, pode ocorrer que nos coloquemos mais intensamente em uma atividade que nos foi dada sem que dela gostássemos, ou pela qual não tínhamos interesse humano, mas que devemos empreender todos os dias da mesma maneira. Quem vive focalizado apenas no nível da personalidade, lutaria contra tal situação e procuraria soluções para remover esse "incômodo", até que compreendesse e visse claro que o importante não é a tarefa, mas sim a atitude diante dela. Importa fazê-la livremente, como se não a estivéssemos executando, ou como se fosse algo que é do maior interesse para a personalidade.

Se substituimos uma atividade por outra porque assim o desejamos, a atividade seguinte também deixará de ser interessante. E assim, sucessivamente, estaremos sempre em busca de coisas novas. E o desejo não tem fim...

Quando alcançamos a maturidade, somos finalmente capazes de invocar essa energia da vontade-poder e dizer bem decididamente para o profundo do ser: "Minha vida é Tua, e vou fazer o que for necessário que se faça". Inicia-se, então, um processo mais real.

\* \* \*

Ressalte-se, contudo, que não são os exercícios em si, mas sim a decisão de nos transformarmos que opera mudanças. Passamos, então, a ter consciência de como fazer todas as coisas nos mínimos detalhes, atentos a tudo; a fechar uma porta sem batê-la, a andar de chinelos sem arrastá-los; percebermos quando cai uma migalha no chão, e assim por diante. Se permanecemos nessa atitude, à medida que a energia da vontade vai emergindo e produzindo essa ordem em nós, conseguimos ficar no controle não só dos pequenos fatos, como também de outros, de caráter subjetivo. O controle de acontecimentos maiores virá em seguida.

É, pois, o fluir da energia da vontade-poder que promove modificações antes impossíveis. Podemos relacionar-nos com outros sem jamais perder a paciência, sem criticá-los, sem julgá-los, não importando o que façam. A vida torna-se precisa, calma e, ao mesmo tempo, ordenada. Entramos em um ritmo que não pode ser descrito por palavras, pois é criado

pela vontade-poder que começamos a experimentar a partir de dentro de nós mesmos. Trata-se de um poder sobre nós próprios, sobre as forças da inércia que às vezes agem imperceptivelmente.

\* \* \*

Mesmo que não se tenha um temperamento de primeiro raio, essa energia, como dissemos, de algum modo está presente em nós, pois é imprescindível a cada temperamento e está na origem, na essência dos raios.

Sabemos que essa energia é de determinação. Quando estamos sob sua influência, mas ainda sem o devido preparo para recebê-la, desejamos exercer nossa vontade pessoal sobre os outros, o nosso poder sobre objetos e pessoas. Pretender que o outro manifeste o que estamos esperando, desejando ou precisando, e exigir que atenda às nossas expectativas, caracteriza o tipo menos evoluído do primeiro raio.

Quando, após várias experiências, desistimos de controlar os outros, podemos manifestar o tipo médio: tornamo-nos capazes de receber o inesperado com certa compreensão e abertura, podendo, até mesmo, apreciar quem nos traz experiências verdadeiras, embora inesperadas e desafiantes. O indivíduo de evolução média age como se estivesse diante do espelho, observando-se, do mesmo modo

que aquele que dizia para si mesmo: "Um inimigo, para mim, é tão importante quanto o Buda".

Já o tipo mais evoluído do primeiro raio é realmente um veículo ou instrumento da vontade-poder maior, supraconsciente. Muito pode ser realizado por seu intermédio. Não se trata, porém, do que normalmente construímos ou desejamos na vida humana. A vontade ou propósito de um raio, seja ele qual for, consegue manifestar-se por meio de indivíduos que deixaram para trás a própria vontade humana e que aderem à vontade "d'Aquele que flui e vive neles". Mas, para se chegar a esse estágio, deve-se começar molhando aquela planta regularmente, observando e controlando o uso do dinheiro e fazendo tudo o que é considerado insignificante com o máximo de amor e perfeição.

É a vontade-poder que, fluindo no indivíduo que adotou livremente a autodisciplina, transforma a Terra e manifesta o propósito da Criação.



## **O ÍMÃ CÓSMICO**

SEGUNDO RAIOS: AMOR-SABEDORIA

*Quando as pessoas vão  
aos espiritualmente esclarecidos,  
o erro desaparece sem que elas  
pensem conscientemente a respeito.*

JOEL GOLDSMITH



## HISTÓRIAS DE AMOR-SABEDORIA

QUANDO ALGUÉM tem como temperamento o segundo raio e expressa a energia do amor-sabedoria, aceita tranquilamente que pessoas de outros temperamentos e tendências tenham maneiras diferentes de realizar a mesma ação. Entretanto, em geral, quando somos expressões de outras energias de raio, pretendemos que a ação das pessoas seja como a nossa, o que, na verdade, não deveria ocorrer.

Como ilustração disso, narro aqui três experiências diferentes vividas por pessoas de temperamentos diversos, cujo comportamento em determinada situação me foi bastante elucidativo. Na primeira delas, da qual também participei, fui a uma reunião com um indivíduo já bastante evoluído, e que normalmente não comia carne. Logo que chegamos, foram-nos oferecidas bebidas, sucos de frutas, canapés e outros alimentos servidos nessas ocasiões, todos, porém, feitos de carne. Assim que surgiu a primeira bandeja de salgados, o meu acompanhante, sintonizado internamente com to-

dos ali, de imediato pegou um croquete de carne e o comeu. Perguntei-lhe por que havia agido assim, já que havia muitos anos não comia carne, e ele então me respondeu que era de seu temperamento procurar não deixar que os demais se sentissem separados, vendo-o como um ser diferente. Perguntei-lhe se sua alma era de segundo raio, e ele me respondeu que sim.

Indaguei, então, na oportunidade, como se resolve o problema de se ingerir carne sem que isso provoque o efeito esperado, ao que ele me explicou que uma química oculta dentro dele transformava a toxina da carne, tendo em vista essa sua intenção concentrada, em que não havia o menor desejo ou atração pela carne. Sua intenção amorosa era a de trabalhar com todos ali, naquela reunião, e de poder estar junto de quem se aproximasse dele por atração magnética. Comer o croquete, naquele momento de exceção, fazia parte do trabalho. Foi depois desse fato que comecei a estudar a questão e vi pessoas de outros temperamentos agirem diferentemente umas das outras, em situações semelhantes.

Um indivíduo do temperamento de vontade-poder também comeu carne diante de mim, sendo vegetariano; porém, não me deu explicação alguma – enquanto a pessoa de temperamento de segundo raio sente necessidade de esclarecer os que têm dúvida sobre o seu comportamento.

Um indivíduo de terceiro raio age de maneira diversa dos outros dois, e sintetiza todos os fatos. Todos os seus atos são perfeitamente claros e, quando necessário, usa palavras explicativas e argumentos que ajudam os demais não só a ver o seu testemunho, como também a entender intelectualmente o que se passa. Assim, um temperamento de terceiro raio pode até comer carne diante de outrem, explicando por que o faz e, ao mesmo tempo, dando a entender que no geral a carne é nociva.

\* \* \*

O indivíduo de temperamento de amor-sabedoria manifesta uma percepção intuitiva da necessidade do outro, à qual pode facilmente se amoldar. Em graus evolutivos mais elevados, já começa a ampliar essa percepção para a necessidade planetária em geral. Então, com essa consciência mais vasta, adapta sua própria forma de vida, modo de pensamento, sentimento e ação às carências grupais e coletivas, sem se sentir, com isso, violentado em seu modo de ser individual.

Nos estágios ainda mais avançados desse temperamento, o indivíduo já compreende e tem a percepção do que seja a necessidade do Sistema Solar. Desse modo, abre-se cada vez mais amplamente ao serviço ao mundo.

O princípio espiritual básico de tal temperamento é subordinar as próprias necessidades, ou pseudonecessidades pessoais, às de um grupo sempre maior, e isso se explica pela busca de complementação presente em todos nós, mais pronunciada nos temperamentos de amor-sabedoria. Temos essa tendência à união, a completar-nos, a sermos compreensivos porque, em nossa origem cósmica, a consciência que nos formou como indivíduos "desprende-se" de uma totalidade, à qual deverá retornar. Ao "sairmos", como partículas, do Todo, passamos a perceber, no início da nossa trajetória, que somos também indivíduos e, apesar de ainda vivermos individualmente, guardamos a recordação da totalidade. Embora conscientemente não saibamos que tudo é uma unidade, embora essa noção tenha-se perdido quando entramos na encarnação, uma nostalgia em relação àquele estado primordial de união absoluta com o Todo nos acompanha.

Por essa razão, todos sentimos a necessidade dessa união original, de estarmos inteiros nesse Todo, sem separações. Porém, quando encarnados, passamos a viver uma situação mental que nos separa dos outros, sendo que, nos níveis físico, emocional e mental é impossível nos sentirmos inteiramente unidos. É tornando-nos conscientes dos níveis superiores que podemos contatar e experimentar a verdadeira união.

Desse modo, chamamos amor à manifestação do segundo raio, à necessidade de se ter consciência daquela origem em que estávamos em uma totalidade, e de se viver essa união. Trata-se de uma compreensão absoluta, uma forma de estar com o outro incondicionalmente, sem o menor esforço. Nesse temperamento, as pessoas são ligadas à nostalgia da união superior e ampla, e naturalmente deixam de acentuar a própria individualidade e a situação de estarem separadas, e colocam-se junto, dentro do outro, tentando compreendê-lo e tendo compaixão dele. Essa compaixão não tem o sentido que assume na vida humana normal – o de ter pena do outro, que não é a energia pura do amor, mas sim uma forma de nos compensarmos pelas nossas carências.

Portanto, a compaixão é aqui compreendida como esse sentimento de amor do segundo raio, de se estar tão profundamente unido ao outro, dentro da totalidade e tão identificado com o que ele é em essência (e não na aparência), que o compreendemos perfeitamente. A compaixão transcende as aparências e as circunstâncias, sejam elas quais forem. Ela surge a partir do completo esquecimento de nós mesmos, na medida em que penetramos na necessidade do outro e vivemos o que tem de ser vivido, em comunhão com ele.

\* \* \*

Ilustração disso é uma clássica história\* a respeito de uma pessoa de temperamento puro de segundo raio, já em um estágio avançado de evolução. Tratava-se de um rabino de vida solitária, conhecido na aldeia onde morava como extremamente santo e puro. Um dia, uma jovem que vivia na mesma comunidade ficou grávida e seus parentes perguntaram quem era o pai da criança. Ela disse que era o rabino.

A família decidiu então que, quando a criança nascesse, iria entregá-la ao rabino, e assim foi feito. Levaram o recém-nascido até ele, e o pai da moça disse-lhe: "Ela afirma que este é seu filho, e nós o trouxemos aqui, pois cabe a você educá-lo".

Sem nada dizer, o rabino ficou com o menino por muitos anos. Um dia, a jovem, que já havia passado por uma profunda transformação, confessou aos pais que mentira, há anos, quando dissera ser o rabino o pai de seu filho. Ela realmente não tinha certeza de quem era o pai, mas segundo o que dizia agora, o rabino decididamente não o era, porque nunca tivera relações com ele.

Voltaram todos, então, à casa do rabino e disseram-lhe que a moça estava confessando não ser ele o pai da criança. Diante disso, estavam eles ali para

\* Esta história aparece em várias tradições, da judaica à zen budista, apresentada de diferentes maneiras.



levar o menino de volta. O rabino, sem se alterar, pegou a criança, já criada, e restituiu-a aos familiares.

A história não esclarece se aquelas pessoas compreenderam tudo o que realmente se havia passado. Mas, evidentemente, nesse caso, estamos diante de um temperamento típico de segundo raio. Na consciência do Todo e dentro de uma visão mais ampla, o fato de ser ou não o pai não fazia para o rabino a menor diferença; todavia, era uma necessidade real assumir aquela criança que, em sua percepção elevada, estaria muito melhor com ele do que com as outras pessoas, naquele dado momento.

Esclareça-se que o fato de perceber que ali era o melhor lugar para a criança ficar não implicava nada de pessoal, como, por exemplo, seu prestígio como rabino e sua reputação de santo na comunidade. O importante era a criança que estava ali para ser educada, tratada e que lhe estava sendo entregue.

É provável que o rabino estivesse percebendo outras coisas também, dentro da sua compreensão clara e abrangente, própria desse raio da sabedoria. Deveria haver ligações cármicas naquela circunstância, que não se apresentariam dessa forma por mero acaso. Se uma criança que nunca viu, e pessoas com as quais nunca tivera maiores contatos chegaram a ele em uma situação assim tão evidente, o que lhe restava, em sua compaixão, era perceber

o jogo cármico ali presente, mostrando que havia algum resíduo antigo a ser equilibrado.

Há ainda, nessa história, um detalhe que serve para revelar outro traço típico desse temperamento: apesar de o rabino ter convivido durante tanto tempo com a criança, não lhe foi difícil entregá-la a seus familiares. Não havia, de sua parte, nenhum apego e nenhuma forma de possessividade, de cobrança e de usufruto. Não houve envolvimento passional, questionamentos, perguntas ou qualquer forma de reação, apenas total harmonia com tudo o que aconteceu. Simplesmente a criança chegou, simplesmente partiu. Tudo, porém, era aparência. Na realidade, na energia de amor-sabedoria, que permeava o ser do rabino, não há chegada nem partida: todos estão juntos sempre, no eterno presente da consciência. E ele manifestava isso muito bem.

\* \* \*

Outra característica do temperamento de segundo raio, muito clara nesse exemplo, é a que chamamos de carma-yoga, ou seja, a união consciente com o nosso destino básico, com o dever, com as coisas que devem ser feitas. Esse carma-yoga ou yoga do destino pode atingir a perfeição no temperamento de segundo raio por causa de sua capacidade de agir incondicional e desinteressadamente.

Em outros tipos de temperamentos, o que se pensa normalmente é que cumprir o dever é fazer algo compulsoriamente, porque é cármico; no segundo raio, porém, isso não é visto assim. No amor-sabedoria, aquilo que reconhecidamente está diante de nós para ser desenvolvido e realizado é feito com a maior união, sem lamentações, comentários ou racionalização. Todos os indivíduos, mesmo que não queiram e que não saibam, estão fazendo o caminho do carma, pois este tem de ser cumprido, resolvido e clareado – não por obrigação, mas porque é para ser feito.

Dependendo do temperamento, isso ocorre de maneira diversa, expressando-se assim: 'Temos de clarear o carma', ou 'precisamos retribuir o carma', ou 'devo esforçar-me para equilibrar o carma', ou 'quero resolver este carma', e assim por diante. Há sempre implícita uma ideia de obrigatoriedade, de algo que oprime o ser. Entretanto, no temperamento de segundo raio, não existem afirmações como essas; o carma está simplesmente ali e o indivíduo adere a ele, trabalhando-o livremente, sem considerações de ordem mental ou emocional. Para o segundo raio não existem perguntas tais como 'o que será que fiz antes, para merecer tal sorte?' ou 'o que deixei de fazer?' 'Quando isso acabará?' 'Será que estou agindo corretamente agora?' Todas essas questões não surgem quando o amor-sabedoria está em franco desenvolvimento no indivíduo.

Diante de uma situação cármica, como no caso do rabino, se em nós o segundo raio está fluindo com liberdade, permanecemos quietos, sem nada exigir. O rabino, de segundo raio puro, ao ser apontado como pai de uma criança, não julgou os que o acusavam, nem lamentou o ocorrido, nem sequer teve comiseração pela criança. A ação a executar era-lhe evidente, sintética, sem nenhum comentário – pura ação no eterno presente.

Não há, também, por parte do segundo raio, nenhuma pretensão, exigência ou expectativa quanto ao comportamento das outras pessoas incluídas na ação. Se a família da moça, por exemplo, não viesse nunca mais buscar a criança, seria a mesma coisa; se viesse no dia seguinte, ela seria entregue do mesmo jeito como o foi, depois de anos. O temperamento evoluído de segundo raio não questiona a ação daqueles que se encontram em outro ponto de consciência, que têm outros temperamentos, outras experiências, outro passado. Simplesmente, compreende que jamais alguém pode corresponder à expectativa do outro, porque as expectativas surgem do condicionamento de cada um, não podendo, então, corresponder à realidade do outro.

Outras lições ainda podem ser tiradas dessa história, na qual se vê nitidamente o temperamento de amor-sabedoria. Uma delas é a percepção imediata, intuitiva, de qual era a oportunidade máxima de

evolução para a criança. A visão imediata, por parte do rabino, de que a criança iria evoluir mais facilmente se estivesse com ele não deveria ser prejudicada por nenhuma espécie de convencionalismo ou de ressentimento. Se foi percebido, por meio do amor e da compaixão que aquele ser devia ficar ali para evoluir, seria mero convencionalismo dizer que outros são os responsáveis legais. Tal ideia jamais faria parte da percepção pura do Plano Evolutivo e da necessidade vital daquele momento.

No amor-sabedoria, a real participação e a verdadeira partilha não necessitam de perguntas nem de explicações. Tampouco há curiosidade a respeito da vida alheia. Tornamo-nos participantes do que é percebido como real e assumimos a situação, sem questionamentos. É algo bastante elevado a ser desenvolvido nesta humanidade. Fica-nos, porém, a pergunta: como se chega a tal participação, sem o comentário social, sem conversas supérfluas ou a identificação com as circunstâncias humanas? Quando procuramos ficar com a mente na unidade, na totalidade da vida, refletindo sobre o fato de a vida ser una, de não estarmos separados de nada, com a mente e o coração abertos, começamos a perceber os acontecimentos de um modo direto, sem dramatizações supérfluas.

\* \* \*

Caberia aqui, ainda, outra questão: essa atitude não se assemelha à indiferença? Se, na história narrada, por exemplo, a criança quisesse continuar com o rabino, como poderia ele entregá-la com essa facilidade? Nessa história, ocorreu que a energia foi irradiada também para a mãe, levando-a, amorosamente, a esclarecer a situação. Se ela chegou a isso, algo de bom lhe foi transmitido pela atitude do rabino. Não se trata, portanto, de indiferença.

Um indivíduo do temperamento de segundo raio sabe que poderá ser considerado indiferente pelos outros. Todavia, procura agir conforme o que, no eterno presente, percebeu que deve ser feito. Sua atuação será compassiva: estando profundamente unido ao outro, levará em conta o que percebe ser o melhor. Com isso, ele fica liberto de expectativas, porque o outro vai ver aquela ação como puder e a partir do ponto evolutivo em que realmente está. Foram três pessoas que levaram a criança, e cada uma viu aquilo sob sua própria ótica e de acordo com a sua própria experiência passada, mesmo que tenham compreendido o fato. Exatamente por isso, essa energia do amor-sabedoria não exprime nenhum juízo: capta, compreende, vê claro, porém, não julga.

## **O QUE A SABEDORIA TRAZ**

OS INDIVÍDUOS que manifestam a energia do amor-sabedoria também precisam incorporar qualidades de outros temperamentos, como, por exemplo, as de vontade-poder. O primeiro raio lhes traz um complemento necessário, equilibrando-lhes a natural tendência de serem inclusivos demais, sem usar de discriminação.

Nessa inclusividade excessiva, essas pessoas tendem a não afastar de si o que é negativo para o próprio progresso e, com isso, acabam aumentando a carga de desconforto e miséria da humanidade. No campo da procriação da espécie isso é patente, pois raramente nos perguntamos se estamos em condições de ter um filho. De modo geral, não estamos preparados para isso e, no entanto, pensamos exclusivamente no nosso desejo de fazê-lo.

Todavia, quando evoluído, esse temperamento expressa a capacidade de síntese, de inclusividade e de união incondicional. Quando uma pessoa dessa energia já atingiu certa evolução, reverencia os que

são diferentes dela por possuírem qualidades que ela não manifesta, em vez de rejeitá-los, conforme normalmente ocorre. Usa uma psicologia diferente da comum, pois tudo que ainda não conseguiu incorporar em si e que vê no outro causa-lhe admiração e reverência, em vez de rivalidade.

Sendo evoluído, se lhe ocorre ser roubado, também reage de maneira incomum, pois considera o bem do ladrão que estará usufruindo aquilo que tirou e fica em paz, em vez de lamentar-se. Se for um tipo superior, sabe que nada lhe foi roubado, porque, sendo a vida um todo, os objetos que a integram apenas mudam de lugar e ninguém jamais perde coisa alguma.

Podemos ver diferenças nítidas entre esse raio e aquele que foi estudado anteriormente, o da vontade-poder. Há exemplos, usados por vários autores, que nos ajudam a reconhecer esse temperamento: se um indivíduo de primeiro raio recebe uma carta, após lê-la, pode facilmente rasgá-la e jogá-la fora, ao passo que o de segundo raio, após lê-la amorosamente, guarda o envelope para usá-lo mais tarde de alguma maneira, sem procurar se livrar logo dele. Se alguém de temperamento de primeiro raio tem livros ou objetos velhos que não lhe servem mais, joga-os fora, não os arquiva; já quem é de segundo raio, embora não os esteja usando, guarda-os em um lugar à parte e passam-se anos antes que os dispense.



Se um homem de primeiro raio está todo molhado, sacode a água violentamente, como faz um cão nessas condições; o de segundo enxuga o corpo cuidadosamente, com amor, cuidando também da toalha que está usando.

\* \* \*

A esses tipos de segundo raio não basta só o conhecimento intelectual; há neles um apelo para a vida espiritual. As informações teóricas, a cultura e o ensinamento técnico em si não os satisfazem. Seu caminho seria não só receber esses ensinamentos intelectuais, mas tomar ciência deles e incorporá-los à vida; caso contrário, sentir-se-iam vazios e frustrados. Entretanto, ao viver esses ensinamentos, nunca o fazem para si mesmos ou visando à própria evolução, mas pensam em seus semelhantes, na humanidade, ou seja, buscam evoluir para melhor servir aos outros. Têm sempre um motivo além de si mesmos para fazer a busca espiritual e, quando isso lhes falta, não encontram mais o meio de se aproximar do mundo superior. Têm necessidade, desde o princípio, de perceber que estão agindo em função do bem de outros.

Em termos de educação, isso é muito importante, pois, às vezes, não se percebendo que uma criança é de segundo raio, colocamo-la no ritmo normal da luta pela vida, quando, então, é ensina-

da desde cedo a competir. Isso pode acarretar-lhe uma frustração e desviá-la do caminho que a levará a verdadeiramente evoluir, progredir e aprender.

\* \* \*

O segundo raio é uma energia ainda pouco compreendida nos seus aspectos espirituais, pois é comum confundimos sentimentos humanos, impulsos afetivos, desejos e apegos com amor. Nos seus aspectos inferiores, essa energia é conhecida como manifestações emocionais e instintivas. Seu real valor ainda não é vivido pela maioria das pessoas.

O uso do termo amor-sabedoria justifica-se pelo fato de que existe em nossa mente uma diferença entre esses dois aspectos da mesma manifestação cósmica. O amor sem a sabedoria e a sabedoria sem o amor não são completos. Do ponto de vista do espírito, essa energia não é sentimento, nem impulso, nem apego, mas uma tendência profunda que todos os seres têm de união e de complementação, seja com outro ser, seja com algo ou com uma ideia. Essa necessidade de se integrar, que caracteriza indivíduos que têm predominantemente a energia do amor, é uma manifestação daquilo a que chamamos de Lei de Atração.

Sabemos que há uma força de coesão que mantém os átomos unidos e integrados no Todo. Isso

ocorre devido à lei de atração. O amor está aí, em uma expressão pura.

\* \* \*

Também no reino animal o amor está presente. Um dos pontos altos que as espécies conseguem atingir nessa busca da união é o instinto gregário, que os faz andar em bandos. O que leva os animais a isso é o mesmo fator que mantém um átomo unido e que, no homem, manifesta-se como tendência profunda para se completar. Essa necessidade do homem evolui desde a busca de união com o outro até a própria união espiritual com o Todo.

Ao evoluir, impulsionado pela energia do amor-sabedoria, o homem vai transformando suas sensações, sejam elas de antipatia ou de simpatia, e suas tendências de rejeitar ou aceitar. Ele percorre esse caminho inclusivo, passando de ser social, que tem vínculos afetivos e que vive com outros, para um relacionamento de nível espiritual, onde está presente a consciência de grupo. Após desenvolver ao máximo esta qualidade grupal, ele estabelece uma relação universal com todos os demais seres.

\* \* \*

Nesse caminho do amor, existem possibilidades de se ficar preso a alguma etapa, exatamente por não se compreender o que subjaz a essa necessidade

de se estar ligado a pessoas ou situações externas. Trata-se, pois, de um longo caminho.

Mas, como dissemos, a energia do segundo raio tem outro aspecto, que completa o do amor: é o que, não muito apropriadamente, chamamos de sabedoria. Esse aspecto é fundamental, pois possibilita que a serenidade e o desapego se instalem em nós, bem como a certeza de que a verdadeira união acontecerá, sem precisarmos nos preocupar com ela. É o aspecto sabedoria que traz essa compreensão, não manifestada pelo aspecto amor, e que dissolve qualquer ofuscamento mental que possa ocorrer enquanto se está nesse processo. Sem a sabedoria, o emocional torna-se envolvido e tumultuado na busca de união e a mente enevoadada, impedida de compreender e discernir. A sabedoria traz ainda a sensibilidade superior, o conhecimento daquilo que o outro está realmente necessitando, estimulando também o que chamamos de intuição.

O amor e a sabedoria são dois aspectos complementares do mesmo raio cósmico e que devem, portanto, estar sempre juntos. O amor é impulsionado pela atração, enquanto a sabedoria expressa o discernimento que reconhece a direção correta a ser seguida.

Note-se, entretanto, que a sabedoria é algo que pertence ao coração e não à cabeça ou mente pen-

sante. Assim, por meio da sabedoria alcança-se um tipo de compreensão que não vem da mente, mas de uma área onde "sabemos sem pensar". No corpo físico, esta área é representada pela região cardíaca que, simbolicamente, deveria estar desobstruída de ressentimentos e de mágoas, possibilitando assim que percebamos com sabedoria exatamente o que o amor quer.

\* \* \*

É fácil notar a presença do amor quando ele está vibrando sem sabedoria; nessas condições, ele se apresenta tingido por apegos humanos, manifestando a possessividade. No entanto, quando os dois aspectos estão juntos, sua atuação é tão desinteressada que pode até passar despercebida para pessoas sem a devida percepção intuitiva. Com a presença da sabedoria, o amor se torna impessoal – o amor com sabedoria geralmente não se impõe; atua em um nível mais profundo, desaparecendo da vista superficial dos indivíduos. Tanto é assim que, no passado, os enviados desse raio, que o expressaram da forma mais pura possível para a época, normalmente foram crucificados, assassinados e rejeitados, porque essa energia, quando constituída de seus dois aspectos, só pode ser captada em nível mais interno. E isso não era fácil para a humanidade comum da época.

Na verdade, aquele que ama com sabedoria não está interessado em demonstrá-lo, nem sente necessidade de ser compreendido. Isso decorre do próprio fato de ele estar vivendo um estado de consciência superior.

A humanidade terrestre atual já começa a manifestar a capacidade de compreender o amor-sabedoria. Essa energia está gradativamente se instalando entre os homens, particularmente nestes últimos dois mil anos, não mais para provocar crucifixões, mas para ser compreendida como nossa real essência, essência esta que não pode mais ser negada. A expressão pura do amor-sabedoria está sendo conquistada e desenvolvida no Sistema Solar e, à medida que evoluímos, vamos nos inteirando dela, sentindo-nos, com isso, cada vez mais integrados e realizados.

\* \* \*

Constatamos, pois, que o indivíduo que porta os dois aspectos dessa energia bem-integrados é, naturalmente, um educador, pois emite uma vibração que ajuda os outros a evoluírem em consciência. Para tanto, não é necessário que trabalhe no campo específico da educação, tal como estruturado hoje, mas, ao deixar fluir essas qualidades da própria alma, espontaneamente funcionará como um educador, seja qual for a sua profissão ou setor de atividade no mundo.

Assim, o processo de educação ou de reeducação consiste nessa manifestação e fluência ininterruptas do amor-sabedoria, não controlado, condicionado ou dirigido a um lugar específico. O indivíduo de segundo raio é imparcial e sua energia flui igualmente para todos os seres. O mesmo não se dá com o amor sem a sabedoria que em geral, é direcionado para alguém ou algo conforme interesses pessoais sendo, portanto, ilusório.

\* \* \*

Como vimos, um indivíduo de segundo raio, que esteja evoluindo rapidamente tem uma necessidade fundamental de ser útil e isso deve ser estimulado e não reprimido. As características desse ser são evidentes. Sob outros raios, a pessoa que se coloca a serviço de causas evolutivas, a princípio, usa uma série de meios para convencer e lutar pelos outros, ao passo que, neste temperamento, o trabalho de menor resistência é a oferta total de si mesmo, incondicional, feita no mais profundo da consciência. Dessa maneira, ao tomar conhecimento desse indivíduo completamente pronto para se doar, qualquer que seja a circunstância, as demais pessoas se abrem, compreendendo e sentindo-se atraídas para um plano mais elevado.

Chamo a atenção aqui para algo que pode ocorrer durante um serviço altruísta dessa natureza. Diver-

samente dos outros raios, em que, ao servir, o indivíduo destrói e constrói ao seu redor, no amor-sabedoria a pessoa percebe o que está limitando e impedindo a evolução, assumindo aquilo para si. Esse é um aspecto oculto, invisível, em que a dificuldade e a impureza que estão desequilibrando outrem são assumidas e transformadas. Como alma de segundo raio, tudo nessa pessoa é sublimado, o que possibilita que ela liberte os outros de seus obstáculos. Ao nos aproximar de um indivíduo com esta característica que já esteja a serviço da humanidade, temos a sensação de liberdade, desobstrução, leveza e soltura, porque há ali uma grande entrega e uma nobre união. Absorvemos de algum modo esse estado e algo é sublimado dentro de nós, formando-se, pois, um equilíbrio. Convém lembrar que nesse indivíduo, quando a alma começa a manifestar-se e a servir, necessita de certo resguardo, pelo menos enquanto não tiver um treinamento adequado. Ele pode se tornar menos útil caso se lance indiscriminadamente ao trabalho altruísta. Assim fazendo, absorve o que é negativo do outro e do mundo, uma vez que não sabe ainda enfrentar as situações sem se deixar envolver por elas, tornando-se, com isso, desvitalizado. No amor, é necessária a imparcialidade, pois só assim as situações são corretamente vividas.

O amor doado sem o discernimento da sabedoria produz desvitalização dos corpos da personalidade.



Com a sabedoria, que leva sempre ao equilíbrio, os corpos podem entrar em serviço, revitalizando-se à medida que se doam.

\* \* \*

Há, ainda, outro ponto importante a ser observado nesse campo.

No reino humano, ao manifestar-se, o segundo raio produz um desinteresse pela forma, pelo aspecto material. Consequentemente, a presença física de outro ser não é buscada de modo tão acentuado. Assim, ao mesmo tempo em que esse raio leva à união, traz tanto a intuição quanto o desapego pela forma.

A humanidade já aperfeiçoou a audição, o tato, a visão, o gosto e o olfato do ponto de vista material, assim como já desenvolveu muitos aspectos da sensibilidade e do intelecto. Chegou agora o momento de ela desenvolver a intuição, e essa é uma obra do segundo raio. Para que este trabalho seja realizado, é importante que se tenham claras as ideias e, ao mesmo tempo, que se saiba entregá-las aos planos superiores, sem apego, trazendo-as para dentro do coração. Assim, o amor-sabedoria pode fluir livremente sem encontrar resistências.

Muitos usam como exercício preparatório para isso visualizar nitidamente por alguns instantes, as

próprias ideias de caráter positivo e, em seguida, lenta e amorosamente, conduzi-las para um lugar simbólico, localizado na própria consciência, que pode ser chamado de "coração". Não se trata do coração físico, nem do centro cardíaco em si, mas de uma postura, de uma atitude da própria consciência: ali, as ideias pessoais, quando entregues, divinizam-se, e os apegos transformam-se em saudável doação.

Feche, pois, os olhos, relaxe o corpo físico, ponha de lado os problemas que você mesmo criou em sua vida humana e imagine esse local de alquimia. Leve para lá suas ideias, fique bem quieto e deixe a transformação operar-se.

## **O SENHOR DO EQUILÍBRIO**

TERCEIRO RAIO: INTELIGÊNCIA ATIVA

*Haveria alguém no mundo  
que sentisse luxúria, animalidade,  
medo ou ansiedade, se soubesse  
como evitar isso?*

JOEL GOLDSMITH



## TRANSFORMAÇÃO DA ATIVIDADE

O TERCEIRO RAIOS é a energia que adapta a forma ou corpos à alma que a habita. Está presente, pois, no momento de nossa encarnação e promove uma série de atividades que, com o decorrer da evolução, vão-se tornando inteligentes.

No princípio, essas atividades são mera ânsia de agir, de fazer coisas, necessidades herdadas do reino animal. O que no reino humano aparece como ânsia de atividade, no animal manifesta-se como desejo de comer e de beber, até hoje presente em muitos homens em forma de gula. A gula por comida e bebida, desatualizada no ser humano, teria de ser transformada em interesse pelas atividades úteis, que, por sua vez, vão-se tornando sempre mais ordenadas e inteligentes, deixando de consistir em meros movimentos vitais.

O terceiro raio tem uma função nítida, mesmo quando ainda não desenvolvido na pessoa. Ao suscitar no homem não evoluído essa ânsia de fazer coisas, de trabalhar, de criar e de movimentar-se no

plano físico, está servindo de instrumento à alma que, encarnada no indivíduo ativo, faz assim uma série de experiências.

No decorrer da evolução, a ânsia pela atividade física transforma-se lentamente em interesse pela atividade intelectual, desenvolvendo-se, então, uma necessidade de trabalhar a mente. O interesse pela cultura, pela vida subjetiva, é instigação da inteligência ativa, ou Espírito Santo, como misticamente esse raio é também chamado no Ocidente.

Como vimos, o homem passa, pois, de um estágio de ânsia pela comida e pela bebida para o da necessidade de agir, de se exteriorizar e de criar coisas, evoluindo, mais tarde, para o interesse de ordem intelectual. Tudo isso é provocado pelo terceiro raio, que vai estimulando a atividade seletiva e colocando-nos em posição de discernir e de equilibrar os impulsos do desejo.

\* \* \*

É também o terceiro raio que nos leva a selecionar os impulsos do amor. Em estado ainda não desenvolvido, eles surgem em forma de desejo ou preferência por coisas ou pessoas. O terceiro raio desperta, então, uma atividade discriminativa, um estímulo para se discernir com lucidez entre todos esses impulsos. É desse processo de escolha que o amor evolui sem levar à dispersão.

Depois de desenvolver em nós os recursos intelectuais, o terceiro raio cuida de adaptá-los à nossa capacidade de seres ativos. Juntando agora atividade e intelecto, não mais agimos indiscriminadamente, mas passamos a perceber com discernimento o que estamos fazendo. Antes de agir, veremos como cada coisa deve ser feita e em que proporção aquela atividade deve entrar em nossa vida.

Em um homem ainda pouco evoluído, essa energia age colocando-o simplesmente em atividade, o que pode levar à dispersão. Em seguida, quando esse raio já está atingindo seus melhores aspectos, o homem começa a apresentar sinais de discernimento no agir, sentir e pensar; este é um ponto importante em sua evolução.

Esse raio leva a uma atividade extremamente ponderada e tem, dessa maneira, a função de ligar a vontade superior, ou primeiro raio, com o segundo, a sabedoria.

\* \* \*

O terceiro raio é uma energia que abre caminhos, apresentando-se também com características de vontade superior e de sabedoria, não só como impulso ou manifestação ativa em si. O amor puro leva à união com a totalidade e, antes que possa fluir, é necessário que outros raios estejam equilibrados com ele e que os canais interiores do ser

estejam relativamente purificados, caso contrário, o ser se lançaria indiscriminadamente a tudo e a todos. Aqui a energia do terceiro raio torna-se importante porque, deixa a mente aguda, focalizando, discernindo e escolhendo, mantendo sob controle esse amor que estava às soltas e que, assim, seria indesejável em certo estado evolutivo.

Neste caso, a decisão de estabelecer limites pode ser de ajuda, dependendo de como é recebida e trabalhada, pois o mau uso da energia discriminativa pode chegar a tolher o movimento do amor. Por isso, é preciso saber dosá-la, a fim de que esse movimento flua na medida justa.

\* \* \*

Conclui-se daí que esses três raios, trabalhando juntos, formam uma trindade de energias no homem: o raio da vontade-poder, que, sem a sabedoria do segundo raio e sem o controle do terceiro, pode ser destrutivo; o raio do amor-sabedoria, que, sem a vontade como impulso primordial e sem a inteligência discriminadora, torna-se dispersivo; e o raio da inteligência ativa, que, sem a sabedoria e o amor do segundo e sem o poder do primeiro, também não se realiza completamente, uma vez que permanece como simples força de movimento.

Vê-se, portanto, como é importante que o terceiro raio atue em conjunto com os outros dois



raios: na medida em que o primeiro, conforme a vontade superior que ele conhece, envia o impulso, o segundo o confirma e o equilibra com a sabedoria; o terceiro, quando evoluído, executa o trabalho. É nesse sentido que dizemos que o primeiro raio seria símbolo da mente nesse processo construtivo, o segundo do coração e o terceiro das mãos que realizam. Nessa imagem, a trindade de energias forma um só corpo de manifestação. E é a partir dela que advêm os raios seguintes, de modo bem nítido.

\* \* \*

O terceiro raio manifesta-se também como instinto e é bem visível no reino animal, do qual muitos aspectos persistem na vida humana, etapa sucessiva na escala evolutiva. Faz parte da tarefa dos homens desenvolver um relacionamento correto com o reino animal, com o qual têm em comum, por exemplo, o corpo físico. Apesar da diferença de existir no nosso corpo uma organização superior devido ao fato de certos centros energéticos ainda não estarem ativos nos animais, há uma série de semelhanças quanto à constituição da matéria física em si. Trazemos o mesmo material sólido, líquido, gasoso e etérico; trazemos o mesmo desejo de comer e de beber, o desejo de procriar e um instinto – representado em nós pela premonição – que é a capacidade de saber antecipadamente o que se vai passar no plano físico.

Essas características do animal estão presentes no homem de hoje. Dentre elas, a premonição precisa ser transformada em percepção superior no reino humano. Um cão percebe a distância a chegada de seu dono e sabe quando este vai partir; os gatos, por sua vez, também podem perceber quando o dono vai desencarnar. Isso, no homem, é para ser transcendido e sua percepção não deve ficar limitada, simplesmente, a fatos físicos como esses. O homem está destinado a saber qual é o Plano Cósmico para ele e para o planeta, coisa a que nenhum animal tem acesso. Nossa percepção já deve estar aberta para esses fatos e outros ainda mais amplos, pois é nosso papel conhecê-los e colaborar para a sua execução.

\* \* \*

Temos inúmeras responsabilidades perante o reino animal. Ao término da experiência como animais, os seres entram no caminho da individualização, isto é, são preparados para que aconteça dentro de si o nascimento da alma, que se torna o núcleo reencarnante. Faz parte do Plano Evolutivo para este planeta que os homens colaborem com esse longuíssimo processo que se dá nos animais, estimulando a formação da alma dentro desses seres ainda infra-humanos\*.

\* Sobre INDIVIDUALIZAÇÃO, ver A CRIAÇÃO (NOS CAMINHOS DA ENERGIA), do autor, Ed. Pensamento.

O eu superior, ou alma, surge em uma fase próxima à passagem para o reino humano, portanto, cabe ao homem que, naturalmente, já passou por essa etapa, estimular sua formação. O animal pode tornar-se indivíduo por vários processos. Porém, até agora, devido à inconsciência do homem, tem sido usado o processo de derramamento de sangue. Pelo sofrimento, um núcleo interior pode ser alcançado acarretando a individualização, mas esse é um processo ultrapassado. Existem outras estratégias para se dar o surgimento da alma.

À medida que o homem dominar em si os desejos inferiores e for transcendendo esses aspectos remanescentes de seu estágio animal, à medida que se tornar mais mental e que sua atividade for inteligente, por meio da evolução do terceiro raio dentro de si, outras formas de colaborar com a individualização dos animais serão percebidas. Dentre elas, cite-se, por exemplo, a convivência sadia com eles, o amor e a dedicação recíprocos bem cultivados.

\* \* \*

Anos atrás, dediquei-me a um estudo direto do reino animal, convivendo com alguns animais domésticos de adiantada evolução. Vivíamos juntos, em um mesmo apartamento, eu e quatro gatos de raça, um casal de cães barboni, um vivaz cachorro do Etna e um papagaio australiano, imenso e bran-

co, que se mantinha disciplinadamente em um poleiro improvisado para ele.

Viver com esses seres amorosos e extraordinários foi uma esplêndida aventura e um grande aprendizado. Pude perceber, daí, que eles mantinham contato entre si e com os seres humanos que os compreendiam por intermédio de um fio de comunicação que era evidentemente interno, telepático. Em certa ocasião, os gatos passaram toda uma noite saltando alegremente de um extremo a outro do pequeno quarto onde eu dormia, trocando de posições sobre as almofadas de pena e travesseiros extras. Apesar do calor que fazia então, os cães também se revezavam, cedendo ora a um, ora a outro, o lugar preferido de todos: o meu peito.

De madrugada, enquanto todos dormiam no resto da casa, a gata do Sião, repentinamente, decidiu mudar de posto e, saltando sobre a cama, caiu atrás do meu travesseiro. Acordei com suas carícias sobre a minha testa úmida. Ocorre que, pouco antes desse "voo de amor", enquanto um dos cães dormia sobre meu peito e eu dormia também, havia ressoado dentro de mim, bem audível, uma voz não humana, que articulava um som significando "a gata vai saltar". Assim, quando a gata pulou no escuro, eu já soubera disso e pude então viver essa experiência do encontro que acontece plenamente antes mesmo de ele se consumir, no plano físico;

e a voz que me avisara, certamente, não vinha do reino humano.

\* \* \*

Reconhecendo no animal um candidato à individualização e ao tratá-lo como um ser em evolução, e não como mero objeto de utilidade, o homem proporciona-lhe um estímulo que acarreta não só o desenvolvimento de seu futuro corpo da alma como, também, de sua mente ainda embrionária. Manifestar essa consciência junto a um animal é mais efetivo do que demonstrações exageradas de emotividade.

\* \* \*

Nosso contato com o reino animal também evoluiu. Assim é que, como homens primitivos, tínhamos com os animais apenas contatos agressivos. Mais tarde, como homens emocionais, na época da Atlântida, desenvolveu-se um relacionamento de tipo afetivo que levou à convivência doméstica de hoje. Assim como existem seres humanos carentes de afeto, há animais necessitados disso por causa do contínuo derramamento de sangue que tem ocorrido através dos tempos, e que ainda persiste nos dias de hoje. Podemos, sim, lançar mão de recursos afetivos junto aos animais, cuidando, porém, em não detê-los em uma fase evolutiva anterior àquela na

qual podem agora entrar, que lhes permite desenvolver a mente em embrião.

Visualizando essa participação positiva na evolução do reino animal, já estaremos agindo mentalmente junto a ele de maneira lúcida e coordenada. O animal absorve nossa atividade inteligente e sua substância mental começa a organizar-se, pondo-o no caminho da individualização ou surgimento da alma.

Para esse processo, o amor e a fidelidade contribuem muito. Quem convive com cães, elefantes, cavalos e outras espécies nas quais a individualização pode dar-se, sabe que eles têm necessidade de receber demonstrações de afeto.

\* \* \*

Observe-se nisso tudo que o serviço que o homem presta tem sempre como base o seu próprio comportamento: é 'sendo' que ele serve melhor. À medida que nosso intelecto e mente se desenvolvem e que nos tornamos mais conscientes, juntamente com toda a humanidade da qual somos parte, o processo da individualização dos animais será transformado. Não mais será feito pelo sofrimento naquele reino, pela dor ou pelo derramamento de sangue, mas sim pelo amor transmitido por via telepática, de nível cada vez mais alto e desprovido do sentido de posse e usufruto.

A raça ária, na qual hoje estamos, é regida pelo terceiro raio, por isso essa energia nos é tão vital. Essa energia também está presente na personalidade do planeta Terra e no reino animal. Desse modo, se estivermos coligados com esses fatos, o terceiro raio se vale de nós para ajudar outros indivíduos a construir seu caminho de ligação com o eu superior. É com a ajuda do terceiro raio que o veículo material físico pode adaptar-se ao que está dentro de si, ou seja, ao núcleo espiritual.

Há outras manifestações desse raio que podemos detectar. Uma delas é a sua expressão superior, por meio das comunicações mentais e telepáticas. Podemos ver, por exemplo, a ação de sua energia abrindo caminho com o progresso das comunicações em geral. Todavia, essas terão de ser postas a serviço da evolução, o que não se dá em termos absolutos, hoje em dia.

Outra expressão da inteligência ativa como energia, no planeta, e que ainda não foi bem compreendida, é o emprego e a distribuição do dinheiro. O poder econômico é um dos aspectos inferiores do dinheiro que, na verdade, simbolizaria a energia espiritual, pois se circulasse corretamente permitiria ao espírito fluir. Se o sistema circulatório deste planeta, representado pelo dinheiro, não funciona

perfeitamente, formam-se 'tumores' e todo o organismo fica doente. Isso se dá quando não sabemos usar o discernimento, que é atividade fluente e adaptável.

Saber canalizar o dinheiro para onde é necessário, e não para onde ele já é abundante, seria realizar esse aspecto espiritual ou evolutivo do terceiro raio. A mente humana ainda não está suficientemente livre para isso e, assim, canaliza o dinheiro para onde ele já existe, paralisando desse modo a fluência da energia criativa.

Apesar de o terceiro raio estar em ação e incorporado ao planeta a ponto de dirigir nele a circulação da energia espiritual utilizando-se do dinheiro, seus aspectos superiores ainda não foram compreendidos pelo homem.

Quem for de terceiro raio e estiver sintonizado com os aspectos mais positivos dessa energia, é maleável e, certamente, leva essa inteligência ativa para todas as situações. Por isso, tem características de adaptabilidade que aos demais parecem estranhas. Uma pessoa desse tipo pode, por exemplo, deitar-se e dormir no chão sem travesseiro, colchão ou lençol, sem o menor problema e com a mesma facilidade com que se deita em uma cama macia e bem preparada. Se encontramos alguém com esse temperamento e dele consciente, é inútil ficar com



excesso de zelo e cuidados, pensando só em seu bem-estar material. Para ele, com sua energia de adaptabilidade, o conforto exagerado não tem muito sentido, pois não vê diferença entre as diversas situações materiais nem está condicionado por elas. Da mesma forma, o terceiro raio já desenvolvido, puro, não discrimina as pessoas, mas as vê em sua própria essência. Diferentemente, a pessoa de temperamento de terceiro raio ainda não desenvolvido usa da discriminação para dizer quem é seu amigo e quem não é. Para aquele que já ultrapassou a aparência formal e venceu inteligentemente essas diferenças externas, não existem mais essas características separativas – a não ser quando elas forem essenciais para certos efeitos práticos de ordem no plano físico.

\* \* \*

As diferentes energias acarretam qualidades mentais diferentes. Uma mente de terceiro raio, por exemplo, pode visualizar muitos assuntos ao mesmo tempo, mantendo uma ordem e cronologia perfeitas entre eles. Se for bem organizada, ela poderá estar concentrada no que ocorre diante de si e, ao mesmo tempo, observar o que está ocorrendo ao seu redor, além de ter na consciência o que será feito um ano depois. Isso sem qualquer prejuízo para a ordem e o equilíbrio.

Ressalte-se, porém, que a mente de terceiro raio corre o risco de cristalizar-se em alguma ideia. Esse raio, assim como contribui para a lucidez, tende a fixar as coisas. Por conseguinte, o cultivo do desapego é sempre útil enquanto se manifestam inteligentemente as ideias, por mais adequadas que sejam.

\* \* \*

Se compararmos o processo de um homem de terceiro raio ao da aranha fazendo a sua própria teia, poderemos obter muitas clarificações. A aranha tece sem se enredar; já o homem, ao construir sua própria vida sobre a Terra, comumente enreda-se nela, isto é, apega-se ao que faz e cria. Antes de ser bem realizado em termos dessa energia, o indivíduo que a expressa parece permanecer preso dentro de um quarto, com uma pequenina vela acesa no alto da cabeça. No princípio, é essa toda a luz de que dispõe. Com isso, ele vê confusamente e faz muitas experiências em sua querida prisão. A teia de sua vida é tecida, então, com pensamentos, sonhos, desejos e objetivos humanos. Assim ele constrói a vida que quer, mesmo não conseguindo ver-lhe o desenho todo, porque ele mesmo está enredado nos fios.

A certa altura, porém, esse tecelão ouve dentro de si uma voz que o manda destruir todo o desenho

feito, ou seja, toda a sua amada teia. Começa, então, o processo de treinar o desapego, que o leva ao caminho de retorno aos níveis mais altos, de onde um dia partiu como consciência.

A aranha, que desde o princípio nunca se viu enredada nos fios de sua teia, é um exemplo perfeito da expressão superior do terceiro raio, a inteligência ativa em outro reino da Natureza.



## QUALIDADES E ILUSÕES DA PESSOA ATIVA

A ENERGIA DA ATIVIDADE, uma das que predominam nesta época, por ter ligação com o aspecto externo e formal das coisas, leva o homem de hoje a um interesse excessivo pelos fenômenos materiais. Se ele não inclui em si outras energias, fica preso e condicionado pelo aspecto mecânico da vida, o que atrasa seu processo intuitivo, no qual não é preciso comprovar nada. Intuitivamente, as impressões transmitidas pelos níveis internos chegam a ele como são na realidade, prontas, e sua consciência percebe que não há outra forma de elas serem; naquele preciso momento.

A capacidade de ordenar, de pensar sequencialmente e de cuidar antes do que é prioritário, é trazida por essa inteligente energia. Um médico que seja de quinto raio, que é o raio do científico, ao prescrever um tratamento, considera apenas o medicamento e o indivíduo em si mesmos. Se, todavia, ele for de terceiro raio e se estiver aberto a essa energia, procurará combinar os elementos daque-

le medicamento com os traços do indivíduo. Essa é uma capacidade que vai além do conhecimento material, e essa possibilidade de abstração e de lidar com os fatos em seu todo é facilitada pela ajuda do primeiro raio, que se harmoniza bastante com o terceiro. Ao prescrever, por exemplo, um remédio feito de ervas, um médico de terceiro raio estará, intuitivamente, aproximando a essência da erva do temperamento do paciente.

Tempos atrás, alguém me relatou que um pediatra queria dar carne a uma criança carente de proteínas. Se essa criança fosse levada a um médico de terceiro raio, provavelmente ele encontraria outra solução para o caso.

Um ponto importante aqui é o seguinte: embora um corpo físico necessite, sim, de proteínas, dentro dele pode haver uma alma que há muito venha encarnando em corpos vegetarianos e, se assim for, alimentar com carne não seria a única forma de se suprir tal corpo com as substâncias necessárias. Daí a necessidade de abertura aos níveis intuitivos, única via segura de realmente sabermos o que deve ser feito em cada situação.

É oportuno esclarecer que os raios não são ligados rigidamente a determinadas profissões. O terceiro, por exemplo, não é o da ciência. No entanto, um indivíduo sob sua influência pode ser um

cientista mais abrangente do que um de outro raio, pelos motivos que vimos. Ressalve-se aqui que o homem de terceiro raio tem facilidade de iludir-se quando não tem ainda certa evolução.

Uma ilusão própria de quem está sob a energia da atividade é a de estar sempre ocupado; a pessoa julga não ter tempo para nada e está sempre atarefada. Na realidade, se temos uma atividade correta, as vinte e quatro horas do dia são dispostas de maneira ordenada e qualquer coisa que aconteça, de maior ou de menor peso, fora desse ritmo equilibrado, fica logo evidente. Isso pode ser reconhecido pelo homem ativo que não tem mais essa ilusão; nele, essa energia vem acompanhada de discernimento — ele sabe o que é útil e o que não é, o que é essencial e o que é supérfluo, conhecendo também a dose certa das coisas, como, por exemplo, a duração de uma conversa.

Outra ilusão de quem está sob a energia da atividade é a sensação que tem de que trabalha para o planeta e para o Plano Evolutivo sozinho, como o agente único. Esse Plano para a vida do planeta, nesta época, não é mais executado por ninguém individualmente, mas por grupos internos que podem, eventualmente, refletir-se em um grupo externo. O homem que demonstra tendências a tentar cumprir sozinho a parte que lhe cabe no Plano Evolutivo coloca, com isso, os colaboradores na situação de não estarem seguros no trabalho.

Esse homem ativo tem também a ilusão de que pode esquematizar e planejar eventos de maneira rígida. Na verdade, o que é planejado está incluído em um ritmo maior, que normalmente desconhecemos. No terceiro raio evoluído traçam-se algumas linhas de ação, todas englobadas em um esquema mais amplo que, nem sempre, podemos ver perfeitamente. A rigidez em manter os esquemas mínimos é própria do homem de terceiro raio ainda iludido, que não tem essa perspectiva maior.

Um temperamento ativo pode ser levado a agir segundo a própria criatividade inferior e pessoal. Isso não é compatível nem está em sintonia com a energia criativa superior, presente no homem, em seus níveis mais profundos. Esse homem ativo, a certa altura, pode desviar sua atuação, que estaria incluída em um Plano maior, esquecendo-se de que a verdadeira criatividade é a fluência e a manifestação de um nível superior de consciência, transpessoal.

Mesmo imbuídas de boas intenções, certas pessoas desse temperamento iludem-se e agem somente de acordo com as próprias tendências, antes de se porem à prova ou de se confrontarem com as necessidades dos outros seres humanos, bem como com as do planeta em geral.

Outra ilusão também comum aos que estão sob a influência dessa energia é pensar que devem contro-



lar a situação de outros, manipulando-lhes as ações, sentimentos e experiências. Ao nos sentirmos ativos, é preciso cuidar para que nossa ação não invada a individualidade do outro, tolhendo sua privacidade. Cada um tem de resolver os próprios assuntos e é uma ilusão querer, com a personalidade, ajudar as pessoas além de certo limite. Projetamos, assim, nossa própria forma de resolver o problema, que pode não ser a adequada. É perigoso sugerir algo sem conhecer o conjunto da vida de alguém.

Pode também surgir em nós a ilusão da nossa própria importância e conhecimento. Passamos a achar que já sabemos o suficiente, que não é mais necessário colocar as coisas na luz interna e receber as soluções de dentro do próprio ser, ou que somos eficientes a ponto de não falharmos. Acreditar demais na própria eficiência é outra ilusão desse temperamento.

\* \* \*

Verdadeiramente, essa energia da atividade inteligente tem uma ação espiritual na Terra e no homem. Faz parte de seu papel vitalizar o que deve ser manifestado, tendo como base o trabalho em colaboração. Não se trata de o próprio indivíduo ficar vitalizando as formas, fazendo tudo pessoalmente, mas sim de deixar que os outros façam livremente o que deve ser feito.

Um trabalhador maduro, sob esse raio, considera os outros colaboradores tão vitais quanto ele próprio. São necessárias diferentes energias em um mesmo trabalho para que o resultado não seja unilateral, mas sim o mais útil possível.

\* \* \*

Esse raio possibilita também o desenvolvimento da capacidade de concentração em assuntos abstratos, não palpáveis – o que não se dá com os outros raios, como, por exemplo, o quinto. Quando evoluído, o homem de terceiro raio tem não só capacidade de análise mas também paciência e versatilidade de pontos de vista. O tipo mais evoluído não se preocupa com coisas materiais nem com minúcias ou aspectos secundários. Pode ocorrer que ele se envolva inicialmente no momento em que algo acontece, mas isso não persiste e não consegue desviá-lo da meta. Como ele tende à síntese, qualquer movimento desequilibrado é imediatamente reconduzido ao equilíbrio e nada fica desordenado por isso.

A capacidade telepática e a de compreender ideias novas também são características desse temperamento. Para que a capacidade telepática possa evoluir, é preciso não haver reações ao que os outros indivíduos manifestam, pois qualquer reação que se tenha bloqueia a possibilidade de uma comunicação interna consciente.

No tipo de terceiro raio não evoluído, toda a vivacidade e presteza são canalizadas para coisas não positivas, usadas só em proveito próprio e não para o bem de todos. A inteligência também, que é característica do homem nesta energia, nos pouco evoluídos é empregada para satisfazer interesses próprios, sem levar em conta os demais. Já o homem evoluído pensa mais em termos da necessidade real do outro, ou de um grupo, do que da sua própria e visa, de preferência, ao bem de grupos sempre maiores.

Um governante de terceiro raio em grau evoluído toma decisões baseadas nas necessidades do mundo, e não somente nas de seu país. Todavia, esse tipo de governante é ainda raro.

No caso de essa energia produzir um indivíduo sectário, que visa só ao bem do próprio grupo, isso não significa que ela, por si só, seja a responsável por isso. A energia é extremamente inteligente e conhece o Plano Evolutivo, mas ao passar pela mente ou pelo emocional de um indivíduo que ainda não esteja com os canais suficientemente coordenados e purificados, torna-se deturpada.

Quando, na Antiguidade, trabalhava-se com esse raio em locais especializados, como as escolas de mistérios, todos os candidatos passavam por

anos de purificação consciente para depois entrar no processo de invocação da energia. Hoje pode-se fazer a mesma purificação em um prazo mais curto, já que estamos em uma era de síntese, na qual vários fatos transcorrem concomitantemente. Lembre-se, contudo, de que a purificação dos corpos físico-etérico, emocional e mental não deve ser dispensada ao se lidar com energias.

\* \* \*

Para abirmo-nos às energias superiores, basta o aquietamento, a que denominamos de pura invocação. Havendo abertura no indivíduo (e isto é feito com a intenção íntima de ficar disponível para o trabalho evolutivo), a energia, por ser inteligente, vem na proporção em que pode ser recebida e conforme a capacidade do recebedor.

Mesmo não estando completamente abertos e disponíveis, há uma porção que, por direito cármico, chega até nós, já que fazemos parte de um planeta que recebe essa energia. Se os corpos da personalidade não estão ainda purificados e livres de apegos, essa porção que se recebe, em alguns casos, pode ser suficiente para produzir congestionamentos, redundando em enfermidade física, desequilíbrio emocional ou mental.

Entretanto, à medida que o indivíduo transmuta seus aspectos negativos, a energia flui pro-

porcionalmente, sem provocar conflitos. Tudo isso se insere na própria ordem do universo, levando a um equilíbrio perfeito. Pode ocorrer, todavia, que a energia encontre resistência no indivíduo, sendo bloqueado, com isso, o seu fluxo. Como consequência, poderão surgir trombozes cerebrais, enfartes, síncofes, problemas circulatórios ou de coluna. Essa questão é complexa e ampla. A título de exemplo, suponhamos que alguém tenha de transferir o próprio foco de atenção do emocional para o mental, e que o esteja realizando lentamente em relação à oportunidade que a vida lhe apresenta. Seria o momento de essa energia subir pela coluna, mas como, com suas reações, o indivíduo permite-se demorar no nível emocional provoca, então, um problema na própria espinha.

Um terapeuta de terceiro raio teria facilidade de conduzir um caso desses, mas o assunto só pode realmente ser resolvido em definitivo se a própria pessoa deixar fluir em si a energia. O papel do terapeuta é ajudar o indivíduo a ver em que ponto de sua vida física, emocional ou mental a energia está bloqueada e estimulá-lo a purificar-se e a alinhar-se com seus núcleos superiores de consciência.

\* \* \*

Em determinadas fases da evolução, é impossível recusar-se a fazer certas mudanças. Antigamen-

te, dizia-se que, para a energia subir pela coluna eram necessários exercícios respiratórios e de outra natureza. Hoje em dia isso mudou de certa forma e esse método antigo não se aplica mais. Deixamos a energia fluir à medida que dissolvemos nossos pontos de resistência à transformação. Sempre pressentimos, ou de algum modo ficamos sabendo, qual é o nosso próximo passo, qual a transição que devemos fazer. Resistir a esse passo equivale a provocar um bloqueio de energia.

Assim, para ajudar alguém que esteja em dificuldades, percebemos, com o coração, qual é o ponto que ele tem de mudar, qual é a transformação que necessita fazer. Se isso é captado com o coração, e não com a cabeça ou mente, não haverá interferências na vida do indivíduo. Perceber algo 'com a cabeça' significa também projetar os próprios pontos de vista sobre outras pessoas. É comum acharmos que, se uma coisa é boa para nós, o é também para outros. Isso é agir com a cabeça.

É preciso, pois, coligarmo-nos ao centro de sabedoria em nossa consciência não ao desejo de ajudar as pessoas a todo custo, o que seria próprio das ilusões mais típicas de terceiro raio. Podemos não ser a pessoa mais adequada para ajudar o outro naquele momento, e isto deve ser considerado. Existe uma sabedoria infinita que rege a tudo e a todos, e é somente por ignorância que nos envol-

vemos com as situações, principalmente quando elas ainda não estão claras.

Localizado o ponto a ser transformado, quanto menos falarmos a respeito, melhor – o que equivale a evitar reforçá-lo por meio do envio de forças mentais. O pensamento serve para focalizar o nível que é superior ao da crise. É bom estar apto a ver certos fatos se desenrolarem até o fim sem que movamos uma palha se não há consentimento interno para fazê-lo. Podemos promover um desequilíbrio na vida de alguém se começamos a tratá-lo desconsiderando seu verdadeiro grau evolutivo. No futuro, um número cada vez maior de terapeutas saberá ver isso mais precisamente do que hoje. Cada grau evolutivo tem suas próprias exigências, e os males físicos e psíquicos só podem ser resolvidos a partir da conscientização do que é necessário transformar internamente.

Se o indivíduo tem a real intenção de se transformar, o esclarecimento a respeito do ponto a ser tocado em seu caráter vem-lhe por diferentes vias: intuição, pressentimento, compreensão ou por intermédio de algum sinal externo. Pode ocorrer também que alguém esteja com dúvidas, abra um livro e encontre em uma frase a resposta de que precisava. O eu superior usa o instrumento mais próximo e viável, e é possível que já nos tenha mandado, alguma vez, a indicação de que necessitamos – mas que não a tenhamos percebido.

\* \* \*

Como personalidade de terceiro raio, posso assegurar que, em uma situação de envolvimento, a mente não pode reconhecer os impulsos que o eu superior emite em sua direção. Ver as coisas como são e não como gostaríamos que fossem é o primeiro passo para que as transformemos com o discernimento ou com a luz e o amor da alma. Trata-se de escolher entre caminhar com a pequenina vela acesa no alto da cabeça, instrumento único a iluminar um caminho muitas vezes escuro, ou voar acima de todas as circunstâncias com a própria luz interna, que serve para qualquer região e para qualquer altura.



## **O GRANDE INTERMEDIÁRIO**

QUARTO RAIO: HARMONIA DE OPOSTOS

*Cada vez que sua mente tentar vagar,  
traga-a suavemente de volta;  
traga de volta o seu pensamento.*

JOEL GOLDSMITH



## **REALIDADE INTUITIVA EM UM GRUPO**

A HUMANIDADE é composta não apenas de seres que habitam a superfície do planeta Terra, no plano físico. Faz parte dela uma vida disseminada pelo universo em vários níveis de consciência e em diferentes estados de manifestação. Os homens têm a oportunidade de viver encarnados no plano físico-emocional-mental sobre a crosta terrestre e no seu campo psíquico, mas não necessitam estar limitados a essa condição. Na própria órbita deste planeta, têm acesso a outros planos, tais como o mental superior, e podem viver em nível intuitivo, espiritual e divino, que são níveis diferentes e a que correspondem leis específicas.

Aprender a estar consciente em todos esses níveis, o que ocorrerá neste ciclo de manifestação da Terra, é um caminho para a evolução humana. Estamos vivendo a preparação para isso.

O quarto raio, a energia da harmonia e do equilíbrio de opostos, conduz à intuição e rege a humanidade como um todo. É esta energia que nos

leva a perceber o campo de consciência no qual nos encontramos limitados. Essa sensação de limitação surge em todos os homens quando atingem determinado grau de consciência: sentem-se tolhidos onde estão e precisam galgar outro nível da escala evolutiva, conhecendo, então, outros espaços interiores do próprio ser. Esse quarto raio rege o reino humano e nos faz sentir literalmente aprisionados onde estamos, impulsionando-nos a vencer as cristalizações, a inércia e o acomodamento típicos de etapas evolutivas materiais. Como é próprio da natureza do homem terrestre estabilizar-se onde chegou, cabe ao quarto raio estimulá-lo, por meio de conflitos, a alcançar outros estados de consciência. Nesses casos, a energia do raio leva os indivíduos a tal estado de insatisfação, que os prepara para romper as barreiras por eles mesmos construídas, fazendo-os, finalmente, mudar de vida. Esse conflito, se vivido conscientemente, transforma-se em uma situação harmoniosa e, à medida que o equilíbrio se instala, permite a manifestação da intuição, ou seja, a fluência da clareza proveniente dos planos supramentais.

\* \* \*

Quando a harmonia começa a estabelecer-se na personalidade do homem e no seu ambiente, advém algo de outro nível, onde não existem confli-

tos; desse nível, chamado intuitivo, as soluções vêm sem qualquer elaboração e se apresentam já claras. A finalidade do conflito é a de nos levar a uma consciência intuitiva, capaz de captar uma ideia de maneira global, sem construções mentais e sem cronologias.

Uma história conhecida no Oriente pode ajudar-nos a compreender como a energia do quarto raio atua nas criaturas. Houve um monarca poderoso que decidiu levar uma vida austera a fim de subir no conceito dos seus súditos. O seu objetivo era ser aceito em uma casta mais elevada – a dos brâmanes. Nesse desejo, ou ambição, podemos ver a energia do conflito estimulando-o a melhorar – já que o conceito de progresso, naquele tempo e naquela cultura, significava galgar os degraus do sistema de castas.

O povo, vendo-o viver de maneira tão austera, tentando purificar-se, achava que ele merecia ser considerado de casta superior. Entretanto, havia na cidade um velho brâmane que não pensava assim. Na sua opinião, tudo o que o rei fazia visava a um fim que não era expressão de uma necessidade profunda. Segundo o brâmane, o monarca ainda não havia passado por todas as etapas necessárias para chegar ao que pretendia, e recusou-lhe o título.

Ao saber da recusa, o rei mandou matar várias crianças da família do brâmane, certo de que, dessa

forma, por medo, o ancião lhe concederia o título pretendido. Mas o brâmane revelou que de nada adiantaria agir daquele modo, matando pessoas, pois isso não o levaria a um novo estado de consciência.

Decidido a matá-lo, o rei dirigiu-se às escondidas à casa do velho brâmane. Ao aproximar-se, percebeu que ele estava conversando com alguém e que o assunto era o próprio rei. Chegando mais perto, ouviu palavras tão puras, elevadas e construtivas a seu respeito, e viu tão ressaltados os lados positivos de seu reinado, que ali mesmo passou por uma verdadeira transformação. Jogou fora a arma que levava consigo e ajoelhou-se aos pés do brâmane, vivendo, a partir daí, um profundo processo interior.

Tempos depois, estabelecida a harmonia, chegou ao ancião, de seu próprio mundo intuitivo, o conhecimento da nova situação interna do rei. Então, ciente da intensa transformação pela qual ele passara, concordou em elevá-lo à casta dos brâmanes.

\* \* \*

É bom que se saiba que, quando não estamos ainda prontos para a transformação trazida pela energia, estamos sujeitos a uma série de tensões que nos preparam para o que vai acontecer. Nesse caso, entram em jogo duas forças: a energia que co-

nhece o caminho a ser percorrido pelo indivíduo, e as forças involutivas que, por meio de tendências mentais, tentam barrar o processo e fazer com que a primeira não possa atuar. A energia conduziria o homem para a meta sem gerar problema algum, mas o confronto com as forças de reação também é necessário no universo, pois nesse dualismo a alma realiza suas experiências. Este jogo fica mais evidente quando se trata da energia do quarto raio; o poder mental e os impulsos emocionais não educados representam a força involutiva que se opõe ao processo.

Conheci alguém que teve uma verdadeira intuição sobre um trabalho a ser realizado grupalmente, mas para o qual as pessoas indicadas ainda não estavam prontas. Elas necessitavam viver várias etapas humanas antes de pôr em prática a ideia, pois a forma e o ritmo de vida que tinham divergiam diametralmente daquilo que havia sido intuído. Parecia impossível a materialização daquela ideia.

Passaram-se tempos e a intuição perdurava, até que o trabalho começou a instalar-se no plano físico, apesar de ser evidente o processo de conflito, uma vez que os componentes desse grupo ainda não tinham decidido entregar-se à obra e, ao mesmo tempo, sentiam-se incompletos e inadaptados em sua vida normal. Foi durante esse conflito que a consciência deles cresceu e, a partir disso, surgiu

a possibilidade cármica de o trabalho manifestar-se completamente. Daí por diante, todos começaram a encontrar o seu verdadeiro lugar e, pouco a pouco, a harmonia foi aparecendo, manifestando o que a intuição havia, há tempos, revelado. Portanto, para que uma ideia intuitiva seja materializada, é necessário haver um processo duplo: primeiro, de conflito; depois, de harmonização gradativa e de purificação dos instrumentos envolvidos na ideia. Geralmente, os indivíduos têm seus sonhos pessoais, que, muito raramente, correspondem à realidade intuitiva. Daí a necessidade de conflitos. Muitas vezes é preciso que esse processo se alongue, permitindo que a pessoa viva uma experiência completa em determinado ponto, do qual precisa se desiludir definitivamente.

\* \* \*

Hoje em dia, conforme mencionamos, a materialização de uma ideia intuitiva nunca depende de uma só pessoa, mas de um grupo. Em primeiro lugar, é preciso que os indivíduos coligados ao projeto tenham efetuado, em termos qualitativos e quantitativos, o que chamamos de renúncia à vibração inferior. A energia deve elevar-se da focalização em aspectos instintivos e pessoais para outros, superiores, o que equivale a sublimar a qualidade das tendências à autoafirmação, ao sexo como desejo,



ao emocionalismo, transformando-as em universalidade, atividade criativa e amor desinteressado. Parte das pessoas implicadas no projeto intuitivo já deve estar vibrando em nível superior ao normal, isto é, agindo, sentindo e pensando com base em leis espirituais, não mais em nível de sexualidade e de autoafirmação em relação aos outros indivíduos.

O segundo aspecto necessário é a aspiração em transformar o estado de consciência atual. Isso equivale a uma busca decidida de elevação, de mudança nos hábitos e de expressão superior da alma. Aqueles que têm esses dois primeiros requisitos já treinados com certa intensidade podem compensar os membros do grupo que ainda não os têm – embora sejam todos de um mesmo grupo responsável pela execução da ideia intuitiva.

Do desenvolvimento desses pontos básicos, vem a criatividade superior ou capacidade de criar segundo inspiração da própria alma, que, neste estágio evolutivo, é um símbolo dos níveis superiores de consciência em cada ser. Em alguns indivíduos, a energia sexual já deve estar pronta para transferir-se do ritmo normal procriativo e de satisfação dos desejos para outro mais amplo. É quando essa transferência se realiza que surge a criatividade em seu sentido superior: a energia da procriação eleva-se e atua em outro nível. Isso implica criar, não mais sob o impulso das forças do ego humano,

mas, principalmente, sob o estímulo da energia supramental.

Não queremos dizer com isso que, em um grupo que se propõe a executar uma ideia intuitiva, todos devam renunciar à procriação no plano físico. O fundamental é que a energia seja canalizada para o centro interno da consciência e, para que isto ocorra, é necessário que haja pessoas no grupo com esse aspecto já desenvolvido e trabalhado, senão, a ideia intuitiva não pode manifestar-se de forma pura, correndo o risco de surgir de maneira desfigurada, como um reflexo distorcido da sua realidade nos níveis superiores.

Na humanidade, enquanto a questão da elevação da energia sexual não for compreendida de maneira mais generalizada, será preciso que alguns façam essa ascensão de modo bem decidido e claro para compensar os outros, erguendo, assim, a vibração geral do planeta.

Sendo una a humanidade, o que é feito por um de seus membros reflete em todos os demais.

\* \* \*

Pode-se controlar a natureza emocional e a mental, mas não se pode fazer o mesmo com o mundo intuitivo. Somente quando o mental, o emocional e o físico estão sob controle voluntário e não sob ten-

são, a intuição pode revelar-se livremente. Mas ela não pode ser invocada nem impulsionada pelo querer humano, por mais puro que este seja. O mundo intuitivo não recebe ordens; ele está sob outras leis e sempre pronto a projetar-se nos níveis concretos da vida, desde que a consciência esteja incondicionalmente aberta e voltada para os níveis internos ou mais sutis do ser. Isso pode ser conseguido com o auxílio da imaginação criativa, que nos leva a pensar nos níveis superiores tais como os concebemos e aspirar a servir conforme uma vontade lúcida, abrangente e transpessoal.

A título de ilustração, faço referência aqui à construção de um hospital que seria de grande importância para a nova vida, já que seu projeto foi captado, originalmente, do mundo intuitivo, por um sábio. Essa construção está sendo retardada, havendo até mesmo o risco de não ser levada a efeito no plano físico, devido à falta de controle da energia criativa por parte da maioria dos indivíduos implicados no projeto, e por não haver uma contínua aspiração ao serviço altruísta, que deveria ser mantida por grande parte dos componentes desse grupo. Pode se dar, então, que uma ideia válida emitida para o plano mental do planeta leve, às vezes, séculos para ser concretizada.

Pode suceder também que uma ideia intuitiva venha à consciência de vários indivíduos ao mesmo

tempo (como sucedeu com os transportes aéreos no século passado), se eles estiverem igualmente sintonizados com as leis que regem a intuição\*. Em um grupo, essa mensagem pode ser também captada em partes, de tal modo que cada um recebe uma porção dela. Por meio da unidade grupal, essas partes são reunidas, constituindo-se em um todo coeso. Vê-se, com isso, que é preciso, em princípio, harmonia entre os membros, aceitação dos diferentes temperamentos e interação mental. Um membro completa o outro e, por isso, em um grupo executivo, pessoas de temperamento e tendências diversos são úteis para que se obtenham maior riqueza e criatividade, bem como possibilidades mais amplas de captação das ideias verdadeiras.

\* No final deste livro encontra-se a descrição de algumas condições básicas para que o mundo intuitivo possa manifestar-se em um indivíduo.

## O HOMEM NO QUARTO ESCURO: UM SÍMBOLO

IMAGINEMOS um homem em um quarto escuro. Ali dentro, ele age, condensa e mescla o que está em volta. Apesar do escuro, vai pegando para si, às apalpadelas, tudo o que deseja. Acha que compreende a beleza, as cores e os sons que estão lá fora do quarto, onde ele não pode enxergar. Aí dentro, esse homem, na qualidade de músico, deve criar a melodia que atrairá os que vão aplaudir a sua obra. Ele espera, portanto, a admiração de muitos adoradores.

Pode ocorrer, todavia, que um dia o seu trabalho seja suplantado por um som estridente, que absorveu tudo o que havia feito escondido dentro do quarto. Esse som faz parte de um acorde maior, impossível de ser medido ou escutado somente por meio dos sentidos humanos. Ao redor do homem só há a escuridão do quarto e o som nos seus ouvidos. Ele permanece assim por um tempo, até que uma luz brilhante, à distância chama-o e ele olha para ela. O homem fica, nesse momento, entre essa luz brilhante e a escuridão do quarto — ele, no meio

das duas. O tempo passa. Todos os seus amigos desapareceram; no lugar da harmonia ele sentiu a dissonância e em vez da beleza encontrou a feiúra de uma tumba. Então, a mesma voz que ouvira tempos antes, volta a falar-lhe e diz: "Cria tudo outra vez, constrói, pinta e mescla os tons da beleza, porém, desta vez, para o mundo e não para ti mesmo".

Essa antiga e simbólica história traz o sentido de reorientação para o temperamento de quarto raio, energia fundamental para o reino humano: expõe os polos opostos, deixando o homem no meio, para que os equilibre.

Tanto a harmonia quanto o conflito que a antecede são naturais e previstos na Lei; é o caso de observá-los, ver como se processam e aproveitá-los como elementos que ajudam a executar o que deve ser feito.

Hoje, em muitas pessoas, o conflito se estabelece no plano mental, ao passo que em outras atinge o emocional. É comum, entretanto, que o conflito se dê nos dois níveis ao mesmo tempo, a ponto de eles se confundirem entre si. Este é um campo interessante e de apelo à atuação de todos. Na verdade, poderíamos estar mais perto da harmonia se a educação, a cultura, a ligação com o espiritual e, sobretudo, o espírito cooperativo estivessem mais desenvolvidos. Entretanto, o individualismo,

o personalismo e os condicionamentos, que fixam o homem em esquemas e estruturas, retardam esse processo, fazendo com que, hoje na humanidade, o conflito seja grande e a harmonia ainda só aparente. E mesmo que esta harmonia integre os planos acima do mental pensante, nos níveis de personalidade ela está ainda para ser reconhecida. Por outro lado, no reino vegetal ela se acha presente e visível, conforme nos atesta a cor verde das plantas, uniforme em todo o planeta físico.

\* \* \*

Pela história do homem no quarto escuro, vê-se que, se uma necessidade pessoal não corresponde a uma necessidade mais ampla, podem advir o conflito e a dor. Ao confrontarmos nossa necessidade pessoal com a da humanidade, se verificamos que não se correspondem, podemos frear e redimensionar a nossa, estabelecendo equilíbrio em nós mesmos — sem isso é inútil tentar harmonizar o mundo.

Para maiores esclarecimentos a respeito disso, vamos supor que eu queira comprar um terreno. Então, começo a examinar esse desejo. Para que eu quero isso? Se a resposta for: "é para eu ter a minha terra, o meu canto, o meu lar, a minha horta", estarei em um nível apenas pessoal. Na verdade, para que serve uma terra hoje? O que será mais importante e vital a ser feito com ela? A resposta

pessoal e egoísta vai sendo gradativamente dissolvida à medida que se trabalha com o quarto raio, com a harmonia. Nesse raio, procurarei saber o que devo fazer com a terra para que os problemas do mundo neste momento possam ter uma solução – não levarei mais em conta o fato de 'querer uma terra para mim'.

No que me é dado perceber, direi que poderá faltar alimento em um futuro próximo, o que, aliás, já vem ocorrendo em inúmeras áreas do globo terrestre. Constató também que a maioria das terras existentes foi envenenada pelo homem; observo que a natureza está sendo agredida e que é preciso estar em harmonia com todos os reinos. Posso, então, confrontar essas reflexões com minhas razões pessoais e observar o que prevalece. Saberei, assim, se posso colaborar para solucionar um problema geral, deixando de acrescentar um peso às dificuldades planetárias, já consideravelmente graves. O discernimento me dirá, inclusive, se é mesmo dessa forma, comprando um terreno conforme proposto acima, que vou cooperar com o planeta e com a humanidade, ou se devo utilizar outros caminhos.

O trabalho consiste, pois, em deixar de insistir nem uma ideia cristalizada, ou em um ponto fixo, e colocá-lo em confronto com a necessidade mundial deste momento. Embora as soluções não estejam ainda sendo manifestadas em grande escala, o fato



de o problema estar presente em nossa consciência é sinal de que podemos colaborar nesse processo de harmonização planetária.

\* \* \*

Outro exemplo é o conflito de alguém que diz querer um filho. Se a pessoa se perguntar profundamente o porquê disso, poderá ter várias respostas de caráter pessoal. Todavia, se ela seguir o movimento do quarto raio, poderá confrontar essas respostas com a necessidade planetária, que está a solicitar novos homens, bem-formados, bem-criados, desenvolvidos mental e espiritualmente. Surgirão daí questões que vão contribuir para uma decisão mais madura: "Qual é a minha condição atual? O que posso proporcionar a alguém que venha a nascer por meu intermédio? Estou suficientemente trabalhado para trazer à Terra um indivíduo e não considerá-lo propriedade minha? Terei já clareza a respeito de como receber uma alma no plano físico, e de como tratá-la? Posso proporcionar a essa alma um ambiente favorável para que se desenvolva?"

Constataremos, assim, que o procedimento e a atitude mudam completamente se trabalhamos a consciência no sentido da harmonia, confrontando a vontade pessoal com a necessidade do planeta e das almas que nele encarnam. Visto dessa forma, não unilateral, mas harmoniosa, o fato de trazer

um filho ao mundo reveste-se de maior qualidade. Desse modo, aquele filho realmente poderá corresponder às possibilidades dos pais de educá-lo, e ele aceitará a ajuda sem restrições porque terá sido concebido em um clima de equilíbrio e não de egoísmo e possessividade. Assim, antes mesmo da concepção, estabelece-se o vínculo harmonioso que faz nascer aquele que está no ponto evolutivo certo para viver uma etapa de sua vida sobre a Terra com aqueles pais. Dessa maneira, todos se integram sem conflito na corrente evolutiva que começou há muito e da qual todos participamos.

Este processo de se colocar a própria ideia diante de outra mais ampla e geral pode ser aplicado em todos os setores da vida, e este é o caminho de desenvolvimento do quarto raio.

\* \* \*

Uma das razões atuais para o conflito não gerar, posteriormente, a harmonia é o fato de estarmos excessivamente centrados nas coisas densas, preocupados e envolvidos com o lado material da vida. Um exemplo típico é nossa atitude diante dos alimentos: podemos considerá-los ou como substâncias materiais físicas, ou como energia sutil e depositária de forças do universo, não detectáveis pela tecnologia atual. O alimento pode também trazer uma oportunidade de nos harmonizarmos com os

reinos nele representados, no caso, o vegetal, o mineral e os produtos derivados do reino animal. A partir daí, o ato de se alimentar toma novo significado, atraindo outros tipos de energia e, também, a harmonia.

\* \* \*

Sempre que a essência da vida, essa infinita potencialidade, vai se manifestar na Terra, ela o faz por meio de situações de conflito, que são produzidas pelo próprio movimento de descida da energia, atravessando o espaço em todos os seus níveis. Esse processo de atrito é inerente à manifestação das formas neste planeta. Quando a vida se projeta dos níveis mais sutis, onde é livre, penetrando então em uma forma concreta, dizemos que está sob a Lei da Limitação. A vida tem de se limitar para tomar forma e fazer experiências no mundo material. Tudo o que entra no nível da manifestação, seja um homem, um animal, uma planta ou um planeta, fica limitado às condições daquela forma. Quando nossa consciência penetra nos corpos que agora usamos, torna-se automaticamente limitada por eles. Enquanto não percebemos que não somos esses corpos, mas que só os habitamos e os usamos como instrumentos de serviço sobre a Terra, seremos prisioneiros deles. Vivemos identificados com as formas por um período e as sentimos, para de-

pois compreendê-las e transformá-las, recolhendo-nos com a liberdade do espírito. A não identificação com a forma é que nos deixará receptivos a estados mais elevados de consciência.

\* \* \*

Se somos conscientes dessa limitação inicial, na forma, partimos para o movimento oposto que nos levará à harmonia. Por um lado, pensamos no fato de que estamos aprisionados a uma forma; por outro, vemos a realidade segundo a qual o espírito é livre, ilimitado, cósmico, e que somos esse espírito também e, não só, a forma, ou melhor, o seu aspecto denso. Quando eu procurava resolver esse ponto conflitante em mim, eu era jovem e caminhava diariamente na praia que havia diante da escola onde estudava. Enquanto os colegas se mantinham em um pátio nos intervalos de trabalho ou de estudo, eu chegava até à beira do mar, tirava os sapatos e andava sobre a areia ou sobre as pedras. Enquanto os pés se molhavam e o sol queimava-me as costas, eu bendizia o fato de ser um indivíduo livre, porque cósmico. Não me lembro, depois desse período, de ter sentido qualquer problema por encontrar-me dentro de um veículo físico; pelo contrário, comecei a reconhecer as funções dessa circunstância temporária e a colaborar com elas, dentro das minhas possibilidades naquela ocasião.

Hoje sinto em paz a consciência deste corpo físico no qual habito e sei que ela é lúcida, harmoniosa e que está pronta a colaborar comigo. Sem a sua colaboração, eu não poderia enfrentar com a mesma facilidade muitas situações, algumas das quais cármicas. Não é preciso pedir confirmações de que somos seres infinitos, nem pedir a Deus que nos dê a consciência desse infinito, pois isso não ocorre só por meio de súplicas. Na energia do quarto raio, afirmamos que somos esse infinito a fim de que a experiência seja realmente efetiva. Assim, a limitação na qual nos encontrávamos termina sua tarefa e a condição de prisioneiros da forma torna-se uma contínua colaboração com o evoluir do Todo. Enfim, trazemos para a vida consciente o oposto do condicionamento inicial e primário.

\* \* \*

No planeta Terra, existem atualmente três reinos da Natureza que têm a possibilidade de sair dessa limitação e que podem, gradativamente, deixar de ser prisioneiros da forma; o reino humano é um deles. Para o homem, uma porta é aberta pelo trabalho de identificação com o seu próprio núcleo anímico. Esse núcleo corresponde, no indivíduo, à consciência universal e, por isso, o exercício de imaginarmos a união com o Todo torna-se de ajuda para um encontro com essa nova vibração.

Ao pacificar-nos com a nossa parte material e servirmos incondicionalmente a todos os reinos da Natureza, chegamos a essa unificação do espírito com o seu polo oposto, a matéria – o que não precisa ser produto de uma luta, mas da busca da harmonia perfeita que pode ocorrer até mesmo no nível físico à medida que novas conjunturas forem se instalando no universo e que o homem tenha um desenvolvimento superior de consciência.

## **O CUSTÓDIO DO SEGREDO**

QUINTO RAIO: CONHECIMENTO CONCRETO

*O importante é estar entre pessoas  
que amam a Deus e à verdade  
e estão procurando Deus e a verdade  
de algum modo.*

JOEL GOLDSMITH





## **NOSSA MENTE SUPERIOR E A OUTRA MENTE**

O **HOMEM** deve aprender a pensar, ou seja, desenvolver a mente concreta. Esta é uma fase do processo evolutivo humano que não está completa, dado que parte da humanidade ainda não é reflexiva. A mente concreta apresenta uma capacidade de análise, de precisão e de fidelidade ainda não de todo explorada, mas nenhuma de suas qualidades leva ao entendimento profundo – uma vez que ela é incapaz daquilo a que chamamos compreensão real e que caracteriza a mente superior.

Vejam os um exemplo de atuação da mente superior e da mente concreta e analítica. Um indivíduo de certa evolução encarnou com a finalidade de preparar pessoas para os tempos futuros, considerando as modificações previstas para a crosta terrestre. Organizou, para isso, uma comunidade. Qual não foi a surpresa das pessoas analíticas quando verificaram que o local escolhido para o trabalho fora justamente uma das zonas apontadas pelas profecias como fadadas a desaparecer do plano físico, em uma

provável inclinação do eixo da Terra. Quando tais pessoas lhe perguntaram por que iriam para aquele local "condenado", ele lhes respondeu: "O único lugar realmente seguro é o nível de consciência espiritual; no mental, no emocional e no físico, não há segurança alguma." Todos acharam essa resposta por demais abstrata e continuaram indagando. Queriam saber para que foram construídas casas e para que foram reunidas aquelas pessoas e famílias no nível concreto se nada disso era levado em conta e é só no espiritual que temos segurança. A resposta foi: "Não estamos só construindo casas, comprando terrenos, vivendo aqui em comunidade; tudo isso é decorrência da nossa verdadeira tarefa." Ele explicou, então, que o importante é o trabalho na consciência, para o qual tanto faz o local em que se esteja, desde que seja o correto para o caso. "Se trabalharmos a consciência, teremos uma maneira superior, equilibrada e harmoniosa de ver as situações, quaisquer que sejam. Não estamos interessados em controlá-las, nem tampouco em evitá-las..." Assim exprimiu-se a mente superior.

Vamos agora a uma ilustração do que seja a mente concreta. Certa ocasião, um indivíduo queria comprar uma fazenda para ter uma vida sadia, segundo seu modo de pensar. Foi várias vezes com a esposa e os filhos procurar terrenos e fez todos os cálculos: a distância das grandes cidades, o acesso

a elas e as estradas para chegar até lá. Finalmente, escolheu um lugar bonito, aprazível, uma fazenda já constituída e em ótimas condições materiais. Então, sua mente analítica disse sim. Logo após a compra – que se realizou em clima de felicidade – ele ficou sabendo que havia um projeto de desapropriação pelo governo, que pretendia construir ali uma grande represa.

Por esses fatos, podemos ver a diferença entre a mente superior e a concreta: com a primeira pode-se decidir de uma forma real, independentemente do que ocorre ou ocorrerá no nível das aparências. A mente superior define seus parâmetros com base em uma percepção não julgável, não concreta, não explicável por meios humanos. Já a mente analítica o faz segundo uma série de dados retirados da experiência passada da humanidade, não tendo capacidade de ver a verdadeira realidade de sua história. A mente concreta, analítica, pode examinar e julgar, e até fazê-lo bem, mas não tem a qualidade de ver o invisível ou de conhecer o desconhecido.

\* \* \*

O verdadeiro intelectual deve ter uma mente exata, correta, ordenada, persistente, profunda e aguda. Esse é um estágio que todos devemos atingir. Porém, a mente intelectual representa apenas uma transição, uma passagem para um nível mais

profundo. Quando a mente se torna intelectual e aprende a refletir, podemos dizer que temos uma personalidade mental. Antes disso, o raio da mente não se manifesta, pois, enquanto não estiver ordenada, seu raio não é perceptível. Para saber a que energia pertence, a mente tem de provar sua característica com precisão, consistência e alguma profundidade.

Na maioria das pessoas, a personalidade ainda não é mental. Elas portam apenas um material fluido, sugestionável, baseado nas experiências passadas, próprias ou dos outros, e naquilo que aprenderam teoricamente. A mente ainda não tem uma caracterização firmada, não é capaz de chegar a uma definição por si só, de fazer uma escolha baseada em seu próprio trabalho de observação, aprofundamento e reflexão. O que chamamos de personalidade mental é algo a ser atingido com paciência — o que não significa que se trate de um estágio onde precisamos nos demorar, pois isso constituiria obstáculo para a descida da luz que vem de níveis superiores. Temos de passar por essa etapa, que precisa desenvolver-se em alguma vida, para depois, a certa altura, transcendê-la.

\* \* \*

O desenvolvimento da mente começa com a prática da concentração. O raio mental está pre-

sente mesmo em uma mente fluida, que não tenha feito esse trabalho. Entretanto, não pode revelar-se de forma explícita por causa do jogo de forças que há dentro dela e do qual participam, até mesmo, os elementos que nos fazem desviar de nossa meta, por causa de velhos costumes.

Vemos, com isso, que a educação da mente concreta é necessária. Podemos empreendê-la hoje com mais intensidade e rapidez que antigamente. Basta persistirmos na aspiração de chegar à outra mente, a superior, e na intenção de não nos deixar levar pelo jogo dedutivo-intelectual. A mente concreta tem a função de elevar as células do cérebro a determinado grau vibratório, e isso ela faz polarizando-se em vibrações mais elevadas. Por mais precisa que seja, terminado esse seu papel, ela deveria renunciar a prosseguir dando sugestões, a fim de não se tornar um obstáculo ao trabalho superior.

Se aquele indivíduo a que me referi anteriormente fosse instalar a comunidade onde sua mente concreta e as estatísticas normais mandassem, onde as pesquisas humanas indicassem ser um lugar seguro, teria impedido a evolução dos aspectos essenciais ao seu trabalho, como, por exemplo, a transcendência da insegurança. A mente concreta diz que é preciso um lugar seguro para sobreviver à catástrofe, enquanto a outra, não interessada nisso, revela o local mais propício para o desenvolvimen-

to da consciência, não importando o tempo necessário para que tal desenvolvimento se dê. A mente concreta não consegue julgar nem conhecer as situações com tal nível de percepção, inclusive porque é limitada pelas suas próprias experiências de tempo e de espaço.

\* \* \*

Uma atitude que pode nos levar a construir a mente concreta, para depois conseguirmos renunciar a ela, é a de olhar cada ser, procurando ver nele o que ele tem de melhor. Isso é importante para se dar esse salto. A mente analítica, intelectual, geralmente vê ao, mesmo tempo, o que o indivíduo manifesta de positivo e de negativo para, então, julgar. Quanto mais desenvolvida como intelecto, mais adestrada ela é para ver esses dois lados. Algumas mentes realçam o aspecto negativo com mais intensidade, prolongando desnecessariamente esse mecanismo. Entretanto, quem quiser se preparar para a vida criativa, deve demorar-se mais na visão dos aspectos positivos. Observará os negativos só de relance e, assim mesmo, só quando isso implicar ajuda no processo de transformação.

Se não trabalharmos por essa mudança de atitude, não conseguiremos sair do mecanismo costumeiro.

Um antigo Instrutor dizia que, se nosso amigo é caolho, devemos olhá-lo de perfil. Assim, vere-

mos seus dois olhos como se fossem normais – embora saibamos que ele, no plano físico, é caolho. A esse respeito, narro aqui um fato bastante ilustrativo que ocorreu comigo. Certa vez, tive contato com um fotógrafo que, por meio de sua profissão, estava, sem perceber, aprendendo o yoga da mente positiva. Ele era um perfeito retratista de pessoas, conforme pude constatar em fotografias expressivas feitas por ele. Em uma delas, percebi que era ressaltado o brilho dos olhos da pessoa e havia sido captado o melhor aspecto de sua personalidade. Essa foto mostrava uma figura harmoniosa. Na verdade, entretanto, a pessoa retratada tinha os olhos um pouco tortos, um braço mais curto do que outro e os cabelos sempre desalinhados. As qualidades escondidas sob essa aparência emergiram na foto, dadas as luzes que foram colocadas sobre o modelo – e que eram o reflexo do ponto de vista a través do qual o fotógrafo via as coisas.

\* \* \*

Conforme foi dito, há formas diversas de se fazer esse aprendizado. Dentre elas a de, propositalmente, "ver um caolho de perfil", percebendo seu olhar como na realidade é e tudo o que dele pode emanar. Quando não assumimos isso espontaneamente, o carma poderá, por outros meios, levar-nos a nos decidir. Pode ocorrer que alguém

que esteja demorando a perceber os aspectos positivos daquilo que olha tenha todos os seus próprios aspectos negativos levados a público para que sinta, em si próprio, o efeito disso.

\* \* \*

Na verdade, a mente concreta, de caráter analítico, engana bastante. Lembro aqui um caso conhecido que se deu nos presídios da Guiana. Um presidiário escapou e tudo fazia crer que seu interesse principal era atravessar logo os limites da penitenciária. No entanto, quando ia saindo, já em liberdade, o vigia da prisão, que o observava, escorregou de um penhasco e caiu no mar. Já ia ser comido pelos tubarões, quando o presidiário que havia fugido, inesperadamente, atirou-se na água para salvá-lo. Obviamente, o fugitivo foi preso de novo, em seguida. Uma mente normal não poderia conceber essa atitude do fugitivo. Naquele momento, atuou ali algo inexplicável, desencadeando outro procedimento.

Há muitos indivíduos cuja mente intelectual já está passando pelo processo de transcender seu estado analítico. Sinal disso, por exemplo, é que, ao pegar uma tábua aparentemente podre não a jogam fora, como o fariam os de mente concreta comum. Quem já está de posse de outras chaves e sujeito também ao estímulo da energia do segundo raio



— que é o de inclusividade —, procuraria eliminar a parte podre da tábua, aproveitando-lhe o pedaço não estragado para outros usos. Depreendemos desse ato uma série de implicações: assim como depois de uma crise, pode restar de um indivíduo sua melhor parte, do mesmo modo, o pedaço que não apodreceu em uma tábua estragada é, sem dúvida, a parte melhor da madeira. Esse pedaço, isoladamente, pode ter valia para quem souber percebê-lo. Se a mente concreta fosse examinar a parte boa da tábua do ponto de vista material, é provável que não encontrasse nela nada que justificasse guardá-la. A outra mente, porém, percebe nesse reaproveitamento certa vibração que ultrapassa a qualidade material daquela madeira. Talvez isso explique o fato de os escultores que estão no ponto de transcender a mente normal procurarem, por vezes, os cernes da madeira para seu trabalho — aí eles encontram o material adequado para suas obras mais significativas. Esse tipo de conhecimento mais profundo será, futuramente, parte da consciência normal de todas as pessoas. Treinar isso desde já significa fazer uma preparação para, um dia, recebê-lo e vivê-lo na vida cotidiana.

\* \* \*

Outra manifestação típica de uma mente concreta é a dissecção de um corpo morto, para ver se

encontra a alma ali dentro. Outra, ainda, é a de voar pelo espaço procurando Deus e tudo o mais que a ciência oculta diz existir. Dissecado o cadáver e constatado que não há nenhuma alma lá dentro, conclui-se, então, que ela não existe. Mesmo com toda a capacidade de análise que a mente concreta tem, ela não poderá jamais perceber, com base nos sentidos normais, a alma saindo de um corpo. Para isso, é preciso outra visão, de natureza interna. Exemplo de tudo isso é o episódio narrado no Novo Testamento, segundo o qual, Tomé teve de tocar com as mãos Aquele que tinha de novo se materializado, colocando o dedo em seu peito para ver se era realmente de carne.

Em certo estágio evolutivo, esse tipo de comportamento já é ultrapassado, surgindo pois, atitudes novas. No início, o nosso desenvolvimento intelectual era restrito, havendo a necessidade de tocar com as mãos o objeto em estudo a fim de se obter algum conhecimento. No estágio atual, já somos capazes de alcançar o conhecimento por intermédio de processos mais amplos e diretos, como, por exemplo, o da iluminação mental. Todavia, nesse processo, exige-se profunda humildade, pois a mente orgulhosa não é receptiva ao ensinamento superior. Mesmo não podendo ter opinião formada perante um fato que não compreendemos, é possível uma atitude de respeito por aquilo que des-

conhecemos, em vez de simplesmente duvidarmos do que ainda não nos é dado comprovar. Esse é um ponto importante, principalmente para a mente de quinto raio de hoje, que tenta transcender o nível humano-intelectual, conforme ilustra muito bem o caso daquela pessoa que, após todas as análises, acabou por comprar uma terra que estava para ser desapropriada.

Enquanto não dá o passo decisivo, a mente sempre pensa que sabe ou que não sabe e, no segundo caso, vai analisar, julgar e pesquisar. Porém, se ela já está preparada para a transformação, olha o que não conhece e, mesmo não tendo a oportunidade de analisar ou de ter uma opinião clara a respeito, não deixa de levar em conta o valor que o desconhecido pode ter. Quando a mente do homem chega a esse estágio, já está diante de uma realidade vitalizada por aquela outra mente, abstrata, sem necessidade de provas, de análises, de deduções, entrando, então, na fase de não julgar.

Na etapa regida pela mente concreta, o comum é que reconheçamos apenas quem está no mesmo nível mental em que estamos. Se alguém se exprime por meio da mente superior, provavelmente não será compreendido por aquele que está no nível da mente concreta, que poderá, até mesmo, estranhar-lhe o comportamento, já que não tem como explicá-lo racionalmente. A mente que explica é

capaz de reconhecer outra que também explica e, junto dela, viver harmoniosamente; não pode, porém, saber o que está se passando naquela que já ultrapassou esse estágio.

Para ilustrar esse fato, valho-me de um episódio ocorrido há anos. Havia um ser já bastante evoluído que vivia com amigos que ainda não tinham transcendido a mente analítica. Todos acreditavam que ele só recebia pessoas para falar de assuntos transcendentais, já que vivia em um plano de consciência muito elevado. Ele era bem compreendido quando agia assim, porque demonstrava coerência nessas ocasiões. Um dia, um membro de seu grupo saiu a passeio e encontrou esse grande iniciado andando sob frondosas árvores, em companhia de uma senhora prosaicamente comendo cerejas. Conversavam sobre assuntos os mais corriqueiros, tais como problemas com o marido e com os filhos. Enquanto comiam, ele ouvia pacientemente tudo, como se estivesse falando do que ocorre em outra galáxia, misteriosa e desconhecida. O indivíduo que observava aquela situação ficou muito admirado, pois não podia compreendê-la racionalmente.

\* \* \*

Os que têm a mente no quinto raio fazem mais facilmente a conexão com a realidade da alma, pois o quinto raio é uma energia intimamente ligada ao

mundo anímico, embora os eus superiores, individualmente, possam estar em quaisquer dos raios. Todavia, além da adesão consciente ao impulso evolutivo trazido pelas provas da vida, é também necessário decidir negar, em si mesmo, padrões estabelecidos – o que nem sempre é fácil. Exemplo disso é a pessoa que, por ser evoluída, não escolhe o que comer. Isso não quer dizer que alguém, por escolher a própria comida, deixe de ser espiritualmente evoluído. Em uma atitude como aquela, apesar de contrária ao padrão, é possível que estejam presentes outros aspectos que não percebemos com a mente concreta. Pode ocorrer, inclusive, que no processo vivido por uma pessoa desse tipo seja preciso jogar fora o padrão de não escolher, para estar colocada em outra situação. É impossível julgar isso mentalmente.

Conheci uma iniciada em Leis Eternas que, quando tomava refeições na casa de amigos, comia, sem nenhuma resistência, o que lhe era oferecido, menos produtos animais. Porém, quando ia ao mercado para as próprias compras de alimentos, fazia rigorosa seleção do que adquiria. Tocava cada fruta e sentia a vibração de cada legume antes de levá-los para casa.

No entanto, os padrões mentais podem até ser mantidos, se têm uma razão de ser e se fazem parte da disciplina da personalidade. Sabemos onde es-

tão em nossos escaninhos mentais e os utilizamos quando necessário para, depois, guardá-los novamente. Porém, se de repente tivermos de jogar todos fora a certa altura do processo, devemos estar dispostos a fazê-lo, pois a aspiração pura e simples não basta. Nessa etapa, são necessárias também a renúncia e a autodisciplina.

## **CONTATOS COM A ALMA E A CURA DA INCERTEZA**

PODEMOS nos familiarizar com o processo de contato com a alma por meio do quinto raio, pois ele tem grande ligação com o mundo anímico e está presente em muitas mentes na época atual. A alma aspira a algo maior que si mesma, porque tem possibilidade de perceber níveis de consciência superiores ao seu e sua vontade está voltada para os planos mais altos da vida, pelos quais é vitalizada. A alma é, em nosso ser, a intermediária entre o mundo da forma, onde encarnamos temporariamente, e o mundo da não forma, onde habita a consciência profunda.

Quando se exprime em nós, a alma está se ocupando não só da forma externa a ser manifestada, mas, principalmente, da qualidade que deve emergir. Uma mensagem da alma não se refere apenas ao que vai ser posto em prática, mas traz a qualidade e o conteúdo da expressão interna. Parte da humanidade ainda não tem a preparação necessária para

captar essas mensagens de forma pura e inequívoca. São Francisco de Assis, quando ouviu do centro do seu ser que deveria "reconstruir a igreja", pensou que se tratasse de uma capela que estava em ruínas. No entanto, a voz interior referia-se à reconstrução moral e espiritual da Igreja romana como um todo, o que ele compreendeu algum tempo depois.

A frase a seguir, atribuída ao mesmo Francisco, exprime a forma e a qualidade que a alma procurava expressar por seu intermédio: "O Senhor me chamou por meio da simplicidade e da humildade, e esse meio mo apontou Ele, na verdade, para mim mesmo e para aqueles desejosos de seguir-me. O Senhor disse que me queria pobre e louco neste mundo e que não queria levar-me por nenhum outro caminho senão o dessa espécie de sapiência." Eis aí a forma, o conteúdo, a qualidade e toda a história de um imenso grupo e de sua época.

Nesse nível evolutivo, representado pelo exemplo acima, recebe-se a ideia sintética e, a menos que haja resistências que possam anuviá-la, parte-se para a sua execução. No momento da captação, antes de a mente humana interferir, fica-se imbuído da mensagem e não há possibilidades de dúvida quanto ao seu conteúdo. Mesmo havendo circunstâncias naturais que possam perturbar a impressão captada, a síntese não se apaga mais da consciência, tornando-se impossível fazer outra coisa que não



seja aquilo que foi transmitido. Em outras palavras, a consciência fica tomada pela tarefa a ser cumprida.

\* \* \*

Vejam, agora, como a alma imprime sua mensagem em nossa consciência, pois esse mecanismo interessa a todos que aspiram a esse contato. A alma capta de níveis elevados o que deve ser manifestado por seu intermédio e procura transmitir ao consciente o que cabe a ele executar. Para isso, a alma usa da imaginação criativa e é ajudada, em vários sentidos, por seres de grau evolutivo mais avançado do que o seu. Assim, a alma projeta parte da ideia divina na mente do indivíduo. A imaginação da alma não é como a da personalidade. Por meio da imaginação, a alma "vê realmente" o nível superior e, em seguida, constrói uma projeção – uma forma-pensamento, que é enviada ao plano mental. Se a alma já é forte o suficiente, emite também uma onda para o corpo emocional, fazendo com que a mensagem atinja este nível, caso a forma-pensamento não tenha sido captada pela mente. No plano emocional ou astral, a ideia apresenta-se como um desejo elevado, da mesma categoria do impulso emitido na origem. Assim, se não for possível captar o impulso no plano mental, pode-se fazê-lo no astral, como um desejo de alta qualidade. Durante esse processo de transmissão e de captação, pode-se

também tomar consciência da forma-pensamento em um sonho, visão ou ideia que apareça esporadicamente. Note-se, contudo, que isso acontece por acréscimo e depende da intensidade da fé existente. A fé é que determinará a abertura do consciente ao impulso da alma.

Se a alma é experiente, tem ainda a possibilidade de criar com sua imaginação, além da forma-pensamento no mental e do desejo positivo no astral, algum sinal concreto de sua vontade no plano físico, com a colaboração de outras almas encarnadas. Uma manifestação do plano físico dá-se por meio de fatos conduzidos por diferentes almas que estejam em comunicação, como vimos no capítulo sobre o quarto raio. Eventos concretos podem ocorrer, demonstrando bem claramente o que a alma quer, quando a pessoa não conseguiu captar a mensagem no mental ou no astral, ou para que o conteúdo captado lhe seja confirmado.

\* \* \*

Vejamos mais detalhadamente este processo. Quando o contato se dá no plano mental, ocorre um lampejo de compreensão que inunda a mente de modo completo, sem deixar a menor dúvida. Não há outra parte da mente que consiga negar aquele impulso, quando a luz a preenche. Assim, como um momento de total compreensão, todo o

ser é permeado por essa mesma onda de revelação e, em todos os níveis, o indivíduo sente o reflexo do que se deu na mente. No plano emocional, há um rápido momento de harmonia e de união com o mental, até então desconhecido; o plano físico recebe um fluxo dessa mesma energia, que é curativa.

Não é a ideia que chega até o plano físico, pois esta é captada na mente e apenas seu reflexo pode, por enquanto, manifestar-se nos outros corpos da personalidade. No começo, a capacidade de ver claro não inclui obrigatoriamente visões ou outras formas de percepção. Trata-se de um meio inequívoco de compreensão que é chamado luz. Mas a compreensão da mente, o fervor do emocional, a estabilidade no físico e a união integral dos corpos com a ideia desaparecem logo após terem sido experimentados. Vivencia-se, então, um sentido de perda da realidade precioso... mas fica a experiência, que jamais é esquecida: sim, a alma existe como um núcleo dentro de nós.

Após uma experiência desse tipo, os mecanismos da mente concreta, as deduções e as imaginações vão perdendo o poder de confundir e iludir, embora esses mecanismos continuem existindo por muito tempo ainda. Porém, agora conhecemos uma qualidade de vibração mais elevada e sabemos distinguir quando algo está vindo desse plano superior ou quando é elaborado nos níveis da personalidade.

Findo o momento da clara compreensão (pois estando em um corpo físico, jamais podemos mantê-la por muito tempo), vem um movimento natural que tenta reproduzi-la. Pode acontecer outra experiência de clareza, nunca, porém, igual à primeira. Essas experiências são únicas, irreproduzíveis, embora fiquem gravadas na memória e nunca mais se percam; também percebemos nitidamente que fomos nós, como consciência humana, que nos retraímos da compreensão e da experiência, e não elas que se retiraram.

Antes de uma experiência desse quilate, as tentativas de purificação eram apenas ensaios esporádicos, feitos quando as circunstâncias eram favoráveis e a personalidade as permitia. No entanto, a partir daí, o processo pode ser inteiramente assumido, pela percepção de que aquele estado inescrutável depende da nossa abertura para sua região de origem.

A finalidade da encarnação sobre a Terra é, a princípio, propiciar esse relacionamento com a alma, cuja meta é a ligação, cada vez mais consciente, com um nosso centro ainda maior, onde a vontade cósmica é mais profundamente conhecida.

\* \* \*

Se há dúvidas sobre a mensagem, é porque não se estava de todo receptivo quando ela chegou.

Quando existem forças estranhas em nosso mundo psíquico, a dúvida é construída por elas, que não têm afinidade com os impulsos da alma. No entanto, certas dúvidas introduzem-se em nós sem que as tenhamos criado. Elas são geradas por forças externas que ainda não aprendemos a transmutar ou expulsar da nossa aura. É bom saber que, quando adormecemos e levamos para o sono alguma dúvida, ela age como uma força corrosiva e, assim, trabalha a noite toda. Na manhã seguinte, estamos diferentes e influenciados por sua atuação. Entretanto, sabendo da existência desse mecanismo, podemos sabiamente vencê-lo; com a ajuda do quinto raio, podemos optar por refletir seriamente sobre todos os aspectos da própria dúvida e confrontá-los com a nossa realidade que, certamente, nos dirá coisas bem diversas.

Diferentes raios solucionarão esta questão por meio de diferentes métodos igualmente válidos, desde que corretamente utilizados. Entretanto, qualquer que seja o raio em que estivermos, é fundamental o fator fé, bem como a aspiração de sermos instrumentos de uma vontade maior.

\* \* \*

Existem muitos fatores que dificultam e distorcem a compreensão do impulso anímico. Entretanto, eles podem ser facilmente transformados, se re-

conhecidos. O primeiro é estarmos excessivamente concentrados em nós mesmos, limitados aos movimentos naturais da personalidade. Freando esses movimentos, passamos a nos interessar menos pelas supostas necessidades do ego.

Outro obstáculo surge quando assumimos alguma ideologia, qualquer que seja, no campo científico, religioso, filosófico, político, ou outro. Toda ideologia ou fórmula já pronta, embora possa ser importante para nós em determinados momentos da vida, a certa altura deve ser rejeitada. Ficamos diante do que ela nos apresenta de válido, sem deixar, porém, que se fixe em nossa mente, ou seja, sem que passemos a pensar segundo as linhas por ela expostas. Isto porque ela surge a partir de impulsos de outros indivíduos que estão em pontos evolutivos diferentes dos nossos. As ideologias servem para nos esclarecer em certos momentos mas, simultaneamente, devemos tirá-las do nosso campo mental, para que a clareza autêntica não seja prejudicada. A ideologia é algo de "segunda mão". O que necessitamos é de algo surgido com a vibração específica do momento presente. Se fôssemos, hoje, seguir o mesmo impulso de Francisco de Assis, pobre e louco aos olhos dos homens, não seríamos tão úteis ao mundo, uma vez que este não é o mesmo da época em que ele recebeu a inspiração de Deus.

O espírito não se repete nunca e é esse contínuo movimento ao qual somos convidados a nos integrar.

\* \* \*

Quando alguma doutrina nos estimula a procurar a nossa própria realidade interna, tendo dado o impulso, ela deve ser colocada de lado, para não constituir um impedimento ao que vem de dentro de nós. Precisamos de informações como ferramentas, e não seria sábio fazer delas a própria doutrina, que, como vimos, se transformaria em um obstáculo mental para o novo revelar-se.

Prosseguindo no estudo dos empecilhos à manifestação da alma, vemos que, assim como não seria sadio transferir para um grupo os nossos problemas e enfoques meramente pessoais, assim também os problemas e a vontade de um grupo não deveriam ser projetados sobre um conjunto maior. Quanto mais alargarmos os limites grupais será melhor, porque, então, evitaremos cristalizações que, nessa etapa, correspondem àquelas que construímos quando nossos interesses pessoais se voltavam para um grupo.

Por conseguinte, cuidar dos interesses de um grupo sem considerar os demais grupos constitui um bloqueio para a clareza emanada da alma. Se temos uma vida grupal em formação, ao mantermo-nos envolvidos apenas com as necessidades desse

grupo, sem ampliarmos a atenção para outros ligados, não deixamos fluir a inspiração superior que abrange outros conjuntos de almas que vivem nos demais raios. O interesse limitado a um grupo isolado pode, muitas vezes, resolver seus problemas concretos e até psicológicos ou, até mesmo, suprir suas necessidades materiais imediatas, mas impede a visão mais ampla e o novo nível de compreensão que poderia ser alcançado.

Outro aspecto que tolhe o surgimento da atividade criativa é o sentimento de incapacidade frente à tarefa colocada pela alma. Lembremos que a possibilidade de realização está sempre presente, porque a alma conhece profundamente a personalidade e, quando propõe algo, está considerando também os limites humanos existentes; além disso, as deficiências são sempre supridas pela mesma energia que propõe a tarefa. Provavelmente, uma parte da mente de Francisco de Assis reagiu, achando-o incapaz de ser tão pobre e tão louco quanto estava sendo pedido naquela ocasião, mas ele fez o que pôde e isso, como vemos, foi suficiente para executar o trabalho.

A fé abre um canal e a possibilidade de servir inunda todo o ser com energias imprevisíveis e até então desconhecidas.



## **O GUERREIRO QUE MARCHA**

SEXTO RAIOS: DEVOÇÃO-IDEALISMO

*O que realmente vale  
é o grau de fervor com que  
procuramos a verdade.*

JOEL GOLDSMITH



## ESTÁGIOS DA DEVOÇÃO

A VONTADE PERSISTENTE de ampliar o próprio nível de consciência é uma energia indispensável para a vida. A esse impulso que nos acompanha, que se perpetua e que, continuamente, cresce tornando-se cada vez mais direto e puro, chamamos de devoção, ou seja, a energia do sexto raio.

Quando nascemos, essa tendência é bem pronunciada, mas vai sendo distorcida pela educação, que canaliza esse sentimento genuíno para outros caminhos. A devoção impulsiona-nos para níveis mais altos, ao passo que a educação normal nos ensina uma atividade em nível horizontal, de luta pela vida.

A criança, naturalmente, tem veneração por alguma coisa ou por alguém que lhe esteja próximo. Quando não experimenta adequadamente esse sentimento, mais tarde, o seu interesse pelo aprendizado poderá ficar prejudicado. A experiência do amor profundo ajuda-a a vencer os obstáculos que surgem quando ela empreende a busca da verdade e do conhecimento no decorrer de sua vida.

A manifestação da energia devocional na infância tem muitas finalidades, dentre elas, a de preparar a criança para o conhecimento superior. Ao ficar envolvida pelo sentimento devoto, ela não enxerga defeitos nem limitações na pessoa que admira, permanecendo aberta ao outro em qualquer circunstância. Essa é a devoção em seu estágio mais primário; é a semente que a Natureza planta no ser, contrária ao espírito de crítica e essencial para o progresso espiritual futuro. Se esse sentimento — no princípio cego — não é vivenciado na idade infantil do indivíduo, essa base tem de ser construída depois ou reconstruída, o que é sempre mais difícil.

A energia da devoção, cujo impulso conhecemos na sua forma pura quando crianças, passa por um processo de amadurecimento que é conduzido pelo sexto raio. Por meio dele, a devoção por um indivíduo ou por algo vai se transformando em devoção pelo conhecimento.

Comigo tal processo se deu muito cedo e de maneira simples. Eu era bem criança e tinha veneração por meu padrinho, para quem canalizara toda a minha devoção infantil. Ele era para mim um exemplo, um ponto de referência, um modelo, e tive oportunidade de deixar esse sentimento fluir por muitos anos. Depois de muito tempo, quando comecei o estudo dessa energia, foi que percebi o que realmente acontecera comigo naquela época, quan-

do nem tinha consciência da presença desse raio. Eu havia aprendido a ler e me lembro de um dia em que o padrinho me trouxe um livro, dizendo que era bonito. Impulsionado pela veneração, fiz um esforço especial para ler o texto, difícil para minha idade e para os meus rudimentares conhecimentos de leitura. Passei, então, por um processo de violenta transformação, a transferir para as ideias ali expressas a devoção que tinha pelo meu padrinho. Na ocasião, não podia perceber isso claramente como agora, ao reconstruir os fatos para estudar essa energia de raio. O que eu direcionava para aquela pessoa passei, gradativamente, a dirigir para a ideia da imortalidade que o livro apresentava, já que descrevia como é a vida depois que nos retiramos do corpo físico, assunto que me interessou profundamente. Foi assim que eu passei a ficar tão absorvido por aquelas ideias quanto era por meu próprio padrinho.

Esse foi apenas o princípio de um processo que prosseguiu dali por diante. À medida que enfocava minha devoção na ideia da imortalidade, comecei a ver meu padrinho de maneira diferente, e uma dualidade começou a surgir. Tive de escolher entre ele e aquelas ideias, pois percebi que uma coisa interferia na outra. Quando ia conversar com ele (coisa que fazia habitualmente), vinha-me a vontade de ler. Outras vezes, estava com o livro, mas, ao mesmo tempo, queria estar com o padrinho.

Um dia, abandonei o livro em um ponto importante para ir vê-lo e encontrei-o fazendo algo que me decepcionou profundamente, do meu ponto de vista ainda infantil. Naquele exato momento, a energia do raio dissolveu aquele apego em mim, polarizando-me totalmente no mundo das ideias. Foi uma mudança sutil e perfeita; a partir dali, conforme pude perceber, passei a preferir ideias a pessoas (mais tarde soube que todos nós, pessoas, somos manifestações de ideias divinas ou cósmicas; portanto, eu havia intuído certo, com a ajuda dessa potente energia).

O aspecto amoroso da energia da devoção também ficou evidente. Assim é que o meu padrinho não foi excluído da minha devoção em geral; ele continuava presente, mas de uma maneira diferente: agora eu não tinha mais necessidade de vê-lo.

\* \* \*

Na etapa seguinte deste processo, que deve se assemelhar ao de todos, foi necessário certo esforço para que houvesse equilíbrio em minha vida. Tal esforço era produto da mesma energia. Com a ajuda do impulso que me levava a penetrar mais fundo naquelas ideias sobre imortalidade, fui descobrindo uma capacidade de concentração que me levava a ficar três, quatro ou cinco horas lendo e estudando, o que não é comum naquela idade.

Depois, o esforço foi se transformando em concentração espontânea, e começaram a desaparecer os apegos pelo livro e pelas ideias em si. Foram ficando distantes com o tempo tanto o apego ao padrinho como às ideias. Pude perceber, então, que não fazia diferença vê-lo ou não vê-lo, ler ou não ler. Fui sendo levado a buscar essas mesmas coisas dentro de mim, apesar de elas continuarem a existir externamente e de eu conviver com elas.

Algum tempo decorreu antes que chegasse um novo e forte impulso da energia. Mudamos de casa, e, nesse outro ambiente eu me encontrava fisicamente distante do meu padrinho. Foi durante uma aula de Português, quando estava com meu pai, então meu professor, que recebi a notícia da desencarnação do já idoso padrinho. Acontecera tudo tão rápido, que não tive a oportunidade de ir falar com ele no hospital. Além disso, adveio outro fato que colaborou para o meu desligamento em relação às coisas externas, desligamento este necessário para o fluir correto da energia da devoção. Certa manhã, cheguei ao quarto onde dormia, aproximei-me da estante e vi que todos os meus livros não estavam mais lá. Havia apenas um recado, escrito em um papel colocado ali perto: "Queimei-os porque você não estudava mais as lições da escola. Dedique-se agora aos seus verdadeiros estudos." Pude ver, com isso, que a educação ortodoxa da época me dizia:

"Você está ficando com a mente repleta dessas ideias estranhas e, assim, não será ninguém na vida."

Encontrar a estante vazia dos livros que colecionava e que me ajudavam a reencontrar os pontos já conhecidos em encarnações anteriores, foi, naquela época, uma dura prova. Mas o processo devocional, além de impelir-me para o centro de minha consciência, manifestava-se dentro do coração, mostrando-me que não devia guardar rancores. Qualquer reação mais forte iria obscurecer o processo, afastando a ideia devota e, conseqüentemente, eu me sentiria sozinho e sem forças. Tudo isso era tão claro que não havia ressentimentos.

\* \* \*

Percebi, mais tarde, como o sentimento da devoção pela verdade nos leva diretamente para aquilo que enfocamos, quando não permitimos que elementos secundários nos dispersem. Percebi também quanto essa energia está ligada ao corpo emocional, onde os sentimentos humanos estão situados, e comecei a me perguntar como poderia a energia da devoção contribuir para não nos envolvermos com o que se passa nesse nível tão fluido dos sentimentos humanos.

\* \* \*

Como vimos, o raio da devoção-idealismo manifesta-se de modo evidente em nós quando nas-



emos e corresponde a uma real necessidade. Mas o corpo emocional leva alguns anos em formação, durante os quais adere a uma série de vícios e é influenciado pelo emocional coletivo. Esse período de formação do emocional, que termina por volta dos quatorze anos, se não for bem cuidado, pode poluir aquele sentimento original e o próprio movimento da energia.

Como deixar esse sentimento fluir e quais seriam as condições favoráveis para que não se deem interferências no emocional, que quase sempre já nasce tumultuado pela hereditariedade? O que fazer para que esse corpo esteja sob autocontrole? Esses pontos interessam muito, porque não podemos controlar completamente a formação do corpo emocional, composto também de material herdado de ancestrais e do nível coletivo da humanidade, além de ser afetado pelas oscilações do ambiente onde vivemos. Como não deixar que se dilua essa energia da devoção que nos acompanha desde o nascimento e como purificar nossos corpos para que possam recebê-la? A estratégia a ser usada é a de transferir a energia emocional para níveis mais elevados, o que leva algum tempo para ser feito. Este processo começa tão logo se inicie o desenvolvimento mental do indivíduo.

O que podemos fazer, então, antes de chegarmos à idade mental, quando adquirimos a capaci-

dade de purificar conscientemente o emocional e o poder de transferir a atenção para outro nível do ser; onde as reações não existem mais porque estão, como tudo, incluídas onde não há conflito? A resposta é muito mais fácil do que, a princípio, imaginamos.

Trata-se de simplificar ao máximo nosso sistema de vida, deixando de lado o que for supérfluo e desnecessário para a sobrevivência e desenvolvimento dos corpos; que abandonemos tudo o que impede a aproximação à verdade e ao conhecimento interno. Do mesmo modo, tudo o que nos impeça a concentração e que nos desvie da meta, quer seja um hábito, uma pessoa ou uma situação, deve ser interna e externamente dispensado. Esse despojamento implica, quase sempre, a simplicidade do local onde moramos, das roupas que usamos, a simplicidade no comer, no beber, no falar, no ouvir. Buscar o que é necessário, deixar o supérfluo — eis o caminho. Se estivermos prontos para tal tipo de experiência, se esse clima for criado na personalidade, a energia da devoção passa a fluir tão clara e conscientemente que nos tornamos simples devotos, isto é, deixamo-nos impulsionar para níveis de vida e de consciência superiores. Dessa simplicidade surge um sentimento de amor profundo e amplo pela vida em geral e, depois, em outro estágio, pela pura essência da vida. Esse sentimento não é mais canalizado para ninguém especificamente, para ne-

nhum deus especial, para nenhum ser que tenha o privilégio de cair nas nossas graças humanas. Esse sentimento torna-se generalizado, o que significa que aumentará infinitamente e se dirigirá a todos os seres. Cada um o receberá conforme a própria abertura.

\* \* \*

Os estágios pelos quais passamos impulsionados pela energia da devoção são, portanto, visíveis. Primeiro, temos veneração por alguma coisa ou pessoa; depois, isso é transferido para uma ideia ou ideal, seguido pelo esforço de mantê-los nítidos em nós. A insistência na meta, efeito da energia da devoção sobre nós, produz a crise que leva ao desapego pelas formas e, posteriormente, à abertura para a vida total.

\* \* \*

Estando conscientes nesse processo, sentimos segurança e percebemos por onde caminhamos. Ao reconhecermos, mais tarde, no eu superior, a meta espiritual imediata, reencontramos o que nos foi dado quando nascemos e, assim, abraçamos o mistério que são os futuros passos do nosso ser. Intuições começam a chegar à nossa consciência, a mente abre-se a elas e a devoção, impulso que tem atrás de si a energia da vontade-poder espiritual, leva-

-nos a aderir a elas, a amá-las e a segui-las, sem que nenhuma força contrária nos impeça. A devoção é o ímpeto das cruzadas das eras passadas e a coragem de mergulhar no desconhecido na era presente. Eis a mesma energia em diferentes manifestações através dos tempos.

Conforme se viu, não se trata de procurar ser devoto de alguma coisa ou pessoa, mas de deixar-nos impulsionar por essa energia que leva, inexoravelmente, ao ponto de concentração necessário à vontade do raio que destrói e constrói, que tira e dá vida, que nos leva ao amor incondicional e generalizado pela essência de todos os seres e a nos unir com todos os reinos em todos os níveis.

## A ENERGIA PERSISTENTE

SABEMOS que a maior parte do nosso ser vive em planos superiores e não está totalmente encarnada. Nossa vida se passa também em níveis de consciência desconhecidos da personalidade. Isso não quer dizer que sejamos divididos, pois o ser é uma totalidade, mas que grande parte dele vive em estados que escapam à percepção do ego humano.

Quando fiquei sabendo que minha alma, juntamente com outras, participa livremente de trabalhos nos mundos sutis e que sua vida inclui atividades até então inimagináveis, pude experimentar uma profunda calma. Passei a perceber as circunstâncias terrenas como relativas; por mais concretas que elas possam parecer, são apenas reflexos de outros estados, tarefas e realidades. Entretanto, para reconhecermos esse outro nível, no qual o trabalho da alma não tem obstáculos, é necessária a energia persistente e intensa da devoção. Com a devoção, que atinge o ser em seu nível mais profundo, trazemos à consciência essas outras faces da realidade

e reunimos todo o nosso empenho, canalizando-o para um só ponto.

Percebemo-nos imortais quando nossas forças estão canalizadas e enfocadas em alguma ideia, ideal ou meta espiritual – em algo que, para nós, seja superior. Enquanto não atingimos esse estágio, tendemos a adorar a pessoa que nos serve de instrumento para aprendermos a canalizar essa energia em direção à meta. O objeto da nossa devoção, seja uma ideia ou uma pessoa, está correto, é positivo e tem sentido à medida que recebe nossa energia e ajuda-nos a fazê-la voltar para níveis cada vez mais elevados em nós mesmos.

\* \* \*

Quando temos um ideal, o mais importante não é que o realizemos ou não, mas sim que a energia da devoção possa convergir para ele e que, então, possamos contatar níveis superiores de consciência. Pode ser bom para o progresso do nosso ser interior que um ideal seja realizado ou que sejamos bem-sucedidos ao admirarmos alguém; em outros casos, será melhor para o processo que nos desiludamos do objeto da devoção, o que trará estímulos, levando-se em conta etapas posteriores.

Há momentos na nossa evolução em que é positivo ser devoto de alguma causa, ideal ou pessoa. Cumprido o ciclo de determinado objeto de devo-

ção, vamos, em seguida, encontrando outro mais amplo, que toma o lugar do primeiro e assim, pouco a pouco, a energia eleva-se. Alguns fazem esse caminho seguindo o processo de ascensão que se dá naturalmente durante um ciclo de encarnações. Ao longo das vidas, o idealismo, o altruísmo e o amor desinteressado vão sendo educados, elevados de objeto em objeto, até que se alcance a suprema devoção: a canalização de todas as forças para os níveis superiores de consciência. Outros já não passam por tal processo de modo tão natural, uma vez que, ao mudarem de um objeto para outro, apegam-se a eles; neste caso, algo tem de acontecer para que tal cristalização seja rompida. Atendo-nos a algum objeto, não canalizaremos nossas forças para um nível superior. Com isso, as energias nos levam à des-cristalização, fazendo-nos desistir de uma ideia ou ideal por impossibilidade de aplicá-los ou levando-nos a nos decepcionar com a pessoa ou situação a que estávamos apegados, a fim de progredirmos.

\* \* \*

Conheci um devoto que seguia certa linha filosófica espiritualista com muita firmeza e dedicação. Ele estava chegando à etapa final desta sua encarnação completamente voltado para os ensinamentos de seus instrutores e vivia integrado e absorvido no tipo de trabalho que escolhera, ajudando, assim, a muitas

pessoas. Todavia, é comum aos devotos aferrarem-se ao objeto da devoção, e este não fugiu à regra. Sua parte espiritual resolveu esta questão de forma interessante: sentindo-se mal fisicamente, ele foi obrigado a abandonar parcialmente o trabalho espiritual que fazia com seu grupo. Esse trabalho foi se restringindo cada vez mais, pois a doença foi se agravando, obrigando-o a permanecer de cama alguns meses. Nesse período, outras pessoas assumiram suas ocupações usuais. Ocorre que, quando um trabalho desses deve realmente prosseguir, sempre aparecem substitutos. O devoto, imobilizado, viu surgirem, pois, pessoas que podiam levar a tarefa adiante. Se, naquele momento, tivesse considerado tudo um fato normal e renunciado internamente àquele trabalho, poderia ter-se restabelecido logo. Mas isso não aconteceu e ele não conseguiu abrir-se para algo diferente. Percebendo que estava próximo de desencarnar, voltou-se ao seu eu superior manifestando o desejo de permanecer vivo, para continuar o trabalho, não só para cumprir o Plano de seus mestres como também para terminar a criação de uma filha adotiva.

Ao fazer esse pedido, percebeu que a energia se retirava de seu corpo e que ia mesmo partir. Já saindo do corpo, veio-lhe a ideia de afirmar: "Minha vida é Tua e nada quero. Se tiver de ficar na terra, está bem, mas, caso contrário, vou-me em paz. Seja feita a Tua vontade, pois não tenho mais a minha."



Logo que essa posição foi tomada dentro do seu ser, teve a surpresa de ver que no momento do abandono e da entrega daquilo que o prendia ou que o interessava, a saúde começou a voltar gradualmente e depois de alguns dias ele estava de pé.

Tempos depois, analisando juntos essa experiência, vimos como é importante para o espírito aprender a desapegar-se de coisas e de pessoas; do mesmo modo, constatamos que o funcionamento de uma organização e a educação de uma filha adotiva não eram o principal. Sendo o espírito onipotente e onipresente, poderia, se necessário, enviar substitutos para executar aquele trabalho, bem como, atrair outras pessoas que educassem a filha, fazendo-o tão bem ou melhor do que aquele indivíduo. Ao desapegar-se, essa pessoa podia continuar na linha ascensional, canalizando a energia para um ponto além dos desejos humanos, por mais elevados que fossem. Tornar-se um verdadeiro devoto, isto é, um buscador da verdade dentro de si mesmo, sem outro interesse qualquer, significava uma progressão dos estados vividos até aquele momento.

\* \* \*

Apesar de a energia de sexto raio trazer-nos os objetos da devoção, ela nos faz ver, ao mesmo tempo, que não é evolutivo apegar-nos a eles. Podemos ser profundamente devotos de uma ideia, de um

ideal ou de uma pessoa, se quisermos; nada disso é negativo desde que o façamos sem nos apegar e sem nos cristalizar nesses estágios. Estando abertos ao próximo objeto da devoção, que inclui sempre o anterior ou a sua essência, nada perdemos ao renunciar ao antigo. Com isso, incluímos, em nosso novo estado, objetos e pessoas que aí estarão sempre presentes, sem qualquer interrupção.

\* \* \*

Quando somos já maduros, a devoção nos leva a renunciar a certo objeto sem nos mostrar previamente qual é o próximo passo. Com isso, vamos sendo treinados para agir incondicionalmente, sem esperar substitutos e sem visar qualquer coisa além do amor. A essência de uma organização espiritualista ou de uma filha adotiva, por exemplo, está, na Realidade, no Único e Nele estará para todo o sempre.

Quando a devoção flui por intermédio de um temperamento mental, emocional, ou de um cérebro físico ainda não suficientemente purificados, detém-nos demais na forma externa, a ponto de pensarmos que determinado grupo ou trabalho espiritual seja tudo, quando, na verdade, é apenas um invólucro. Além disso, a essência é eterna e é preciso que a casca que a encobre se rompa a certa altura.

\* \* \*

Convém observar que o passar de um objeto de devoção a outro é apenas aparente; na realidade, estamos contidos em um todo único. Quando nossos corpos estão purificados, alinhados e equilibrados, temos condição de perceber que o objeto da nossa devoção é algo generalizado, não individual, e que se encontra em tudo e em todos. Sob tal perspectiva, nosso processo devocional transcorre naturalmente e vamos evoluindo por meio dele, com ideais e pessoas sucedendo-se, uns após outros, como em um caleidoscópio sem fim.

Os ideais podem renovar-se sempre; por isso, não precisamos ficar presos a nenhum deles. De um nível elevado da Criação, é enviado para o plano das ideias algo a ser manifestado na matéria. Quando essa idéia é transmitida, vem completamente pura, nova e atual, não podendo ser atingida por uma mente comum. Por isso, existem seres que atuam no mundo das idéias puras, captando-as, revestindo-as com várias capas ou aparências, a fim de projetá-las em um nível inferior, para que possamos reconhecê-las. Essas idéias novas são vitais e necessárias; quando revestidas e projetadas em um nível mais denso para serem captadas pela nossa mente, nós as percebemos como ideais.

No mundo superior, estão surgindo sempre ideias novas, atualizadas, o que não se dá ao nível dos ideais que, ao se materializarem, permanecem

existindo por muito tempo, mesmo depois de passada sua época. Os seres que vitalizam os ideais para que possamos percebê-los não se atêm a dissolvê-los quando seu momento cíclico termina, pois ocupam-se em captar e transmitir novos ideais; enquanto isso, no nível mental, permanecem infinitas sugestões e modelos para todos. Todavia, é fácil enganar-se e captar algum ideal já desatualizado e não mais representativo das necessidades do momento.

\* \* \*

Todos nós, em determinado momento da evolução, temos ideais positivos e necessários que devemos liberar sob o risco de estarmos perseguindo algo ultrapassado, já sem função, e deixarmos de ver o que está surgindo agora. Os ideais em si não são negativos; a nossa atitude perante eles é que deveria ser de desapego. Se conseguirmos vivê-los plenamente e perceber que há outros, superiores, mais atuais e completos a serem atingidos, subiremos sem apegos nessa escala dos ideais, até chegarmos ao nível da ideia pura, onde não há mais possibilidade de enganos, pois ela não é revestida por qualquer material que a deturpe, mas captada em sua realidade sem forma. É a devoção que nos conduz através desse trajeto.

\* \* \*

Vê-se, pois, que essa energia pressupõe um vasto campo de trabalho. Ser devoto e, ao mesmo tempo, permanecer separado do objeto da devoção, é algo a ser aprendido por meio de provas bem conhecidas. Quando somos levados por uma energia superior a nos desligarmos compulsoriamente do objeto da devoção, se isso é compreendido como um fato positivo, sentimo-nos libertos. Nada foi perdido, mas reformulado e reconstruído.

A energia do sexto raio constrói e, ao mesmo tempo, destrói. Somos construídos como verdadeiros devotos ao vermos destruídos nossos objetos de veneração a fim de que, em nós, possa atuar a real essência de cada um deles.



## **A CHAVE DO MISTÉRIO**

SÉTIMO RAIOS: ORDEM E ORGANIZAÇÃO

*A Lei é: Tudo o que eu tenho é Teu.*

JOEL GOLDSMITH





## UMA GOTA NO OCEANO

UMA PESSOA que conheci teve um sonho típico de sétimo raio, que revela muito bem como é que essa energia atua dentro de nós, trazendo-nos, muitas vezes, uma mensagem subjetiva, enquanto dormimos. Em seu sonho, a pessoa, em companhia de outras, subiu de elevador até um apartamento situado no andar mais alto de um prédio. Quando todos chegaram ao alto, vislumbraram lá de cima um rio extenso e largo, onde se divisavam, bem pequeninhos, outros seres humanos. Em seguida, entraram todos em um terraço aberto, arejado e belo. Porém, um vento forte começou a soprar, parecendo querer derrubar tudo. A porta de entrada do apartamento escancarou-se, permanecendo aberta por causa da força do vendaval. Os moradores do apartamento tentavam fechá-la, mas o vento era tão intenso, que, durante o sonho todo, ela continuou aberta.

Essa mensagem foi muito significativa para o meu conhecido, porque o levou a refletir sobre a ideia de posse, de casa própria (em termos antigos),

do próprio ambiente e comodidade, e a contemplar do alto a vida como um todo, como um grande rio que nos leva para um mesmo oceano. Colocada a consciência nessa altura, vemos que o rio da vida é amplo e visível e que o vento vem para abrir as portas, fazendo com que tudo fique completamente à vista e disponível. Nada permanece limitado e restrito. É como se as portas da casa fossem abertas pelo vento, que transforma a natureza do seu ambiente.

Este sonho, na realidade, era uma demonstração do que a energia começava a fazer na consciência de alguns indivíduos nele envolvidos. De fato, os proprietários daquele apartamento não mais conseguiram evitar cedê-lo para trabalhos grupais altruístas, como não mais puderam esquivar-se de cooperar com movimentos filosóficos que lhes vinham sendo propostos. O condicionamento leva as pessoas a fecharem a porta, mas um vendaval, simbolicamente, chega para abri-la. O gesto de manter a porta fechada significa querer conservar as coisas como elas sempre foram – mas "o vento" não mais o permite. Uma outra ideia aí expressa é a de que estamos sendo levados do próprio egocentrismo para o rio da vida, imenso fluxo que nos conduz a todos para um grande oceano.

A energia de sétimo raio, ao mesmo tempo que promove a elevação do indivíduo e a sua inserção no todo de uma só corrente, organiza as forças por

meio de um ritmo rigoroso e constante. Esse ritmo, hoje em dia, é visível, na organização de empresas, na agenda diária dos grupos comunitários, quando receptivos à ordem e à organização, e também em muitos outros setores.

Essa energia poderosa está entrando em manifestação cíclica, trazendo para este planeta nova consciência e novas formas de vida, que não visam às pessoas em separado, mas à humanidade como um todo. Com a entrada dessa energia, vemos reunirem-se pessoas de diferentes raças, países e classes sociais para o mesmo trabalho. Desse relacionamento heterogêneo, surgirá uma síntese. O sétimo raio conduz, pois, à união no mundo, fazendo com que nações, indivíduos e grupos se sintam incluídos em um grande ser planetário. Essa energia está eradicando o personalismo e levando-nos para uma consciência global.

Veja-se que o sétimo raio, energia da ordem e da organização, do ritual e do cerimonial, como também é chamado, trabalha em conjunto com outros dois raios (o primeiro e o terceiro). Se nos for dado perceber como isso se dá, podemos colaborar melhor com o novo movimento que dele decorre. O primeiro raio, da vontade-poder, tem a força que faz o Plano Evolutivo manifestar-se. No sonho que acabamos de narrar, ele é representado pelo vento que entra e escancara a porta. O terceiro

raio, energia que nos ajuda a sermos adaptáveis em nossas atividades, prepara-nos para receber o novo em nossas vidas. Sem essa energia, veríamos apenas destruição diante de um vendaval simbólico. Precisamos da adaptabilidade e da inteligência do terceiro raio para as transformações necessárias e para amoldar-nos às novas situações que estão sendo propostas, como esta do sonho, que é a de a pessoa ter de descer do alto do edifício, das suas próprias estruturas, onde há tanto conforto, para entrar em um rio junto com todos.

\* \* \*

O sétimo raio expressa-se como energia construtora de novas formas dentro da substância material; juntamente com o primeiro e o terceiro raios, está acarretando transformações básicas no planeta e na humanidade que o integra. Por exemplo, o sentimento religioso, que implica busca de união com os níveis supraconscientes do ser, em vez de ser observado com datas e horários marcados, ou canalizado por religiões organizadas, torna-se, com o sétimo raio, uma atitude permanente em nossas vidas e independente de fatores externos.

Outra transformação decorrente dessa energia diz respeito aos ideais, dentre os quais, a fraternidade, a boa vontade e o altruísmo visam, todos eles, a nos preparar para uma vivência efetiva. Com a

entrada do sétimo raio, esses ideais deixarão de ser apenas um enunciado ou uma teoria; ao contrário, irão materializar-se, movidos por fatores compulsórios. Assim, por exemplo, as necessidades econômicas (que levam a uma disciplina obrigatória em nossos hábitos) e a evolução das almas (que anseiam por uma nova ordem sobre a Terra) irão conduzir-nos a uma real vivência da fraternidade, sem a qual a sobrevivência no plano físico não será possível em um próximo futuro. Com o primeiro raio, que é de caráter destruidor, todas as velhas formas passarão, e a necessidade coletiva trará não só uma consciência mais fraterna, como uma maior colaboração das pessoas entre si e das pessoas em relação à Natureza.

A terceira dádiva do sétimo raio refere-se à superação da ideia de nacionalismo, de sectarismo, de separatividade. Essa expansão inclui a descoberta, por parte da ciência oficial, de que não há diferença entre espírito e matéria — na verdade trata-se de dois polos da mesma energia, ou seja, de duas extremidades de uma única realidade. Nosso próximo passo será a percepção de espírito e matéria juntos, incluídos um no outro.

Um novo sentido na constituição de grupos é outra contribuição do sétimo raio. Os raios manifestados anteriormente produziram grupos potentes, belíssimos e úteis, como os religiosos, os políticos, os econômicos, os culturais e os científicos.

Todos foram materializados segundo a necessidade e a possibilidade de compreensão de cada época. Não havia entre eles relações amigáveis mas, agora, essa nova energia está trazendo uma forma de todos trabalharem juntos por um mesmo propósito geral. Embora devam manifestar-se separadamente, por causa das tarefas e funções peculiares a cada um, isso não impedirá que todos trabalhem juntos, conscientemente, em busca de uma meta única. Cada qual, expressando-se de maneira específica e em seu próprio âmbito, permanece unificado com os outros, porque tudo que empreende, embora aparentemente diverso, visa o mesmo fim. Assim, veremos o sentimento religioso unificado com a precisão científica e a força política unida à cultura espiritual.

A energia da síntese, por meio da qual buscamos um contato cada vez maior e mais consciente com o nosso centro interno, de maneira a nos sentirmos ligados a tudo o que existe e com todo o universo, desde as criaturas mais próximas às mais distantes, é também uma característica do sétimo raio.

\* \* \*

Vivemos hoje, pois, um momento em que o velho e o novo, entrelaçados, esperam por uma solução. Nossa consciência, nossos sentimentos e atividades dirigem-se para algo mais sintético.

Conforme aquele sonho nos mostrou, no momento atual, precisamos encontrar coragem para saltar lá de cima, onde temos um apartamento com varanda, de onde vemos tudo do alto, e entrar naquele rio junto com todos os seres. Isso não quer dizer que precisemos externamente abandonar os bens materiais, ou que nos tornemos amorfos. Trata-se de uma liberação interna, para que a parte exterior seja vivida sem o sentimento de posse. Isso significa que, embora tenhamos tantas coisas em nossas mãos, não nos apegaremos a elas como se fôssemos seus proprietários, mas as utilizaremos como instrumentos de serviço.

O exemplo que narro a seguir pode ilustrar bem isso. A certa altura da vida, deixando que o sétimo raio atuasse livremente em mim, vendi propriedades para dar início a uma obra de benefício grupal. A partir desse momento, foram colocados à minha disposição imóveis que não eram meus, mas dos quais dispunha sempre que o trabalho assim o exigia. Além disso, eram em número consideravelmente maior do que aqueles de que dispus.

Na verdade, somos levados ao mar e, dentro de suas águas, desistimos de permanecer identificados com a gota que somos. Preparamo-nos para ser um imenso oceano, nessa energia de sétimo raio, que nos oferece a possibilidade de estarmos conscientemente em unidade com tudo o que existe.

\* \* \*

Um Instrutor espiritual, um dos últimos grandes a encarnar, foi visitar um discípulo seu. Sentaram-se juntos os dois e ficaram em silêncio, interiorizados. Ao terminarem, o Instrutor perguntou: "O que você sentiu?" Ao que o aluno respondeu: "Senti-me como se estivesse dentro de um mar, que não era de água, mas de energia. Eu estava ali dentro e eu era aquele mar." Então está bem", disse o sábio, levantando-se e saindo, para nunca mais voltar.

O aspirante espiritual havia experimentado a energia do sétimo raio, que traz para a matéria física a consciência da ligação com a totalidade da vida.



## **A CONSCIÊNCIA EM LIBERDADE**

O RITUAL E A ORDEM, potentes manifestações do sétimo raio em nossa época, são a expressão da própria vida manifestada. Nenhum ser está liberado de agir com ordem. O Sol que, para nós, surge e desaparece todos os dias, é um exemplo desse fato básico e universal, que é, em si, rítmico. Há outros rituais igualmente importantes, como a mudança dos climas e das estações do ano. Ao seguirmos esses ritmos, surge naturalmente em nós o que chamamos disciplina, um movimento de harmonia com tudo o que ocorre no universo. Ao nascer, o Sol traz e atrai certo tipo de energia, diferente daquela que se verifica no poente. Quando ele aparece, estimula-nos a agir, a exteriorizar-nos; quando se põe, facilita-nos o recolhimento.

No processo de conscientização, existem situações que surgem quando nos exteriorizamos; e outras quando mergulhamos no nosso íntimo; daí a necessidade de seguirmos os ritmos naturais que favorecem esses dois tipos de movimento: exte-

rização e interiorização. Quando isto não ocorre, ficamos sujeitos a criar ritmos artificiais, que prejudicam o nosso relacionamento com o universo.

Considerando-se as estações do ano, vemos que, no inverno, os dias são mais curtos e, no verão, mais longos. Isso deve influir no programa e no equilíbrio de nosso dia. No inverno, talvez seja necessário mais tempo para o sono, e nos meses quentes, pode ser que precisemos dormir menos. Se não seguirmos esses ritmos básicos ao organizarmos nossa vida, veremos que até a nossa saúde, com o tempo, ficará prejudicada. Há também alimentos adequados para cada estação do ano e, quando importamos comidas de outros climas que estão em outros ciclos e ritmos, criamos um ritual artificial, estranho à conjuntura em que vivemos. Contrariando essa ordem básica, vamos contra ritmos maiores e, desse modo, ciclos mais amplos permanecem desconhecidos para nós. Dia virá em que, neste planeta, a ordem ou cerimonial, expressão do sétimo raio, estará bem clara na consciência e na ação de todos os homens. Outros reinos da Natureza, alguns já bem conhecidos do homem, tais como o animal e o vegetal, seguem espontaneamente essa ordem cósmica, porque não têm o livre-arbítrio. No homem, a Existência Única está fazendo a experiência inédita de conceder a um reino da Natureza o livre-arbítrio; o resultado positivo disso será evidente nas épocas futuras.

\* \* \*

São bem visíveis esses ritmos cósmicos básicos, além de outros que criamos sob a influência dessa energia de sétimo raio: horários de trabalho, exercícios, a organização de uma casa ou de qualquer atividade engendrada no plano físico. Para que a energia possa fluir corretamente, é bom que nossos movimentos se norteiem segundo os ritmos básicos. A energia do sétimo raio emerge da qualidade desses ritmos, harmonizando as pessoas consigo mesmas e com o ambiente. Uma pequena organização comercial, que tenha um ritmo adequado de funcionamento, poderá gerar mais energia do que outra de âmbito maior, porém carente de ordem e de ritual autêntico. Por ritual autêntico entendemos uma atividade ordenada e serena, em sintonia com ritmos mais amplos, cósmicos, nos quais estamos inseridos e aos quais podemos conscientemente aderir.

Quando esse ritual ou cerimonial se estabelece em um grupo ou nação, atrai certa qualidade de energia pois, sempre que estamos reunidos em determinado local, formamos ali um vórtice energético. Se permanecemos no nível emocional, atraímos energia dessa qualidade; se nos sintonizamos com outros planos de consciência, como, por exemplo, o espiritual, o vórtice torna-se mais potente e de qualidade mais sutil. Daí a importância de manter-

mos nossa mente focalizada em assuntos superiores. "A energia segue o pensamento", diz a Lei.

Portanto, a qualidade da vida depende não só do ritmo que estabelecemos com nossos movimentos e atitudes mas também do nível no qual estamos polarizados com nossas falas, sentimentos e pensamentos.

Melhor seria se tivéssemos um ritmo externo compatível com nossa consciência, mas isso é quase sempre impossível. A consciência não tem limitações de tempo e de espaço, ao passo que a nossa vida humana, prática, está sujeita a essas leis. Porém, à medida que descobrimos o cerimonial adequado para nós, com ritmo e disciplina, vamos diminuindo esse distanciamento entre o que exteriorizamos e o que temos dentro de nós como concepção da própria vida. O indivíduo entra em depressão em frustração profunda quando esse distanciamento é excessivamente grande. Portanto, o reconhecimento do sétimo raio e da ordem externa e interna que ele traz é uma necessidade básica. Principalmente no momento cíclico que estamos vivendo, esse raio deve ter atuação predominante em relação aos demais.

\* \* \*

Nossa expressão oral, gestos, olhar, caminhar, compõem o nosso ritual. A velocidade com que pensamos, o ritmo dos nossos sentimentos formam um cerimonial ao qual temos de nos entregar orga-

nizada e conscientemente, zelando por ele e aprimorando-o. O gesto que faço é meu ritual externo; meu sentimento, o interno; tudo o que parte de mim e o que vem a mim são como um grande cerimonial, ao qual eu não deveria estar alheio.

Em outros reinos da Natureza, como vimos, esse ritual é belo e perfeito: no canto dos pássaros, no trabalho das abelhas, das formigas ou nos movimentos do vento. Quanto menos interferimos nesses ritmos naturais e menos agressivos formos, tanto melhor, para não deturpá-los. Plantas, árvores e animais seguem muito mais os ritmos cósmicos do que o próprio homem. O homem, tendo livre-arbítrio, pode romper com esses ritmos, como normalmente o faz, passando, então, por experiências desequilibradas.

\* \* \*

Os rituais artificiais, assim chamados porque feitos pelo homem, podem ajudar as pessoas a reconhecerem o seu próprio ritmo natural, interno e externo, mas não apresentam valor real em si. Todo ritual artificial, como, por exemplo, as cerimônias religiosas, tenta suprir nossa disritmia com o ritual natural e cósmico. Por isso, não devemos nos prender mais que o necessário a um ritual artificial. Ao percebermos que estamos encontrando nosso próprio ritmo, vamos, proporcionalmente, abando-

nando o ritual externo que, apesar de nos ter sido útil até então, já não o é mais.

Com o sétimo raio agora tão evidente no planeta, nossa vida inteira tende a um ritual perfeito; podemos, então, dispensar muitas formalidades que, antigamente, eram apreciadas, como os ritos religiosos e meditativos propostos por escolas sectárias. É por não procurarmos nosso próprio ritmo, ou por não nos dedicarmos suficientemente a ele, que necessitamos de tantos apoios externos para nos voltarmos para a vida interior.

Introduzimos compensações e exteriorizações em nossa vida quando nosso verdadeiro ritual está frustrado. A excessiva dedicação a rituais rígidos, impostos, ocorre porque estamos desconectados do nosso autêntico movimento rítmico.

\* \* \*

Neste século, com o uso da música desarmônica e da expressão corporal de baixa qualidade, deturpada por movimentos estranhos e instintivos, o ritual dos seres humanos foi degenerado. Será necessário muito trabalho para o seu restabelecimento em cada indivíduo. A propósito disso, há muito a ser observado: se eu, por exemplo, limpar uma sala só para deixá-la limpa, criarei mera rotina, acabando por saturar-me dela. Se, no entanto, eu a limpar trabalhando minha consciência, procurando fazê-

-lo da melhor forma possível, sabendo que tal trabalho corresponde a algo que está ocorrendo dentro de mim (em harmonia com aquele ato externo), ele deixa de ser cansativo e rotineiro, tornando-se uma atividade criativa e sempre renovadora. A ordem e o ritual são, portanto, o resultado de uma atitude interna, seja no homem, seja no universo.

Se, ao limparmos uma sala, ela não ficou bem varrida, é porque há algo a ser feito na nossa consciência; à medida que esse trabalho na consciência é assumido, aumentam nossas habilidades externas e desenvolvem-se novas capacidades.

\* \* \*

Quanto mais nos dedicamos ao ritual, pensando no bem dos outros ou dos grupos, mais nos transformamos em um ponto de atração da pura energia. Porém, se fizermos algo só em benefício próprio, atraímos outros tipos de forças, inferiores. Liberamos a alma das atrações terrestres quando dedicamos nossas atividades a uma finalidade altruísta e não criamos expectativas quanto ao seu resultado – o ritual torna-se, então, simples, direto e puro.

Na realidade, a alma não escolhe um trabalho, mas serve, enviando sua energia, no setor onde é mais útil. Apenas em nível de personalidade exercemos escolhas, geralmente baseadas em duvidosas preferências individuais. O sétimo raio, como

energia da ordem, coloca-nos onde podemos ser mais úteis e aí será o melhor lugar para nós e para o desenvolvimento geral. Mas esse lugar e esse trabalho não são algo que a personalidade possa perceber sozinha, sem o conhecimento da mente superior, à qual o homem se abre para o devido contato, por meio do ritmo bem ordenado de sua vida. Depois desse ritmo básico ter sido estabelecido, o processo começa a tomar maiores proporções.

Contrariamente ao que se possa supor, somos livres quando conseguimos um ritmo interno. Enquanto seguimos impulsos e ritmos artificiais, podemos satisfazer nossos desejos, mas não estamos nos libertando. O sétimo raio, por meio da ordem, leva-nos a descobrir que a libertação está no cerimonial interno que se reflete na beleza e na harmonia da vida externa a ser restaurada no planeta.

\* \* \*

A propósito de ritual interno, existe uma antiga história, relacionada com os mistérios da vida una. Ela se passa em um templo interno, centro da própria consciência de cada ser. Aí dentro, sete seres tomam assento ordenadamente. Interiorizam-se e, por meio desse trabalho silencioso, constroem. As portas do templo fecham-se. A luz brilha lá dentro, tenuemente. Os sete permanecem silenciosos, e suas formas tornam-se veladas.



À medida que o tempo passa, começam a ressoar os sons da vida. A porta do templo abre-se de repente e logo se fecha, em um movimento rítmico, durante aquela cerimônia interna. Cada vez que ela se abre, aumenta o poder dentro do templo e a luz torna-se mais forte, porque, um a um, entram os homens prontos para o novo ritmo, atraídos pela irradiação dos sete; depois, atravessam o vestibulo e passam diante dos sete. Levantam o véu do templo entrando, finalmente, na vida.

O templo aumenta em beleza à medida que outros homens chegam a ele. De dentro, soam as palavras:

– Abri a porta para todos os que vêm dos escuros vales da Terra e buscam o centro. Assim, o templo será transportado do céu para a Terra e sua luz alimentará a essência dos homens e os levará a criar.

Os sete perguntam por que o templo deveria abrir-se para todos. Então a voz, que falava no silêncio, dentro do templo, responde:

– Porque o trabalho já está preparado. Os artesãos também já estão prontos. Todas as criaturas já podem criar.

Essa história simbólica, segundo o entendido por muitos, indica a intenção das energias em abrir as portas da realização interior para o maior núme-

ro possível de criaturas. Com a chegada da energia de sétimo raio, muitos ficarão aptos a colaborar com o Criador do universo. Todavia, o mistério desse fato só nos é desvelado no silêncio.

## **RAIOS, INTUIÇÃO E VIDA INTERIOR**

*O silêncio nos faz voltar, passo a passo,  
a um lugar no interior de nossa  
própria consciência onde a resposta  
se extingue em nós, a resposta certa,  
a resposta que sempre esteve disponível.*

JOEL GOLDSMITH



## **A DESCOBERTA DOS RAIOS: O FATOR FÉ**

PARA COMPREENDERMOS os raios, teríamos de abolir completamente a pressa e a ansiedade, porque esse é um estudo metuculoso, que começamos a fazer ao observarmos nossa vida e nossas reações perante os fatos. Lentamente, vamos descobrindo qual é a nossa energia mais evidente, que não precisa ser o raio predominante em nós, pois, como já vimos, cada qualidade de energia tem sete subdivisões e inclui, assim, todos os raios.

Trata-se, todavia, de um estudo que não pode ser feito apenas analisando atitudes e reações. É necessária também uma ajuda dos níveis intuitivos para percebermos a vida como realmente ela é.

Uma vez que, em cada tipo de energia, temos incluídas todas as outras, uma delas pode parecer-nos a principal em certa fase evolutiva. Coloquemo-nos, portanto, muito serenos diante desse estudo. Além disso, um raio predominante pode ser apenas algum dos raios secundários, ou sub-raios, subdivisões daqueles que qualificam os corpos e que

se acham em manifestação apenas em determinado momento. Se alguém for, por exemplo, muito mental, pode expressar em maior proporção o raio da mente, e não ser esta a própria energia básica, mais profunda, eventualmente ainda não revelada.

Ao estudarmos os raios, devemos ter presentes alguns pontos fundamentais, dentre eles, o de que temos uma qualidade de energia no espírito que permanece a mesma por longos ciclos, ainda que, nos níveis inferiores a ele, os raios mudem periodicamente. O raio da alma, por exemplo, é muito mais estável do que os dos corpos da personalidade, mas também ele não é fixo. A partir de certo ponto da evolução, a alma tem de, obrigatoriamente, trocar de raio, pois só pode continuar a progredir em sintonia com o espírito, ou o seu centro, se estiver em uma energia afim com a do espírito. Além disso, a alma poderá fazer também outras mudanças, dependendo da necessidade.

Normalmente, o raio da personalidade muda a cada vida, e até durante uma mesma encarnação ele pode ser trocado, conforme a necessidade evolutiva ou a vontade maior do ser. Durante a mesma encarnação, os raios dos corpos mental, emocional e físico também podem mudar. Um dos motivos para isso pode ser o de facilitar ainda mais a interação deles. Se a alma conseguir certo controle sobre dois corpos e tiver dificuldades sobre o terceiro, ele pode

mudar de raio em benefício de melhor coordenação entre os três – o que não depende, obviamente, de escolha humana: trata-se de uma decisão espiritual, que não está ao alcance da personalidade.

Mesmo antes de totalmente revelado, o raio da personalidade começa a exprimir-se no corpo físico. Já o raio da alma, age sobre o corpo emocional, influenciando-o visivelmente. O raio da Mônada, que só é descoberto em uma fase adiantada do processo evolutivo, exerce influência sobre o corpo mental.

Em geral, o primeiro, o quarto e o quinto raios governam o desenvolvimento da vida mental e determinam o corpo mental do indivíduo. O segundo, o quarto e o sexto governam potencialmente a vida emotiva e condicionam o tipo de corpo emocional. Em muitos casos, atualmente, o terceiro e o sétimo governam a vida físico-vital e o corpo físico.

\* \* \*

Uma pergunta que há muito pode estar em nossa mente será agora considerada. Qual é a utilidade do estudo dos raios no homem? É múltipla, parece-me. Primeiramente, por meio deles conhecemos, aos poucos, as várias partes do nosso ser. Se descobrirmos qual a energia do corpo físico, colaboraremos mais com ele. Se percebermos qual é a energia do corpo emocional, poderemos torná-lo maleável

e mais amplo, fazendo-o funcionar não apenas com o raio que lhe é evidente mas também com todos os outros que estão nele incluídos. Seremos também ajudados a descobrir qual é a energia do corpo mental e não a ficaremos confirmando mas usaremos igualmente as energias secundárias, seus sub-raios, deixando-os vir à tona para completá-la.

\* \* \*

Para emprendermos essa pesquisa, existe uma ordem que, se observada, poderá auxiliar-nos. Primeiro, tentamos descobrir as energias dos corpos físico, emocional e mental, porque somos mais conscientes deles. Observando-nos a nós mesmos, percebemos quais são os raios que normalmente se manifestam. Podemos chegar até esse ponto pela mesma observação primária, que estamos utilizando ao fazer este estudo. Porém, se percebermos a energia que um dos nossos corpos está expressando, devemos pesquisar quais são aquelas que ele ainda não manifesta para deixá-las emergir e enriquecer as suas características já presentes. Esse é o trabalho básico, que leva semanas, meses ou anos, dependendo do esforço nele empregado, do nosso interesse e, também, do nosso temperamento. Dependendo do temperamento, a energia de raio facilita mais ou menos este estudo.

\* \* \*



Por tratar-se de um mundo de energias, campo infinito de conhecimentos, precisamos ter humildade antes de falar dos próprios raios e de fazer afirmações a esse respeito, o que pode nos condicionar, levando-nos a rotulações desnecessárias. Afirmar, logo no começo do nosso estudo, que "eu sou de tal raio" é algo arriscado. Devemos, depois de observações atentas, meticolosas e pacientes, depois de confrontar nossas tendências e reações, abandonar por uns momentos essa pesquisa teórica, concreta e analítica e entregá-la ao nosso mundo intuitivo. Por um lado, estamos diante de um trabalho que pode durar muito tempo antes que tenhamos condições de chegar a conclusões seguras; por outro, podemos iniciá-lo hoje e, amanhã, ter respostas verdadeiras. É possível, também, com a ajuda da energia do mundo intuitivo, que saibamos quais são os nossos próprios raios sem nunca termos, aparentemente, estudado esse assunto.

Percebe-se, pois, que a atitude desejável é a de total entrega, de quem nada sabe, porque só assim a luz vai encontrando abertura para fluir. A humildade, a fé, o sentimento de pouco ou nada saber sobre o que é misterioso — essa é a psicologia desejável para despertar a intuição. Trata-se de um perene caminhar na simbólica "corda bamba" que liga a completa ignorância da mente concreta pelos assuntos espirituais ao nível intuitivo, onde

tudo está solucionado e todas as respostas estão prontas.

E não é preciso cair dessa corda bamba. Se colocarmos a atenção no precipício ou na própria corda que balança, é certo que cairemos. Os olhos devem ser mantidos na meta espiritual, que reluz do outro lado do abismo, não na corda bamba que liga os dois lados desse despenhadeiro.

Concentrados na meta não nas situações externas, aparentemente inseguras, viveremos seguros na própria condição humana ainda não iluminada pelo mundo intuitivo e espiritual. E, aos poucos, a luz irá crescendo.

Existem pontos-chave importantes para o despertar ou o aperfeiçoar da faculdade da intuição em desenvolvimento nesta época no homem. Um deles, por exemplo, é o de que, para termos uma resposta do mundo intuitivo sobre alguma questão, é necessário que creiamos firmemente que a solução para todo e qualquer assunto se encontra dentro de nós mesmos, no profundo do nosso ser. Trata-se de trazer a solução que já está pronta para a superfície, para a consciência normal.

Em outras palavras, é essencial o fator fé. Sem a fé de que a luz vem quando nos abrimos a ela, ficamos envolvidos somente em trabalhos materiais, tabelas, gráficos e conhecimentos teóricos. Sabe-

mos que os conceitos servem para nos estimular, fazer-nos chegar ao ponto seguinte e ampliar nossa consciência, mas o que nos dá o conhecimento vem de outra região do ser. A fé não é uma qualidade da personalidade. Ela é uma energia própria da alma, ou eu superior, que no seu nível vive a consciência da imortalidade. Dessa imortalidade, vivida permanentemente no nível da alma, flui para o consciente essa energia fundamental: a fé.

Contudo, a abertura em si não é suficiente. Por meio dela podemos receber muitas vibrações, de diferentes qualidades, e não saber reconhecê-las. Além disso, se estivermos orgulhosos, receberemos uma energia que faz crescer o orgulho ainda mais; se nos abirmos, complexados, certos de que nada sabemos e de que jamais saberemos, aumentaremos em nós o medo, a insegurança e essa situação de incerteza, porque a luz, como vimos, não está nos níveis humanos. Necessitamos de grande abertura, aspiração e, ao mesmo tempo, de fé, energia que o eu superior nos transmite e que nos dá consciência de estarmos vivos. Se ela é parte da vida, temos direito de conhecê-la e de estarmos conscientes dela. Se estivermos na fé e na ação correta, podemos ter uma abertura através da qual irá fluir exatamente aquilo de que precisamos. É necessária uma abertura para o mais alto, para a luz que vai nos permitir fazer esse estudo com a mínima margem de erros. É

necessária a fé de que, quando batermos, a porta se abrirá, e de que, quando pedirmos, receberemos.

Então, colocamo-nos primeiro em uma atitude serena, sem apegos ou expectativas, a fim de descobrirmos pontos básicos para melhor coordenação das nossas energias. De nossa parte, deve haver concentração em torno das múltiplas facetas que a questão apresenta. No caso dos raios, é bom que haja uma reflexão sobre as características básicas de cada um deles para que o assunto se generalize e se amplie em nossa mente. Sendo muito insistente, essa concentração pode impedir que a resposta emergja; se não for suficientemente intensa, pode não atrair impressão interna alguma. Devemos encontrar um equilíbrio entre esses extremos e manter, por um período não premeditado, uma concentração bem natural e despreocupada: cada indivíduo deve encontrar sua própria medida.

Após esses primeiros passos, retiramos da mente o assunto e não pensamos mais nele. Isso é importante, pois manter o pensamento sobre a indagação feita equivale a uma imposição da vontade humana sobre o nível intuitivo, que, por natureza, não recebe ordens dos níveis humanos. Devemos, portanto, tornar-nos receptivos às impressões interiores. A resposta pode surgir imediatamente, a médio ou a longo prazo, conforme o caso; pode chegar enquanto o corpo físico dorme e tomare-

mos consciência dela no momento do despertar. Resolvem-se intrincados problemas durante a meia sonolência do cérebro ou no sono profundo; relaxada, a mente pode entrar em contato com níveis superiores.

\* \* \*

Como a intuição é delicada e tênue, às vezes está presente, mas não a percebemos. Ceticismo e ruídos excessivos da vida normal costumam abafar a voz da intuição. Às vezes, ela é rápida, delicada, fugaz, e não lhe damos importância – principalmente quando não corresponde aos esquemas mentais que conhecemos.

Pode ser até que, de repente, descubramos algum dos nossos raios, mas se isso não ocorrer, não tem a menor importância: os raios continuam sendo o que são, mesmo que não tenhamos consciência deles. Continuam fluindo, existindo e agindo sem nossa participação consciente. Há pessoas destinadas a não ter consciência de nada disso, e essa é uma forma como outra qualquer de se caminhar. Elas permanecem longos períodos da vida de sua alma assim, no escuro e na fé, sempre esperando pelo melhor. Outras têm o destino de ter as coisas bem explicadas, dependendo do raio no qual se encontram. Mas todas evoluem, cada uma em seu próprio ritmo.

Vemos, então, que, principalmente no estudo dos raios, é necessária a paciência. Quase sempre, o raio da alma ou da personalidade atuam de maneira especial sobre algum veículo, mas essa influência é temporária e, por meio da purificação, o raio verdadeiro do corpo emerge. A paciência é, pois, uma base para esse estudo.

\* \* \*

A resposta, às vezes, pode vir por meio de algum recurso externo, como, por exemplo, um livro ou uma frase ouvida em uma conversa. Nesses casos, deve-se esperar por alguma confirmação interna, antes de se dar completo crédito à informação.

Aquilo que a intuição nos diz é, em certos casos, tão diferente do que esperávamos, que duvidamos dela. Mas, quando nos abrimos aos seus tênues sinais, acabamos por nos sentir seguros e esclarecidos. Entretanto, devemos empregar a inteligência, a razão, o discernimento e todas as faculdades humanas de que dispomos, para colaborar com a intuição: como o cérebro físico pode falhar, tanto quanto o pode qualquer mecanismo, é necessário o uso do discernimento para não ficarmos presos ao que se pode chamar de pseudo-intuição, que é a projeção de impulsos subconscientes, reflexos de esperanças e de desejos da personalidade. Se a personalidade deseja pertencer a algum raio específico,

poderá estimular uma série de evidências que, aparentemente, venham a confirmar os sintomas provocados por esse desejo. Porém, se ficarmos atentos à nossa ação durante os sonhos ou a nossos atos mais espontâneos e menos elaborados, poderemos perceber as características do nosso verdadeiro raio.

A intuição sobre os raios emerge da calma interior, e não de emoções, entusiasmos mais ou menos visíveis ou ânimos inflamados. Quando a ideia chega calmamente, com clareza e sem dúvidas, provavelmente é uma intuição.

Na realidade, o mais importante é o processo pelo qual concordamos em passar. Se descobrirmos nossos raios, seremos ajudados na coordenação do nosso ser; mas é durante o processo que crescemos em consciência, podendo até ocorrer uma mudança de raios nos corpos da personalidade, como vimos anteriormente. Assim, o que porventura foi descoberto de início, pode não ser mais válido para nós. Precisamos, portanto, estar livres de cristalizações, de conceitos e de tabelas fixas, de manuais e gráficos. Tudo isso deve ser apenas instrumento, ferramenta para o estudo, da mesma maneira que se dá com uma caneta que temos nas mãos – cabendo-nos, apenas, usá-la. A caneta e o que se escreve com ela não são, em si, a essência do pensamento, mas sim a expressão externa de algo subjetivo. O que realmente importa está na essência do que foi

escrito e não nas palavras em si, ou no instrumento utilizado para escrevê-las. Usamos canetas, escrevemos e lemos, mas precisamos ter consciência de que nada disso é o essencial — nada disso é o conteúdo do que está escrito. Desse modo, todos esses instrumentos, tão necessários e dos quais devemos fazer uso, não são essencialmente importantes. Ciente disso, chegaremos mais rapidamente ao que é.

\* \* \*

Fica patente, pois, que só a intuição poderá ajudar o homem a resolver os problemas da Terra, em um próximo futuro. Acredito ter ficado claro que a mente pensante e analítica não tem qualidades suficientes para solucionar fatos inéditos e, portanto, acima de sua compreensão, tais como: mudanças radicais no clima planetário, falta de alimentos básicos, adaptações nos sistemas de energia elétrica e, quem sabe, até a substituição dessa energia por outras mais viáveis no momento. Assuntos como a filtragem de energias por intermédio dos corpos sutis dos indivíduos, o desenvolvimento dos sentidos internos, o afrouxamento do corpo etérico com relação ao físico e outros só podem ser tratados intuitivamente.

As energias de raio têm sempre papel fundamental na nova ordem sobre a Terra, por estarem diretamente ligadas à psicologia, à astrologia e à



medicina, além de regerem, sob muitos aspectos, as iniciações. Teorizar sobre esses pontos pode confundir a mente intelectual, criando formas-pensamento supérfluas e de difícil dissolução posterior. Por isso, o silêncio e a quietude são buscados quando se pretende uma verdadeira compreensão. A ação dos raios em nossos corpos e a harmonia entre eles são o ponto de partida para esse novo conhecimento.



## OS RAIOS E A VIDA INTERIOR

DE ACORDO COM o conhecimento universal, expresso em alguns livros esotéricos, existem sete diferentes métodos que nos predispõem ao contato com a vida interior, cada um deles relativo a determinado temperamento. Procure entre eles (conforme descreveremos a seguir) qual é o seu caminho de menor resistência, e busque segui-lo, não insistindo no processo que reconhecer como não sendo o seu.

O contato com a vida interior, como se sabe, ocorre sem a participação do esforço humano. Esse contato é consequência do desenvolvimento da alma, que, no seu próprio nível de consciência, entrevê realidades mais altas. É impossível explicar isso precisamente: o porquê de esse contato não ser uma atividade humana, nem da mente concreta, racional. Trata-se de uma experiência interna, não descritível com palavras. Todos nós chegaremos a ela; muitos de nós já estão despertando para o nível da alma, embora nem sempre tenhamos consciência disso.

Esses sete métodos, um para cada raio, não são um exercício de interiorização (pois ela ocorre quando estamos totalmente livres de exercícios, esforços, preocupações e ambições), mas descrevem processos ou atitudes que podem ser assumidos na vida cotidiana física, emocional e mental. Quando essas atitudes estiverem incorporadas em nossas vidas, poderemos crer que estamos predispostos ao relacionamento com a vida interior.

O método de menor resistência para os que são do primeiro raio é a aplicação da vontade aos veículos físico, emocional e mental de uma forma dinâmica, o que significa manter a atenção intensamente enfocada na intenção elevada. Deve ser cultivada uma concentração tão profunda que iniba os empecilhos e force um canal de comunicação com os níveis superiores. Quando a aspiração é sincera e não egoísta, o eu superior responde positivamente.

Para os indivíduos do segundo raio, o método é o treinamento de uma inclusividade gradualmente crescente. Não se trata de um impulso, como no primeiro caso, mas sim da expansão da afinidade magnética e do amor elevado, até que incluam o ambiente e as almas coligadas ao mesmo grupo, ou estudantes associados à mesma intenção. Essa coligação pode ser subjetiva, não visível, não social, embora esta última possa também acontecer, no caso de todos terem suas metas espirituais tão claras

que já se sintam livres dos relacionamentos de personalidade.

Para os do terceiro raio, o processo natural é a adaptação sistemática de todo conhecimento disponível e de toda espécie de recursos à finalidade em vista. Trata-se de reunir todos os esforços possíveis para ajudar o mundo, seja por meio da informação correta e oportuna, seja por meio do amor e do discernimento amadurecidos.

Os do quarto raio aproximam-se da vida interior pela adesão à beleza e à harmonia; até isso se tornar uma conscientização realmente vivida, que atinja os planos internos. Neste raio, a nota anímica, ou sua expressão, é emitida em harmonia com outras almas, e o indivíduo aprende a retrain sua atenção para os seus próprios níveis internos com a finalidade de melhor compreender a vida.

Os do quinto raio chegam à vida interior pela intensa concentração da mente concreta em algum assunto, com a finalidade de ajudar a raça humana ou algum outro reino da Natureza. Outra faceta importante do processo, nesse raio, é o controle dos próprios corpos físico, emocional e mental; por meio do uso do elemento vontade, como no método do primeiro raio.

Já os do sexto raio aproximam-se da própria vida interna pela dedicação exclusiva, pelo amor a

alguém ou a um ideal. Por amor, o homem devocional-idealista torna-se inclusivo e, com todas as suas forças, contempla sua meta superior. Na dedicação à pessoa ou ao ideal, lança sua personalidade inteira que, assim, alinha-se com a alma. Isso é sugerido em todos os livros clássicos e muitos yogas do passado basearam-se nesse método, que persiste hoje, embora tenha sido transformado, como vimos no capítulo sobre o sexto raio, o da devoção-idealismo.

Finalmente, os indivíduos do sétimo raio encontram seu caminho para a vida interior conduzindo os três corpos externos à lei, à ordem e à disciplina espontânea. Estudam a lei e compreendem como e por que ela age. Aplicando-a inteligentemente à vida, melhoram as condições da humanidade em geral, tornando-se, assim, colaboradores da evolução da raça.

Assim, seja qual for o raio do indivíduo, seja qual for o seu processo de menor resistência, sob todos eles jaz uma Lei imutável: a do esquecimento do ego por meio do serviço exercido com amor incondicional.

PAZ

## LIVROS DE TRIGUEIRINHO

**1987** \_\_\_\_\_

NOSSA VIDA NOS SONHOS

A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA

**1988** \_\_\_\_\_

DO IRREAL AO REAL

HORA DE CRESCER INTERIORMENTE (*O Mito de Hércules Hoje*)

A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA

CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR

**1989** \_\_\_\_\_

ERKS - *Mundo Interno*

MIZ TLI TLAN - *Um Mundo que Desperta*

AURORA - *Essência Cósmica Curadora*

SINAIS DE CONTATO

O NOVO COMEÇO DO MUNDO

A QUINTA RAÇA

PADRÕES DE CONDUTA PARA A NOVA HUMANIDADE

NOVOS SINAIS DE CONTATO

OS JARDINEIROS DO ESPAÇO

## **1990**

---

A BUSCA DA SÍNTESE  
A NAVE DE NOÉ  
TEMPO DE RETIRO E TEMPO DE VIGÍLIA

## **1991**

---

PORTAS DO COSMOS  
ENCONTRO INTERNO (*A Consciência-Nave*)  
A HORA DO RESGATE  
O LIVRO DOS SINAIS  
MIRNA JAD – *Santuário Interior*  
AS CHAVES DE OURO

## **1992**

---

DAS LUTAS À PAZ  
A MORADA DOS ELÍSIOS  
HORA DE CURAR (*A Existência Oculta*)  
O RESSURGIMENTO DE FÁTIMA (*Lis*)  
HISTÓRIA ESCRITA NOS ESPELHOS  
(*Princípios de Comunicação Cósmica*)  
PASSOS ATUAIS  
VIAGEM POR MUNDOS SUTIS  
SEGREDOS DESVELADOS (*Iberah e Anu Tea*)  
A CRIAÇÃO (*Nos Caminhos da Energia*)  
O MISTÉRIO DA CRUZ NA ATUAL TRANSIÇÃO PLANETÁRIA  
O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA

## **1993**

---

AOS QUE DESPERTAM  
PAZ INTERNA EM TEMPOS CRÍTICOS  
A FORMAÇÃO DE CURADORES  
PROFECIAIS AOS QUE NÃO TEMEM DIZER SIM  
A VOZ DE AMHAJ  
O VISITANTE – *O Caminho para Anu Tea*  
A CURA DA HUMANIDADE  
OS NÚMEROS E A VIDA  
(*Uma Nova Compreensão da Simbologia Oculta nos Números*)



NISKALKAT – *Uma Mensagem para os Tempos de Emergência*  
ENCONTROS COM A PAZ  
NOVOS ORÁCULOS  
UM NOVO IMPULSO ASTROLÓGICO

**1994** \_\_\_\_\_

CONFINOS DO UNIVERSO

*Novas Revelações sobre a Ciência Oculta (em preparo)*

BASES DO MUNDO ARDENTE

*Indicações para Contato com os Mundos Suprafísicos*

CONTATOS COM UM MONASTÉRIO INTRATERRENO

OS OCEANOS TÊM OUVIDOS

A TRAJETÓRIA DO FOGO

GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

**1995** \_\_\_\_\_

A LUZ DENTRO DE TI

**1996** \_\_\_\_\_

PORTAL PARA UM REINO

ALÉM DO CARMA

**1997** \_\_\_\_\_

NÃO ESTAMOS SÓS

VENTOS DO ESPÍRITO

O ENCONTRO DO TEMPLO

A PAZ EXISTE

**1998** \_\_\_\_\_

CAMINHO SEM SOMBRAS

MENSAGENS PARA UMA VIDA DE HARMONIA

**1999** \_\_\_\_\_

TOQUE DIVINO

COLEÇÃO PEDAÇOS DE CÉU

*Aromas do Espaço*

*Nova Vida Bate à Porta*

*Mais Luz no Horizonte*  
*Campanário Cósmico*  
*Nada nos Falta*  
*Sagrados Mistérios*  
*Ilhas de Salvação*

**2003** \_\_\_\_\_

UM CHAMADO ESPECIAL

*Antologia de obras de Trigueirinho lançada em quatro idiomas.*

*Em inglês: Calling Humanity*

*Em espanhol: Un Llamado a la Humanidad*

*Em francês: Un Appel à L'Humanité.*

**2004** \_\_\_\_\_

ÉS VIAJANTE CÓSMICO

IMPULSOS

**2006** \_\_\_\_\_

TRABALHO ESPIRITUAL COM A MENTE

**2009** \_\_\_\_\_

SINAIS DE BLAVATSKY – *Um inusitado encontro nos dias de hoje*

**Publicados pela Editora Pensamento, São Paulo/SP, Brasil.**

**2012** \_\_\_\_\_

CONSCIÊNCIAS E HIERARQUIAS

**2015** \_\_\_\_\_

MENSAGENS REUNIDAS

MENSAGENS PARA SUA TRANSFORMAÇÃO

**Publicados pela IRDIN Editora, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil.**

**Toda a obra de Trigueirinho está editada também  
em espanhol pela Editorial Kier, Buenos Aires, Argentina.  
Alguns livros do autor estão sendo editados em outros idiomas pela  
Associação Irdin Editora, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil.**

Um livro que representa os tempos novos. Os Raios serão a base da psicologia no futuro e neles se fundamentará o conhecimento do homem. O que se designa como Raios são expressões de energias, e dizer que somos expressões de Raios significa que existimos como manifestação dessas energias.

Cada um de nós, cada planeta, cada sistema solar, é uma expressão de Raios. Entretanto, em um nível mais profundo, existe algo de um mistério insondável.

Um dos primeiros e mais reeditados livros escritos por TRIGUEIRINHO, recomendável para aqueles que buscam a própria realidade interior.